APENAS TRÊS PALAVRAS

Eduardo Baccarin-Costa

[ROMANCE]

[OUTRAS] PALAVRAS

Biblioteca Paraná

Publisher Editora

APENAS TRÊS PALAVRAS

Eduardo Baccarin-Costa

Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho
Editora Chefe

Eliane Arruda
Revisão

Carlos Alexandre Venancio
Preparação dos arquivos e capa

Manuela Sanchez
Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

B117a

Baccarin-Costa, Eduardo.
Apenas três palavras / Eduardo Baccarin-Costa; Prefácio de Antônio Santiago. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
162 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-090-3 (impresso)
ISBN 978-65-5422-106-1 (e-book)

1. Ditadura. 2. História. 3. Liberdade. Democracia. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 869.93
CDU 82-31(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Literatura brasileira: romance.
2. Literatura: romance (Brasil).

BACCARIN-COSTA, Eduardo. **Apenas três palavras.** 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

APENAS TRÊS PALAVRAS

Eduardo Baccarin-Costa

[OUTRAS] PALAVRAS
Publisher Editora
Biblioteca Paraná

SUMÁRIO

Apresentação 7
Sobre O Romance 9
Prefácio 13
Agradecimentos 15
Dedicatória 17

Capítulos:

1. Caixa de Pandora 19
2. No Sufoco 26
3. Prá Frente, Brasil 33
4. Fuga 43
5. No Fim Do Mundo 57
6. Seca 65
7. Miragem 71
8. Cartas De Amor 79
9. Tortura 97
10. Cartas Da Prisão 101
11. Morte? 103
12. Vida 111
13. Amnésia 121
14. O Bom Pastor 125
15. Virada 135
16. Eleições 141
17. Quase Memória 149

APRESENTAÇÃO

Dou minha palavra. A palavra salva. Redime, liberta, sara. Não resta dúvidas. Palavra reconstrói cidadania. Celso Rafael acreditava. Cria na palavra. Essa coisa transformadora. Palavra de honra. Convertida em filosofia. Mas palavra fere. Coisas não combinam. Ditadura e palavra. Ditadura é silêncio. Ditadura é imposição. Pensar palavra não.

Nunca contei palavras. Nunca pensei nisso. Até Celso Rafael. Até Clarinda Amaral. Palavras, ação, paixão. Clarinda e Carlos. Ideal e alfabetização. Educação libertadora apaixona. Clarinda descobriu isso. Carlos ajudou-a. Letras foram surgindo.

"Com amor, eu." Três primeiras palavras. Poderiam ser outras. Jesus, palavra encarnada. Clarinda do Amaral. Sitio Baixo, Pernambuco. Miséria da seca. Bonecas de espiga. Nada disso, porém. Apenas três palavras. Amor em cartas. Caixa postal 12. Caixa Postal 15.

Anos de escrita. Décadas sem resposta. A história passando. A ditadura acabando. A liberdade voltando. O sorriso renascendo. Trajetórias correndo paralelas. Cartas de amor. Registro de tempos. Sonhos de futuro.

Cicatrizes novamente abertas. Torturas sendo revividas. Mortes sendo relembradas. Almas sendo modificadas. A palavra converte. Paulo Renato testemunha. Ex-ateu convertido. Bom pastor nascido. Empatia, amor ágape. Pastor Paulo Renato. Carlos Heitor desmemoriado.

Apenas três palavras. Muitos nomes, porém. Nascido Celso Daniel. Carlos Heitor, foragido. Marcos Roberto, missivista. Uma totalidade humana. Carências absurdamente sentidas. Todas transformadas cartas. Todas para Lindinha. Caixa Postal 15. Sítio Baixo, Pernambuco. Todas sem respostas.

De repente, anistia. Exilados, enfim, voltam. Esperança

equilibrista sorri. Um tempo novo. Espera-se isso. Não acontece, ainda. Bomba no Riocentro. Liberdades seriamente ameaçadas. Eleições indiretas prosseguem. Sonho adiado novamente.

Carlos Heitor resiste. Por palavras, sempre. Em cartas apaixonadas. Desesperançadas, tristes, rancorosas. Nunca chegam respostas. Deus ouve palavras? Sim, até gemidos. Carlos gemia cartas. Sonhava sonhos distantes. Um país livre. Um amor, amante.

O mundo muda. O Brasil também. Idas e vindas. Democracia começa crescer. A esperança renasce. Deus começa remir. Reencontros, tristezas, decepções. Verdades, carências, paixões. Sentimentos difusos, confusos. O Brasil muda. De novo, infelizmente. O ranço surge. A ignorância cresce. Um beócio lidera. Urros, zurros, mugidos.

Comissão da verdade. Transparência seriamente ameaçada. Depoimentos chocantes levantados. Carlos Heitor fala. Chora, lembra, grita. Em lampejos, recorda. Palavra agora falada. Transcrita com sangue. Muitos relatos agonizam. Vira a página. Acaba com isso. Repete com OK. A turba aplaude. Claque alucinada delira. Tempos cinzas voltarão? Ah, isso não! Ah, isso sim. Política vira disjunção.

A disjunção une. Carlos e Clarinda. Reunião inesperada. Verdades à tona. Reencontro das palavras. Emoção, cartas, educação. A repressão separou. O voto reuniu. A democracia venceu. Provisoriamente, ao menos.

História é boa? Talvez, quem sabe. Eu a senti. Como necessária atualmente. Amor, política, educação. Ditadura e opressão. Extremos infelizmente unidos. Porém há palavra. E palavra liberta. Já disse, sei. No entanto, grave. Incuta na memória. Apenas três palavras. Para nunca esquecer. Ditadura nunca mais. Não vamos esquecer. Vamos sempre cobrar. País sem desinformação. Educação de qualidade. Cultura sem censura. Cartas para eternizar. No fim suspirar. Com amor, eu.

Eduardo Baccarin-Costa

SOBRE O ROMANCE

O QUE CABE EM TRÊS PALAVRAS?

Camila Mossi[1]

Qual a força de três palavras? Qual a importância de apenas três palavras? Quais foram as três primeiras palavras que você escreveu? Eu não sei bem quais foram as minhas, talvez algo como a "babá boba babou na bola" porque sou da época da cartilha. As do Eduardo Baccarin-Costa devem ter sido algo assim, também, mas que ele, ainda menino, já deve ter tentado transformar em poesia.

Qual a importância das primeiras três palavras escritas na sua vida, na minha? Qual a importância das primeiras três palavras escritas na vida de Clarinda, também conhecida como Lindinha, já moça e ainda analfabeta, moradora do sertão Pernambucano em plena ditadura militar brasileira? Trabalho de acadêmico, Baccarin-Costa, estudioso das Letras, narra o poder emancipador da leitura da palavra, aquela, freiriana, que vem da leitura do mundo.

Com um forte cunho social, o romance narra duas vidas unidas por três palavras e por todas as crueldades da ditadura. Celso Rafael, revolucionário por acaso, preso político e torturado, resiste aos sofrimentos com apenas três palavras. Professor por vocação, conhece o amor por apenas três palavras. Engolido pelo estado de exceção, refaz sua vida e suas memórias com apenas três palavras. As mesmas com as quais assina as incontáveis cartas para a mulher amada.

Sim, é um livro sobre o tempo em que se mandavam car-

1 Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), escritora, autora do livro Agora Sapiens (Editora Penalux, 2018)

tas. Aliás, é da música A última carta – sucesso brega dos anos 1970 – a inspiração para um dos vários nomes do protagonista, que acaba renomeado por causa da perseguição política. Trabalho de romântico, aposto que o autor de "Apenas três palavras" precisou se segurar para não entregar seus originais à editora perfumados e escritos à mão.

O romance é fruto de cuidadosa pesquisa. Baccarin-Costa trata sobre o contexto sócio-histórico da ditadura militar brasileira, mas também fala da política contemporânea, das eleições de 2018 e do entrave que causou nos trabalhos da comissão da verdade. Descreve cuidadosamente diversas cidades brasileiras, de grandes centros a sertões, e suas peculiaridades culturais.

Além disso, também proporciona ao leitor um detalhado relato sobre o futebol da época, o desempenho da seleção brasileira e o impacto dos principais jogos das copas de 1970, 1982, 1994 e 2002 na vida dos cidadãos comuns e, curiosamente, na dos presos políticos. Uma saudável obsessão do autor que é um deleite para o leitor fã do esporte? Talvez. Mas certamente uma obsessão do personagem Celso Rafael que traz um pequeno consolo durante os anos de chumbo.

"Apenas três palavras" é uma leitura importante em uma época em que o revisionismo histórico nega a ditatura militar brasileira e seus horrores. São necessárias muitas palavras para representar a injustiça e a tortura a qual tantos inocentes, como Celso Rafael, foram submetidos. Baccarin-Costa não poupa os adjetivos que impactam o leitor como um soco no estômago.

No entanto, são necessárias apenas três palavras para consertar o coração e a trajetória de Celso Rafael. Trabalho de poeta que acha que poesia cabe em romance, que romance cabe em ditadura, que futebol cabe em ambos e que absolutamente tudo cabe em três palavras. Trabalho de professor que acredita no poder transformador da educação.

Celso Rafael, Carlos Heitor, ou Marcos Roberto, três nomes de um mesmo rapaz que é fictício, mas poderia ser muitos Celsos, muitos Carlos e muitos Marcos que até hoje carregam

as marcas desses crimes – os que não estão, ainda, desaparecidos ou que não foram dados como mortos.

"Apenas três palavras" é um livro sobre poder: sobre o poder ditatorial, o poder da educação, o poder de um cristianismo antifascista, engajado à luta de classes, o poder do amor, mas, sobretudo, o poder da memória. O que cabe em apenas três palavras? Cabe a memória que Celso Rafael quer recuperar e a memória do país que não podemos deixar evanescer. As três mais importantes palavras, na atual conjectura política: não vamos esquecer!

PREFÁCIO

Antônio Santiago[2]

Apenas Três Palavras, não é simplesmente um romance. É uma narrativa onde ficção e realismo se confundem, se misturam, se fundem.

O escritor é o piloto de uma máquina do tempo, que nos leva ao período mais negro da nossa história. Com maestria, o romancista resgata acontecimentos dos porões da ditadura daqueles tempos sombrios e nos conta, de maneira crua, como eram aqueles anos de chumbo.

O romance é fictício, mas ninguém em sã consciência e que conhece minimamente a história do Brasil, sabe que Celso/Carlos Heitor, Paulinho/Amadeu, Fernanda/Beatriz, Toninho/Vladimir existiram com outros nomes e viveram histórias similares. E de forma magistral o "escrivinhador" nos traz de volta ao presente e dá o seu recado com "Apenas três palavras", Ditadura nunca mais.

2 Jornalista e Radialista. Ex-sindicalista nos anos 1960 a 1980.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar o dom de contar histórias, mesmo tristes, em mais de três palavras.

A Camila Mossi pela acolhida generosa dessa história.

A cada um dos meus mais de cinco mil alunos, que fizeram a diferença na minha vida por meio da educação, forma mais inspiradora de liberdade, sonho e paixão.

A Antonio Santiago, Amadeu Felipe, Mário Fragoso, Carlos Okawati, Ruy Mizubuti, Arno Giesen, Genecy Guimarães (in memoriam), João Eineck (in memorian), Elza Correia, Márcio Almeida, Paulo Gutierrez, Marysther Claro Gutierrez, Apolo Theodoro, Fábio dos Anjos e outros que a memória não alcança agora, pelas tardes inesquecíveis de sábado em que sonhamos, com muitas palavras, dias lindos para esse país, em nossas reuniões políticas.

Aos parceiros da pós-graduação em Letras da Uel, professores e minhas orientadoras (Rosemeri Passos Baltazar na Especialização e Telma Maciel da Silva no Mestrado e Doutorado) por terem desenvolvido em mim o senso de pesquisa em torno da memória.

A Josy Galvão, companheira de quatro décadas, parceira de uma vida, cúmplice de cada uma das minhas histórias em incontáveis palavras.

DEDICATÓRIA

A todos que, como Carlos Heitor, Amadeu e Fernanda, ousaram sonhar com um país livre, independente, democrático, republicano, soberano e pagaram com tortura, exílio e morte o preço desse sonho;

A todos que, como Clarinda, veem na educação uma forma de investir num mundo melhor, longe do discurso de ódio das *fake news* e entendem que o aprendizado é libertador e determinante para se ver livre de toda opressão;

A todos aqueles comprometidos com a Expansão do Reino, que fazem do Cristianismo um ato explícito de amor ao próximo, ao excluído, ao necessitado de pão – alimento físico e espiritual -, e veem na profissão e exercício da fé um ato da mais simples e pura fraternidade, usando as redes sociais como instrumento de evangelização, não de linchamento virtual, e não fazendo do púlpito palanque político- partidário.

CAPÍTULO 1 – Caixa de Pandora

21 de março de 2020. O Governo de Pernambuco antecipara, por conta da pandemia do COVID 19, o evento em comemoração aos 56 anos da Revolução que trouxe a Ditadura Militar ao Brasil. Com as mãos suando frio, a governadora Clarinda do Amaral entrou pelo corredor cheio de assessores, imprensa, deputados, e uma série de rostos marcados, manchados pela história de repressão, tortura, e exílio que tinham vivido cinco décadas atrás. O momento não era mais de apreensão, medo, silenciamento. A sensação mais próxima disso só se manifestava quando Jair Bolsonaro fazia declarações absurdas e jogava o próprio governo contra si mesmo, trazendo consigo todo aquele circo envolvendo pseudos moral, civismo, defesa da família e da nação que nada mais era do que a forma estadunidense de controlar o mundo e manter o capitalismo vivo, longe da ameaça do Kremlin.

Mesmo com o avanço do discurso da direita e a ameaça constante de cessar as liberdades conquistadas, os setores de defesa dos Direitos Humanos tinham algo que comemorar. Iriam ser transformados públicos, depois de um longo embate político-judiciário, os documentos levantados pela Comissão da Verdade, quase uma década antes, que deixavam à mostra todos os horrores vividos nos porões da Ditadura. Clarinda do Amaral, mesmo não tendo lutado contra a Ditadura, num primeiro momento, tornou-se voz viva pelas Diretas Já, quase vinte anos depois do Golpe. Agora, a vida lhe dava a chance de conhecer os meandros da realidade da qual emergiu, a fórceps, sua consciência política

Enquanto caminhava pelo corredor viu aquele homem franzino, frágil, aparentemente deslocado ali. Parou. Olhou detidamente para ele. Pegou-o pela mão e convidou-o para seguir

com ela até o plenário da Assembleia Legislativa onde ocorreria a solenidade da divulgação do Documento, em uma espécie de versão nordestina.

Ainda sem ter consciência de quem era aquele homem, Clarinda fez questão de mantê-lo por perto. Para a segurança da governadora, não havia necessariamente empecilho, visto que todos os convidados tinham passado por uma rigorosíssima triagem. Para os assessores, aquele gesto poderia render um excelente marketing político.

Ele, dentro do seu terno surrado, ainda não se sentindo totalmente à vontade nem naquela roupa, nem naquele lugar, apenas seguia as instruções dadas pelo cerimonial. Havia aprendido bem seguir ordens na cadeia.

Colocaram-no numa cadeira especial que, segundo contavam, era o lugar preferido da oposição. Gostou daquilo. Ficou de frente para a mesa de honra, com Clarinda ao centro.

Enquanto os discursos se sucediam, um olhava perdido para o outro, buscando, naquela troca de olhares, entender quem eram e o que a vida havia feito com eles naquela metade de século.

A memória de Carlos Heitor estava cada vez pior. Entendia que era por conta dos pesados setenta e cinco anos nas costas, muitos dos quais vivido sem rumo, em vilas de pescadores em Paulista e Jaboatão dos Guararapes. Outros tanto no sertão pernambucano onde vira de perto a miséria, a fome e o abandono completo do governo em relação às pessoas mais humildes e carentes.

Ela, por sua vez, olhava-o com ternura. Carlos Heitor parecia realmente muito familiar. Sua história de vida era marcada por sobressaltos, carências e dificuldades. Muito da sua carreira bem sucedida creditava a um homem especial que tinha cruzado sua vida e só recentemente tivera parcas notícias dele. Seu nome era Celso Rafael. Tinha sido seu primeiro grande amor, ainda que de uma forma meio platônica. Seus grandes rompantes de paixão só eram revelados por meio de cartas. Muitas

dessas só tinham chegado, agora, a suas mãos

Quando chegou a hora de Clarinda discursar, Carlos Heitor sentiu o peito arder como nos seus piores momentos na prisão. Sempre que sentia aquilo, sabia que alguma coisa extremamente boa ou ruim iria acontecer.

Enquanto Clarinda falava, um filme passava por sua memória confusa. Sabia que mesmo sendo, agora, governadora, tinha origem humilde. Não sabia exatamente como tinha sido o percurso até chegar ao cargo mais alto da política pernambucana, mas lembrava do fascínio dela em descobrir o mundo e as pessoas, depois que havia descoberto as palavras.

Porém, desde aquela primeira sessão de pancadaria sofrida, ainda na Rua Maria Antônia, em São Paulo, fatos, nomes e pessoas iam e vinham à sua lembrança. Tudo parecia um filme em edição, sem nexo. A vida era, para Carlos Heitor, uma espécie de colagens sem fim.

No discurso para aquela plateia que sofrera, direta ou indiretamente, os efeitos macabros da mão de ferro do Governo Militar, Clarinda lembrou da sua trajetória como sindicalista, como membro ativa da Pastoral da Terra e de como viu as injustiças grassando pelo estado de Pernambuco. Lembrou de todos os tipos de excluídos, falou das comunidades quilombolas que ainda habitavam uma parte do território do estado, especialmente na fronteira com Alagoas. Falou dos menores de rua, das prostitutas, e no final falou dos retirantes, daqueles seres "quase humanos" que sem saída diante da inclemência da seca têm que subir num pau de arara e partir para São Paulo ou Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor para a família. E aí lembrou de sua história...

Contou como apenas aos 15 anos tivera contato com as letras e com a leitura e como isso pôde fazer a diferença em sua vida.

Quando Carlos Heitor ouviu essa parte do discurso uma dor de cabeça terrível o acometeu. Sentiu o mundo rodando em sua volta. Ouviu vozes dissonantes e não sabia se eram vo-

zes angelicais ou ecos das vozes dos torturadores que tentaram arrancar dele informações que na verdade ele nunca teve, e das quais renderam longas sessões de espancamento, por julgarem-no um mentiroso.

A dor de cabeça rapidamente aumentou e Carlos Heitor viu tudo rodar à sua volta. Rapidamente o apoio médico chegou levando-o para um ambulatório bem próximo ao plenário, onde ainda se realizava a sessão que disponibilizaria os documentos da Comissão da Verdade para toda a população pernambucana.

O episódio alavancou ainda mais o discurso da Governadora. Mesmo sem ter clareza de quem era a pessoa que tinha tido o mal estar, Clarinda aproveitou para mostrar como ficavam, emocionalmente, as pessoas que tinham passado por toda a violência a qual os "interrogatórios científicos" que o Major Tibiriçá tinha usado em seus prisioneiros.

Carlos Heitor recobrou a consciência minutos depois. As primeiras coisas que ouviu, mesmo sem ter clareza daquilo, era menção à Caixa Postal 12. Este endereço postal era bastante conhecido, mesmo tendo clareza dos milhões de homônimos que possui. O coração apertou novamente.

Terminado o discurso e a sessão, Clarinda fez questão de ir até o ambulatório verificar o quadro de saúde do homenageado que tinha passado mal. Carlos Heitor já estava sentado, tomando um soro para se reidratar. Estava melhor. Ao olhá-lo mais de perto, no fundo do olho, teve certeza de quem era aquele homem. Com a voz emocionada e trêmula, quase balbuciou: Carlos Heitor Esteves ou Celso Rafael Esteves, como devo te chamar?

Carlos Heitor assustou-se. Achava-se protegido, mesmo tendo reencontrado sua história apenas recentemente. Não imaginava que detalhes dela poderiam estar vivos em outras pessoas, além das quais convivera e já tinha reencontrado. De repente, do nada, a Governadora recém empossada o chama por aquele nome. Como ela poderia ter sabido que ele um dia

tinha sido Celso Rafael?

Crendo que o Brasil estava vivendo realmente um novo momento, resolveu confiar na governadora: nascera Celso Rafael, mas que durante a repressão adotara o codinome Carlos Heitor em homenagem ao cronista Cony, que combatera de peito aberto os primeiros momentos da Ditadura com suas crônicas no Correio da Manhã.

Os olhos de Clarinda encheram de lágrimas. Não poucas escorreram de sua face e quase murmurando disse:

– Eu bem desconfiava que você nunca tinha ido embora de Pernambuco.

Carlos Heitor riu. Brincou que quase nunca tinha saído da grande Recife, pelo menos que se lembrasse. Fez troça. Isso também não era grande coisa já que sua memória estava mais fraca do que os argumentos de quem praticou os horrores na Ditadura. Fazendo jus ao codinome, disparou com a ironia do homenageado:

– Se não fosse o tal do "Mas, também..." acho que não existiria mais nenhum ideólogo de meia tigela. Todo "porra louca" de direita ou de esquerda quando quer justificar o injustificável começa sempre com o tal "Mas, também..." Minha memória sempre foi boa, "Mas, também..." com tudo que ela passou acho que não podia ser mais, né?

Riram. Clarinda conhecia bem aquele bom humor misturado com sarcasmo. Se a casca de Carlos Heitor estava fragilizada pela idade, pelas torturas, pelo sofrimento, a alma continuava a mesma que tanto mexera com ela nos tumultuados anos 1970.

Carlos Heitor ia fazer um movimento para perguntar como a governadora sabia que ele um tinha sido Celso Rafael, mas Clarinda não deixou. Pediu para segui-la até o seu gabinete no Palácio Campo das Princesas, a quinhentos metros dali. Fizeram o percurso em menos três minutos, em carro oficial. Em condições normais teria andado até lá, aproveitando mais da paisagem e das condições de segurança que o entorno pro-

porcionava. Desceu e conforme entrava, pôde ver de perto o luxo de cada detalhe daquele lugar. Achou, inclusive, um exagero algumas coisas ali, mas entendia que o cargo mais alto do estado deveria ter também as melhores acomodações, visto que passariam líderes das mais variadas partes do mundo por aqueles ambientes.

Entre um detalhe e outro, Carlos Heitor observava a fisionomia da governadora e tentava, de todas as formas, buscar na Clarinda Amaral a sua Lindinha.

Ao adentrar o gabinete da governadora, Clarinda o fez se sentir à vontade e sem dizer uma palavra, foi até um armário próximo e tirou uma caixa de médio porte, e sorrindo disse:

– Enfim acho que vou poder falar sobre isso aqui.

E abriu a caixa. Ali certamente estaria a explicação para toda aquela história.

CAPÍTULO 2 – No sufoco

O domingo amanheceu quente, apesar do inverno já estar chegando. Celso Rafael dormiu mais que todo mundo na sua casa. Quando acordou, a família já voltava da missa e só se falava no jogo entre Brasil e Inglaterra naquela tarde. O pai já tinha combinado com os tios para fazerem um churrasco e ficarem celebrando a família até a hora do jogo. Esperava que todos estivessem juntos naquela "corrente pra frente".

Celso Rafael havia combinado com Sílvio, Tuca, Gean, Fernanda e Toninho de se encontrarem no Bar do Portuga, na Avenida Nove de Julho, para assistir ao jogo. Tinham, na noite anterior, passado a tarde discutindo filosofia, especialmente o trotskismo e talvez fizessem uma experiência anarquista em breve.

Toninho insistia que teria de ser logo essa aventura do grupo, porque seus dias em São Paulo estavam contados. Pegaria um ônibus em direção à Bahia e ali se juntaria a Lamarca na resistência armada à Ditadura. Fernanda jurava ir junto, mesmo revelando muito mais afinidade com os ideais do movimento Hippie do que da causa política do MR-8, da VAR-Palmares e da VPR.

Sílvio e Gean faziam a linha mais condescendente e achavam que só por meio da conscientização da população a Ditadura cairia. Era preciso disseminar livros, cultura, arte e principalmente informação. Com isso, os militares não resistiriam. Era fundamental estabelecer uma sociedade igualitária, participativa, sem preconceitos, laica. Isto apenas o PCB ofertava à sociedade brasileira.

Tuca e Celso eram os mais intelectuais do grupo. Tuca era apaixonada pelo teatro e já estava engajado nas propostas críticas e sociais defendidas por Vianinha, Guarnieri, Boal entre outros. Para Tuca, apenas a arte, especialmente o teatro, era que

poderia ser objeto de tanta transformação social. Fundamentava sua opinião mostrando como os militares tinham entupido a população com novelas e como a Rede Globo anestesiava o senso crítico e a idiossincrasia da nação. "O pior é que vai demorar uns cinquenta anos para nosso povo sair desse coma, dessa letargia que se encontra, se não acontecer uma revolução na arte, na educação e na cultura", bradava com frequência.

Celso, por sua vez, mergulhava na leitura. Lia Sartre, Joyce, Graciliano, Marx, Maquiavel, Neruda, e Cruz e Sousa com uma sede que parecia inesgotável. Um povo que lê é um povo que não é marionete do governo, repetia animado nas reuniões do grupo. Foi ele, inclusive, que deu nome àquela roda: SAL, sigla de Sociedade dos Amigos Libertários.

O grupo se reunia constantemente em bares ou nas casas de Tuca ou de Gean. Tudo sempre era muito mais festa do que exatamente uma espécie de QG revolucionário. A sede de vida, própria da juventude, era tão intensa quanto a sede de liberdade e democracia aspirada pelo sexteto.

Também não era um grupo alienado das outras realidades vividas no país, e quase todos gostavam de ver Pelé jogar. Aliás, este era o único rei do qual eles tinham o mínimo prazer em se sentir súditos. Por isso, tinham acompanhado na casa de Gean a excelente vitória de 4x1 contra a Tchecoslováquia, na estreia da Copa do México.

Um quase mal-entendido aconteceu naquele jogo, quando o Brasil marcou o segundo gol, virando o placar. Um dos vizinhos de Gean berrou, parecendo uma clara provocação, ao celebrar o gol: "Tem que acabar com esses comunistas de merda mesmo". Fernanda levantou e ia dizer um monte de impropérios quando Toninho a segurou, e tentando contê-la apenas disse

– Calma, Fernanda. Lembre-se que os milicos têm ouvido. Uma reação sua e todos nós podemos ir parar na Maria Antônia.

Celso riu. Não entendia ainda muito bem esses nomes. OBAN, DOI-CODE, Maria Antônia. Sabia o que eram, mas exa-

tamente o que estavam fazendo e o que seria essa referência geográfica ainda era algo bem distante para ele.

Para evitar qualquer tipo de problema no jogo seguinte, marcaram de se encontrar no Bar do Portuga. Se o Brasil ganhasse, certamente ia ter festa no Bexiga, e da Praça 14 Bis ao bairro imortalizado por Adoniram Barbosa era um pulinho. Todos poderiam encher a cara, sonhando que o Brasil logo sairia daquele pesadelo chamado Ditadura.

Com programa definido para aquele domingo de junho, Celso levantou e foi tomar um banho e um café da manhã. O cheiro da carne assada já começava entrar pelas suas narinas e não conseguiria ficar muito mais tempo na cama mesmo. Quando chegou na cozinha, já vestido, e pôs um café morno na xícara, a mãe se assustou e perguntou se ele não ficaria em casa para assistir ao jogo com o pai, os irmãos e os tios. Celso explicou que tinha marcado um encontro com os amigos e que depois talvez fossem em algum lugar no Bexiga comemorar a vitória.

A mãe não gostou nada do que ouviu e mais uma vez recomendou evitar aquelas companhias. Ficava preocupada de ver seu menino andando com uns rapazes e umas moças que não iam à missa, uns que nem eram batizados, e que adoravam aqueles cabelos e roupas estrambólicas. Sem contar que bebiam muito e certamente faziam sem-vergonhices quando estavam de cara cheia.

Celso achava tudo aquilo um exagero e pediu para que a mãe não se preocupasse. Era grandinho e saberia se virar.

A mãe continuou a ladainha lembrando daquela moça que queria ser artista e de cuja os pais eram desquitados (falou isso fazendo o sinal da cruz). Certamente não seria mulher para seu filho namorar. E com os olhos arregalados disparou:

– Filho, é capaz dela nem ser mais virgem. Sabe como são esses artistas. E tudo que eu quero pro meu filho é uma moça boa, pura, religiosa...

Celso fazia um esforço para não rir. Esse padrão de mulher submissa, acomodada, rainha do lar, era tudo o que ele me-

nos queria para uma companheira de vida a dois. Tinha lido, em vários livros, perfis de mulheres independentes, mas excelentes amantes, parceiras, cúmplices. Era algo assim que efetivamente precisava encontrar.

Depois de ouvir displicentemente todas as recomendações maternas, beijou a mãe, despediu-se do pai e dos irmãos e foi para o ponto de ônibus pegar uma lotação até o centro. Depois iria a pé para a Nove de Julho.

No caminho até o Vale do Anhangabaú foi pensando nas coisas ditas pela mãe e nos exageros que via em tudo aquilo. Não sentia nenhum perigo.. Nem mesmo virgindade parecia ser um problema para Celso Rafael. De repente, sua atenção foi roubada pelo excesso de carros de polícia nas ruas. Para um domingo, dia de jogo do Brasil na Copa, com a TV transmitindo, não havia tanta necessidade de policiamento assim.

Desceu do ônibus e viu que algumas pessoas se aglomeravam em vários bares para assistir ao jogo. Pensou em ficar ali pela região, mas lembrou-se do compromisso assumido com os amigos. Nunca fora de faltar um encontro da SAL, não seria agora que faria isso.

Saiu andando mais apressadamente, porque se aproximava a hora do grande jogo. A Inglaterra, atual campeã, tinha montado uma seleção duríssima e buscava com todas as forças o Bicampeonato para se igualar a Brasil, Alemanha, Itália e Uruguai. A seleção de João Saldanha, afastado do comando por causa da sua ligação e por ser filiado ao PCB, agora com adaptações desde que caíra nas mãos de Zagalo, buscava o inédito tri. Certamente seria a melhor partida daquela Copa.

O andar apressado chamou a atenção de uma viatura policial que o acompanhou de perto por toda Rua Avanhandava. A opção de fazer um caminho mais longo para ver como estava São Paulo naquele 7 de junho de 1970 poderia custar caro. Ainda assim não se incomodou e seguiu, querendo assistir ao jogo inteiro.

Ao entrar na Rua Acaraú, ouviu a canção composta por

Miguel Gustavo, uma espécie de hino daquela Copa e que acabaria se tornando uma das músicas símbolo da alienação política do povo daquela época, e automaticamente começou a cantar: "Todos juntos, vamos, pra frente Brasil, salve a seleção... De repente é aquela corrente pra frente".

A música, aparentemente, salvou Celso de uma abordagem policial bem ríspida. A viatura seguiu seu destino. Na Nove de Julho correu até a Praça 14 Bis e quando chegou no Bar do Portuga, já se ouvia os primeiros acordes do Hino Nacional Brasileiro.

Afobado entrou no bar e correu para a mesa onde estavam todos os integrantes da SAL. Pediu uma cerveja, abriu um largo sorriso e disparou:

– Entre o rei e a rainha, hoje sou mais macho.

Riram muito. Tuca fechou a cara num primeiro momento, mas depois entendeu a brincadeira de Celso, ainda que tivesse sido mal colocada. A tensão estava em todos. O jogo realmente parecia ser bem mais difícil do que todos esperavam.

Logo aos 15 minutos do primeiro tempo, Banks fez uma defesa milagrosa, desviando um gol certo de um chute de Pelé. A Inglaterra pressionava, mas o Brasil resistia.

– Nós somos melhores que eles para resistir à pressão disse Toninho, rindo entre um gole e outro.

A fala do amigo fez com que Celso se lembrasse do excesso de polícia que tinha visto desde o Anhangabaú até a Praça 14 bis, naquela tarde de domingo. As conversas que a repressão tinha aumentado e que muita gente estava sendo presa, torturada e morta tinham assustado o rapaz, mas ele ainda não se sentia em perigo, pois o mais próximo que ele estava de uma guerrilha ou de um envolvimento com a resistência armada à Ditadura só poderia ser aqueles amigos. Nunca se envolvera diretamente nestas questões nem se filiara ao PCB ou qualquer outro partido considerado "de esquerda, comunista". Sentia-se, assim, seguro.

Porém, especialmente naquele dia, uma sensação de

coisa ruim ficou no seu peito desde que sentira aquela viatura controlando seus passos enquanto descia a Rua Avanhandava. Concentrou-se novamente na partida. O Brasil que precisava dele, estava em campo disputando um dos jogos mais difíceis de sua história.

Quando retomou o espírito de Copa e voltou a torcer intensamente para o escrete canarinho, como dizia o narrador Geraldo José de Almeida, o lateral esquerdo Everaldo foi agredido com um grande soco no rosto que o deixou fora de jogo por um tempo. Imediatamente o signo agressão remeteu ao significante tortura, mesmo não tendo experimentado nem testemunhado nada parecido. Novamente o coração de Celso apertou, mas convenceu-se mais uma vez que não fazia o menor sentido aquela angústia. A SAL estava muito mais para uma organização de contestação da moral do que uma espécie de aparelho da esquerda.

46 minutos. Fim do primeiro tempo. O jogo continuava como havia começado. Nenhum gol marcado. Como todos haviam previsto seria a partida mais difícil da Seleção Brasileira naquela Copa. Havia até quem apostasse que dali sairia o novo campeão mundial, desprezando as fortes Itália e Alemanha.

Tentando relaxar, Celso pediu mais uma cerveja, tomou um gole rápido e foi para o banheiro. No peito, aquela angústia que já durava uma meia hora. Enquanto urinava, conversava com Gean, que dividia com ele a latrina, sobre a partida. De repente o amigo apenas disse:

– Só sei que o jogo não tá igual não, meu irmão. Quando se começa algo, o processo de transformação imediata é praticamente irreversível. Assim como o Brasil. Nunca mais será o mesmo. Você ainda vai ver grandes e profundas mudanças acontecerem, meu irmão... acredite...

Quando Gean pronunciou a última sílaba da palavra acredite só se ouviu um barulho ensurdecedor na porta e o som de garrafas quebrando, mesas virando e gritos de ordem que era para todos se calarem senão morreriam ali mesmo.

A repressão havia recebido uma informação da qual o Bar do Portuga era uma espécie de célula de algum foco de resistência comunista e que invariavelmente se reuniam no lugar para elaborar sequestros, roubos, ataques terroristas visando derrubar o Governo Militar. Justamente o lugar onde as discussões mais acaloradas era sobre se a Portuguesa teria alguma chance no Paulistão, haviam transformado em núcleo terrorista.

Dois dos policiais mais mal-encarados, foram até o banheiro onde estavam Celso e Gean. Um deles reconheceu Celso daquela caminhada pela rua, momentos antes. Isto bastou para que tivesse a certeza: o bar do Portuga era um aparelho comunista. Algemaram os amigos, já dando tapas e aplicando o cassetete nas costas dos dois. Gean xingou um deles e levou pancadas ainda mais fortes na perna que o jogaram no chão gemendo de dor.

Enfiaram todos no camburão, deixando apenas o bar aberto, e a TV ligada no jogo. O estabelecimento ficou entregue às moscas. Portuga ainda tentou mandar um recado para um dos filhos vir cuidar do estabelecimento, mas tomou uma pancada violenta com um pau na mão. Teve a sensação de ter quebrado uns quatro ossos do membro superior direito. Por conta disso, colocaram Portuga num fusquinha e sumiram. Nunca mais Portuga foi visto em lugar nenhum do mundo.

Ao chegarem na delegacia, Fernanda viu, de relance que estavam na Rua Maria Antônia. Mau sinal. As informações que vinham daquele lugar eram as piores possíveis. De repente um grito de alegria explodiu no ar. Jairzinho, numa jogada sensacional, havia feito o gol do Brasil. A vitória da nação tida como mais feliz do mundo parecia estar sendo consolidada. Por que não a democracia e a justiça caminharem na mesma corrente pra frente com a seleção e resgatar todas as liberdades individuais?

CAPÍTULO 3 – Prá frente, Brasil

Antes que o jogo contra a Inglaterra acabasse, estavam todos jogados em celas frias. Nem sequer um telefonema aos familiares foi permitido. Celso e seus amigos eram perigosos demais para fazer contatos com os parentes, solicitando um advogado. Se ao menos soubessem do que estavam sendo acusados, poderiam se defender. As únicas coisas que conseguiam ouvir era: eles sabiam exatamente porque estavam ali. A fala mais delicada que ouviram foi que estavam sendo investigados e precisariam esclarecer algumas coisas. O motivo real, exatamente, ninguém dizia. Fernanda e Tuca ficaram numa cela, sozinhas, bem em frente a Celso. Nas celas próximas, os outros rapazes, cada um em uma. Com as meninas, duas jovens com aparência de estarem drogadas e outra com cara de pouquíssimos amigos. Tuca parecia estar em estado de pânico. Tinha crises constantes de choro e algumas vezes gritava, clamando liberdade. Isso irritou as companheiras, que, aos berros pediam para alguém tirar aquela mulher dali e enfiar num outro lugar. Os carcereiros pareciam estar muito mais preocupados com o final do jogo do Brasil na Copa.

De repente dois homens com cara de nenhum amigo e com um sadismo explícito no olhar entraram berrando com os presos. Xingavam a todos. Só não se ouvia bem tudo o que diziam porque os fogos lá fora anunciavam de forma bastante barulhenta a vitória do Brasil contra a Inglaterra.

Pararam em frente a cela onde estavam as mulheres, e iniciaram um verdadeiro rosário de palavrões e humilhações contra todas. Tuca chorava, punha a mão na cabeça, e andava de um lado para o outro dizendo coisas inaudíveis. De repente, agachou-se num canto e entrou numa crise de angústia e desespero que gerou uma revolta geral em todos encarcerados.

Fernanda, sem pensar duas vezes, foi até próximo ao gradil e cuspiu na cara de um dos carcereiros. Era a gota d'água que faltava para aquele caldeirão de maldades e tortura transbordar.

Possesso, o carcereiro mais magro - e aparentemente mais sádico - abriu a grade e puxou Fernanda pelos cabelos, jogando-a para fora. A moça bateu com a cabeça na grade da cela onde estava Gean e perdeu os sentidos. O rapaz perdeu o bom mocismo que o caracterizava e começou a xingar os carcereiros. O mais gordo, com um cassetete na mão, veio até a cela e bateu com força na mão esquerda de Gean, praticamente quebrando dois dedos.

O mais magro, sem esperar aquela sucessão de agressões acabar em motim, pegou Fernanda pelo cabelo e levantando a moça - que começava a recobrar os sentidos - ainda sangrando na testa disse em alto e bom som:

– Parabéns, mocinha... acabou de ganhar uma sessão caprichada na Cadeira do Dragão. A gente tava tendo dificuldades para escolher qual de vocês seria o primeiro a nos contar algumas coisas. Mas como você se prontificou desse jeito, a coisa ficou bem mais fácil. E deu uma gargalhada que ecoou por todo o corredor, fazendo do lugar algo muito mais tenebroso.

Em seguida, pegou Fernanda pelo braço e foi arrastando pelo corredor. O mais gordo acompanhava tudo de perto e, vez ou outra, coçava o saco sugerindo que aconteceria algum tipo de violência sexual com a menina.

Por alguns poucos minutos, o silêncio foi sepulcral.

De repente, um som de um rádio ou de um aparelho de som começou a tocar "Eu te amo meu Brasil", enquanto as luzes oscilavam e gritos femininos eram ouvidos do final do corredor. Toninho foi até a frente da sua cela e começou a gritar pela companheira. Em seguida, enunciou algumas frases que pareciam uma espécie de palavra de ordem para que ela não cedesse, nem mediante a tortura, nem aos "caprichos" daqueles dois homens.

Neste exato instante ia entrando no corredor um homem

baixinho, cara de gângster, com um imenso distintivo da Polícia do Exército. Ao ouvir a frase meio desconexa de Toninho, apressou seu passo e foi até o cubículo onde estava o jovem. Não disse uma palavra. Encarou-o, de cima a baixo, resmungando alguma coisa.

Foi até o final do corredor e em seguida voltou com um sorriso ainda mais sarcástico na cara. Passando na frente da cela de Toninho disparou:

– A vitória do Brasil hoje já foi boa, mas a comemoração vai ser muito melhor.

Em seguida surgiram os dois homens que tinham levado Fernanda. Sozinhos. O pânico foi geral entre todos os membros da SAL. A ideia de que Fernanda não tinha sobrevivido à violência a qual tinha sido submetida dominou a todos.

Tuca entrou num choro sentido. Gean olhava vazio para as paredes querendo entender o que estava acontecendo. Celso Rafael, catatônico, só pensava no que ele estava fazendo naquele lugar e procurava não demonstrar pânico, cantando algumas poucas canções religiosas que lembrava da sua época de catequese. Silvio e Toninho, presos na mesma cela, gritavam sem parar para ver se a companheira respondia. O primeiro, que tinha ficado quase em silêncio na hora do jogo, agora, na prisão, parecia colocar pra fora todas as angústias internalizadas.

Os dois pararam na cela onde estavam Silvio e Toninho e sorriram. Saíram dali apressadamente, voltando com mais dois guardas, armados. Os policiais abriram a cela e algemaram Toninho, levando-o numa direção oposta a que eles tinham tomado para levar Fernanda. O cerco estava se fechando perigosamente contra os componentes da SAL.

Naquela noite, o silêncio predominou nos corredores. Não se ouviram mais vozes, gritos, sons. Nem mesmo ocorreu oscilação de energia. Este gesto demonstrava que outros aparelhos com alta carga de eletricidade estavam desligados.

Quando os primeiros raios de sol indicaram que um novo dia de outono estava começando, Celso abriu os olhos assus-

tado. Olhou para os lados e viu quase todos dormindo um sono pesado. Um detento, acordado na cela ao lado, comentou: não sabia o que estava fazendo ali, apenas que tinha sido detido na casa de um amigo, quando a polícia chegou arrastando todo mundo. Não tinha mais notícias dos seus companheiros fazia duas semanas. Nem perspectiva de até quando ficaria detido ou se seria solto. Celso enfim entendeu que não sairia tão cedo daquela prisão. Vivo, pelo menos.

A aparente tranquilidade demonstrada no dia anterior - diante da certeza de que reconheceriam o grande equívoco com sua prisão - começava lentamente dar lugar a uma espécie de pânico. Os batimentos cardíacos aumentavam e uma dispneia já estava sendo registrada.

De repente, dois novos soldados chegaram trazendo o "café da manhã": uma caneca com leite morno e café frio e uma torrada com um aspecto de validade vencida há mais de uma semana. Celso se indignou com aquilo. Se era para ficar preso, mesmo, que fosse tratado com um mínimo de dignidade. Aliás, já havia uma Declaração dos Direitos Humanos que previa dignidade aos encarcerados. Mais até: previa que ninguém poderia ser preso ou mantido em cárcere sem alegação formal de algum crime tipicamente qualificado.

Num momento de fuga total da realidade resolveu protestar. Os soldados, que estavam servindo a última cela do corredor, voltaram até ele. Nos rostos, a fisionomia de ódio era explícita. Ironicamente, um deles perguntou o que estava acontecendo. Celso tentou explicar, mas foi cortado no início do seu pensamento com o seguinte contra-argumento:

– Cala a boca, seu comunistinha de merda ou vai conhecer a nossa forma bem carinhosa de lidar com gente como você, que adora uma agitação.

O jovem que preferia ficar na companhia dos livros e das palavras agora parecia ser um homem de ação. Justo ele que era tido como o mais equilibrado da SAL, tendo inclusive a alcunha de "filósofo", porque sempre evitava debates calorosos,

resolveu perder a paciência e confrontar aqueles homens.

Os soldados, evidentemente, se sentiram provocados pelas palavras de protesto de Celso. Não poderiam permitir sua autoridade ser contestada daquela maneira. Foram até a cela, e com apenas uma mão, puxaram Celso para fora, começando ali mesmo o espancamento.

Enquanto os outros presos procuravam manifestar sua indignação, os dois carcereiros pegaram-no e o arrastaram até o fundo do corredor, na mesma direção na qual Toninho tinha sido levado, na noite anterior.

Antes de fecharem a sala, Celso ainda pôde divisar à distância Fernanda sendo levada de volta à cela por outros carcereiros. Parecia desacordada. Estranhamente se sentiu aliviado. Se a tinham levado de volta ao cárcere, certamente ainda estava viva.

Mal concluiu o pensamento, recebeu um soco potente em seu estômago. Caiu, de joelhos no chão. Enquanto buscava o ar, ouvia uma série de impropérios por parte dos policiais. Além do festival de palavrões, Celso foi obrigado ouvir as mais diferentes provocações. A que mais o deixou em pânico foi quando escutou: iria ser recebido com honras pelo delegado Fleury. Sabia, ainda que fosse sem detalhes, o que significava cair na mão daquele homem.

Para sua surpresa, não o agrediram mais. Não naquele dia. Mas o jogaram numa cela, sozinho, sem a menor condição de abrigar um animal. Quiçá um homem.

A cela tinha pouco mais de 3 metros quadrados. Dentro, um trapo que um dia tinha sido um colchão, uma minúscula janela. E só. Nem mesmo o "boi" havia ali. Se quisesse fazer suas necessidades fisiológicas, deveria escolher um canto e ali urinar e/ou defecar. E aguentar o cheiro...

Com o corpo doído das pancadas e sentindo o peito doer de tanta indignação e humilhação pelo que tinha passado, Celso procurou - a princípio - se deitar naquele esboço de cama e pensar. Já era noite alta daquele domingo e em condi-

ções normais estaria com os amigos num bar, jogando sinuca, falando da vitória sobre a Inglaterra ou até mesmo paquerando alguma jovem na quermesse da Igreja do bairro.

Agora, no entanto, a realidade era outra. Era um preso, um marginal, uma pessoa perigosa, mesmo tendo passado sua adolescência e juventude, mergulhado em livros e cadernos. Pensar por si só era a atividade da qual mais gostava. Escolher amigos que pensassem minimamente como ele, também. Deveria ser assim com todo mundo. Não era mais. Naquela época, pensar era transgressão grave. Pensar diferente do governo era crime condenável, muitas vezes, com a morte.

Começava a entender o que era, na verdade, uma solitária. Onde estava quase não se ouvia as vozes que ecoavam nas galerias. Um monte de gente amontoada em celas, sem que ninguém soubesse seus paradeiros, esperando uma sentença a ser dada não por uma corte ou por um juiz, mas por um delegado ou um superior qualquer da hierarquia militar que odiasse qualquer coisa ligadas aos ideais de Moscou.

O sonho de ser livre para amar à sua maneira, para manifestar suas convicções até religiosas longe de qualquer paradigma preestabelecido, de desnudar-se de corpo e mente, agora estavam devidamente enjaulados. O desejo de ver uma nação soberana, longe dos padrões estadunidenses - até porque muitos jovens americanos contestavam o "american way of life" - tinha sido frustrado. Celso via a sua vida chegar numa encruzilhada que indicava o seu fim. E ele só tinha 25 anos.

Chorou muito ao se dar conta do que estava acontecendo. Só parou quando viu uma barata andando livremente pela sala, saindo e entrando da minúscula janela onde conseguia ver um pouco da lua daquele dia oito de junho de 1970, recém-começado. Num delírio sem fim começou a conversar com o inseto. Lembrou-se do livro de Kafka. Riu mais alto ainda e começou a chamá-la de Gregor Samsa.

Dormiu entre choro e riso alucinados. Acordou quase cinco horas depois com a bexiga cheia. Do que? Não fazia a

menor ideia. Desde que entrara naquele cubículo não havia bebido e nem comido nada. Aí teve de confrontar sua realidade: onde poderia urinar ali? Sem outra saída, foi num canto e molhou bastante aquela parte da cela.

O problema era que horas depois o sol apareceria e bateria exatamente no lugar onde Celso havia urinado. O cheiro certamente seria insuportável. Foi exatamente o que aconteceu.

No final da manhã, o cheiro da urina, acumulada da aliviada noturna, começou a ficar mais forte, o que começou a dar ânsia de vômito em Celso. Irritado, começou a bater na porta da cela para que fosse tratado com um mínimo de dignidade. Possesso, o carcereiro abriu a cela, e mesmo sentindo o fedor, resolveu dizer uma série de impropérios ao prisioneiro.

Tentando argumentar e com um mínimo de civilidade, mostrou a condição degradante na qual estava instalado. O carcereiro riu. Disse que pessoas como ele estavam sendo bem tratadas. Comunista tinha que morrer tudo, definhando.

A fala do carcereiro despertou a ira em Celso. Sentimento mais agravado pelo jejum forçado, visto que até aquela hora não tinha comido nada. Resolveu, por conta disso, iniciar um bate-boca com o carcereiro, prontamente interrompido com uma sucessão de muros na cabeça e no ventre. Celso entendia o nível de linguagem que aqueles homens usavam.

O sangue jorrou, misturando-se à urina naquela cela fétida. Celso foi jogado sobre o colchão. Ameaçou ainda dizer um ou dois palavrões, mas só ouviu do carcereiro que, por conta daquele ataque de fúria, ficaria mais um dia sem comer e talvez mais um ou dois ali. Entendia, naquele momento, como funcionava - de verdade - as coisas nos corredores da delegacia: carcereiros eram, de fato, os donos do lugar. Eles é quem faziam as regras.

A fome foi o grande fantasma de Celso naquela segunda feira. Toda a privação que vinha passando não fazia o menor sentido. Nunca tinha sido capaz de qualquer ilicitude. Nem mesmo uma "mentirinha inocente" saiu da sua boca. Agora era

tratado como um meliante de alta periculosidade. Seu crime? Não tinha a menor ideia. O palpite mais próximo para ser considerado perigoso era de pensar e sonhar com um país livre, soberano, independente com direitos iguais para todos. Nunca, porém, havia enunciado publicamente um discurso desse. Então por que estava ali como um animal, um pária?

Chorou mais uma ou duas vezes um choro compulsivo. Ninguém o ouvia. Se alguém o ouvisse, certamente faria troça dele. Ficou assim, sentindo fome, dor, bebendo seu sangue e sua escassa urina. À noite, quase sem forças, conseguiu sorrir. Gregor Samsa havia voltado e trouxera mais três colegas. Seriam da família? Seriam amigas? Ou um quarteto que estava a fim de uma orgia para quebrar a rotina da vida de inseto? Riu do seu estado emocional.

Conversou um bom tempo com Gregor. O inseto parecia ouvi-lo com atenção. Era a primeira pessoa que parava para escutar o que tinha a dizer. Mas desde quando baratas têm ouvido? O delírio era extremo.

Gargalhou histericamente. Sua condição era delirante, humilhante, degradante. Estava enlouquecendo? Todos os sinais apontavam para uma resposta afirmativa. Começava a conhecer, na prática, o que eram as longas horas de tortura psicológica as quais os homens do DOI-CODI submetiam seus presos.

No meio do surto histérico sentiu o intestino contrair. Não havia comido nada e o corpo queria expelir algo que ainda retinha dentro dele. Mais uma contradição num universo contraditório. Apavorou-se. Procurou, alucinadamente um lugar onde pudesse defecar. Não encontrou. Foi num canto oposto e obrou. Fezes e sangue se misturaram à urina produzindo um espetáculo ímpar do ponto de vista visual e olfativo. Celso só teve tempo de se deitar, com as forças vencidas, e entre risos e choro adormecer, produzindo uma verdadeira cena surreal.

Acordou com barulhos de correntes e vozes entrando pelo corredor. Os sons de pancadas, palavrões e humilhação ecoaram na solitária. Entendeu que havia outras celas como

aquela por ali. Gritou clamando por comida.

Vinte e cinco minutos depois a cela se abriu. Era manhã alta. Um homem que parecia ser o chefe indignou-se ao sentir o cheiro que exalava aquele lugar. Mandou que dessem um banho de mangueira em Celso e depois dessem alguma coisa para comer e beber.

Celso se fartou com aquela água. Matar a sede lhe trouxe vida. Nem sentiu as feridas latejando. Depois comeu o seu banquete matinal: duas torradas pra lá de duras com um café que deveria ter sido feito no aquecimento da seleção brasileira, 48 horas antes, tão frio e fraco que estava.

Enquanto banhava-se e banqueteava-se, os policiais jogavam água na cela, aliviando minimamente o odor. Depois jogaram novamente Celso dentro do cubículo. Naquela noite, dormiu um sono mais leve. Nem Gregor apareceu.

No dia seguinte, logo cedo, ouviu passos no corredor e em seguida, viu que abririam a cela onde estava. Enquanto destrancavam a porta, enxergou Gregor escalando-a. Sorriu.

O soldado, dessa vez, parecia ser amistoso. Retribuiu o sorriso, e, numa espécie de solidariedade absurda, levantou Celso com jeito e o levou até a cela onde estavam os amigos. O olhar do soldado denunciava que alguma coisa errada estava acontecendo. Ou Deus havia providenciado um anjo para livrar a SAL da morte ou certamente os requintes de crueldade do DOI-CODI tinham atingido o ápice.

Ao ser jogado na cela, o soldado emitiu os primeiros sons daquela manhã já ensolarada:

– Logo vocês vão sair daqui. Talvez até para um lugar melhor.

E saiu batendo a porta atrás.

O que era aquele soldado? Que representações poderiam extrair daquele discurso? Liberdade e morte, naquele caso, estariam no mesmo campo semântico? As perguntas sem respostas borbulhavam nas mentes de todos.

O primeiro olhar de Celso foi em direção a Fernanda. Viu

que a companheira estava viva, mas com marcas por todo o corpo. A fisionomia era de tristeza, angústia. A companheira dava claros sinais de ter sido seviciada pelos torturadores durante o período em que ficara na cela para onde fora levada. Aquilo embrulhou o estômago de Celso. Era assim que o governo estava construindo um novo país, livre do terror que o comunismo representava?

CAPÍTULO 4 – Fuga

Os dias seguintes passaram lentos. Novos "criminosos" chegavam e saiam quase todos os dias. As notícias dando conta de que alguns deles nunca mais seriam vistos ecoava pelas paredes. Um terrorismo psicológico era imposto aos detidos. Vida nova no exterior, longe de tudo e de todos era prometida aos que declinassem os nomes dos mais perigosos. Quem sabia, não dizia nada. Outros inventavam nomes e lugares, mas invariavelmente eram descobertos na mentira e apanhavam ainda mais. Quem não sabia nada, como era o caso de Celso, passava por tortura semelhante por ser visto como uma espécie mais durona, que não envergava diante de tanta porrada e "método científico" trazido sob a inspiração de Israel e supervisão estadunidense.

Entre os novos criminosos, um rosto bastante conhecido de Celso tinha chegado: Paulo ou Paulinho. Militante do MR-8, ativo combatente da resistência militar. Um dos seus melhores amigos na Faculdade. Paulinho tinha sido uma inspiração no que dizia respeito às leituras trostkistas e maoístas. Celso até pensara em se tornar um adepto da Libelu por conta da influência do amigo. Desistira da ideia porque não via muito sentido na luta armada num país pacifista como o Brasil. Além do mais, o povo era muito gente boa para uma resistência tão radical.

Paulinho havia sido preso numa delação de algum membro não muito seguro dos ideais revolucionários do MR-8 e do PCBR. Tinha comentado numa roda, num bar próximo à Avenida Paulista que iria se juntar a Lamarca para tomar o poder dos militares. O sonho revolucionário terminara na rodoviária quando iria embarcar para a Bahia. Os ideais continuavam vivos naquela cela.

Celso olhava para o amigo com admiração. Parecia in-

tacto no que se referia ao tratamento dado pela repressão a quem ousara discordar do seu discurso monológico. Articulado, Paulinho insista que em breve todos estariam livres, e principalmente sairiam dali. Tinha convicção sólida: os órgãos de defesa dos Direitos Humanos interviriam em favor dos presos políticos. A questão era apenas uma: alguém no país sabia o que era ou se importava com a política de Direitos Humanos?

Na noite de 16 de junho o ar de segurança de Paulinho começou a mudar. Sem muitas explicações, aquele soldado sorridente que levara Celso para a cela de volta veio buscar o amigo. Ao perceber que iria passar por um interrogatório científico, o rapaz entrou em pânico. Assustado, numa espécie de catatonia, Paulinho passou a dizer frases desconexas, estranhamente compostas de apenas três palavras. Parecia uma espécie de código ou instruções recebidas para proceder no caso de ser preso e torturado. O soldado, assim como todos, se apiedou do amigo de Celso, mas zeloso no seu ofício, conduziu Paulinho até o final do corredor à direita, o mesmo para onde Fernanda tinha tido seu calvário dias antes.

Arrastado pelo carcereiro, Paulinho dizia "nada a declarar", "não sei nada", "desconheço a informação", "realmente não sei", "não conheço ninguém", numa espécie de roteiro burlesco. As palavras, soltas, sem sentido, ao pouco passaram a tecer uma espécie de código entre todos ali. Apenas três palavras seriam suficientes para fazer qualquer comunicação interna.

Em poucos minutos as frases passaram a ser repetidas entre gritos de dor, gargalhadas e oscilações de energia, sugerindo bem todo o tipo de tortura pela qual o colega estava passando. Por longas horas essa foi a trilha sonora que se ouvia nos corredores.

Durante a madrugada, o silêncio sepulcral sugeria que as coisas estavam sob controle. Só não se sabia exatamente de quem. Será que Paulinho com sua tática de responder perguntas usando apenas três palavras resistiria ao DOI-CODE? Ele certamente conhecia mais de perto as entranhas da resistência

e poderia, inclusive, dizer alguma coisa sobre Marighela. Mas parecia resoluto em não abrir a boca. Defender a soberania do país, livre de qualquer interferência externa, era motivo suficiente para o silêncio do soldado da resistência.

Na manhã seguinte, logo cedo, os gritos se tornaram ainda mais fortes. Sempre entrecortados de falas compostas de apenas três palavras. Fernanda e Tuca caíram num pranto sentido imaginando que o pior aconteceria com Paulinho a qualquer momento. Certamente ele não suportaria aquele suplício por mais tempo. Ou falaria ou acabaria sendo morto por seus torturadores.

O que salvou Paulinho da morte certa naquele dia foi o fato de o Brasil jogar na tarde do dia 17. Ironicamente contra a Romênia, país que vivia sob um regime socialista, rapidamente identificado como comunista. Vencer e ir à final da Copa do México contra Itália ou Alemanha seria muito bom, porém dar uma surra em mais um bando de comunistas certamente seria o melhor.

Para que não houvesse mais qualquer empecilho, trouxeram Paulinho todo arrebentado de tanto apanhar. O carcereiro simpático agora se tornara um sádico. Fez uma piada de gosto discutível e determinou silêncio absoluto durante o jogo. Estranhamente, usou a expressão "por favor" depois de mandar ficarem quietos. Mais surreal foi a reação dos presos que durante aquele jogo acataram a ordem do soldado.

O Brasil mais uma vez sobrou em campo. A final e o tão sonhado tricampeonato estavam bem próximos agora. Os militares ainda tinham tido esse golpe de sorte a seu favor. A seleção brasileira entorpecia ainda mais a mente do povo que ignorava completamente tudo o que, de fato, acontecia no Brasil. Num país no qual a leitura era um crime quase hediondo como o pensar, alienar-se diante de futebol e novelas na frente da TV havia se tornado o passatempo preferido da maioria esmagadora da população, devidamente alimentado e estimulado pelo governo.

Os fogos indicavam mais uma vitória do Brasil, e isso era

um sinal de que, ao menos naquela noite, as sessões de interrogatório não aconteceriam. Não com os homens. O excesso de álcool consumido durante as partidas liberava uma libido ainda mais perversa e isso acabava se constituindo num estímulo para que as violências sexuais em busca da informação preciosa acontecessem.

Dessa vez, porém, Fernanda e Tuca foram poupadas pelos torturadores. Mas não as suas companheiras de cela. Samara e Margareth, duas jovens como elas, foram arrancadas da cela para um interrogatório especial. Cinco policiais as arrastaram. A ideia de um estupro coletivo parecia inevitável. Uma orgia dantesca para Marquês de Sade nenhum botar defeito estava bem desenhada.

Porém, alguma coisa estranha aconteceu nos momentos seguintes que, de alguma forma, acabou poupando aquelas duas mulheres das piores sevícias. Marcos, o carcereiro que oscilava entre simpatia e cinismo, discutiu violentamente com o mais gordo e a confusão ficou estabelecida. No meio de tudo aquilo, gritos de todos os lados ecoaram, tornando o ambiente ainda mais tenso. Isso fez a libido exaltada dos torturadores se arrefecer.

Irado, quase possuído pelo ódio, Marcos se aproximou da cela onde estavam Celso e Toninho e berrou:

– Domingo vocês vão conhecer o inferno de verdade. Se aproveitarem a chance, poderão ir para o purgatório, se não certamente irão estar com o demônio frente a frente.

O que queria dizer aquilo? Por que domingo? Era um desabafo em forma de aviso ou um recado amistoso vindo de um homem cansado de ver tanta aberração? Ou seria ainda apenas o álcool falando mais alto? Com todas essas perguntas ficava uma tétrica certeza: alguma coisa muito séria iria acontecer com alguns deles no domingo. Ainda não sabiam exatamente o que, mas já começavam a temer pelo pior.

Aqueles dez dias de prisão já tinham deixado um aprendizado importantíssimo na vida dos membros da SAL: ninguém

se importa com você quando se é um preso político. Isso era, ao menos, a ideia que os carcereiros davam a eles. Toda vez que tentavam um contato com familiares ou mesmo um telefonema para um advogado vir representá-los eram informados que ninguém mais se interessava em defender comunista: só os próprios. E esses seriam sempre bem-vindos, mas nunca como advogados, e sim como presos.

No entanto, agora havia a promessa de que o pior ainda estava por vir. Mas o que poderia ser pior do que tudo aquilo? Foi Paulinho quem começou a matar a charada: Sérgio Fleury poderia estar interessado em conversar com eles de perto. Isso significava, quase certamente, morte ou enlouquecimento. O nome Fleury, já àquela época, estava no mesmo campo semântico de Horror.

Ao fazer essa conexão, Paulinho novamente surtou. Mais uma vez voltou a falar frases desconexas, sempre em três palavras. Nunca Celso sentiu tanto medo na vida.

Os dois dias seguintes foram do mais absoluto pânico, choro e grito. Ninguém queria morrer, é claro. Todos ainda tinham esperança de ver o Brasil voltar a ser uma democracia. Paulinho ainda nutria o sonho de ver o seu país uma nação socialista, livre do império yankee. Quase ninguém dormiu mais que cinco horas por noite, esperando o pior acontecer. Todos tinham uma quase certeza: nunca mais veriam seus familiares e amigos. O desespero era total.

No sábado, enquanto era disputado o terceiro e quartos lugares da Copa do México, Marcos veio até a cela onde estava Paulinho e cochichou alguma coisa. Ali se teve o primeiro sinal de que o carcereiro simpático era uma espécie de agente duplo. Nunca se soube exatamente o que foi que Marcos disse a Paulinho, mas certamente foi a chave para o que aconteceria no dia seguinte.

No domingo, Paulinho acordou bem-disposto. Novamente falava frases com mais de quatro palavras e até enunciava alguns períodos compostos. Os membros da SAL estranharam a

atitude. Celso, aprendiz de filósofo e psicanalista, observava as atitudes do amigo e procurava traçar um raciocínio lógico para a mudança brusca de comportamento.

De repente, Paulinho o chamou num canto e quase sussurrando disse: lembre-se camarada, se acontecer alguma coisa use apenas três palavras. Sempre três palavras. Não precisa ser sujeito, verbo, predicado. Quaisquer três palavras resolvem tudo. E repetiu isso para outros, numa espécie de mantra.

Perto da hora do almoço daquele domingo que entraria para a história do futebol brasileiro, um verdadeiro pelotão invadiu os corredores e foi escolhendo, a dedo, nove presos para serem levados a outro lugar. Algo bastante secreto, pelo que se podia depreender das conversas atravessadas. O discurso sugeria também que só os mais favorecidos pela sorte teriam alguma chance de sobreviver àquele lugar para onde iriam. Repetiam sarcasticamente a ideia da qual cometer suicídio seria bem melhor do que continuar vivendo.

Paulinho, estranhamente, não parecia se abalar. Pelo contrário. Sorria um sorriso despeitado. Alguns soldados viram naquilo um gesto de loucura, e resolveram provocá-lo. Paulinho retribuiu com a arma de sempre: um sorriso cínico entre três palavras. Em seguida, piscava para um e para outro e repetia em voz alta: Apenas três palavras, apenas três palavras.

Um dos soldados, o gordo, entendendo aquilo como uma espécie de senha, tratou de dar um potente soco na boca do estômago de Paulinho, e ordenou para calar a boca. Depois repetiu que seria ele que abriria a fila nos interrogatórios científicos.

Arrastados, foram jogados seminus num caminhãozinho. Cinco homens e quatro mulheres amontoados num espaço exíguo, coberto por uma lona que deixava o lugar bem mais quente. Não bastasse toda a humilhação pela qual estavam passando, ainda tinham de ouvir frases que faziam menção àquela carroceria se transformar num palco de orgia. O ódio crescia na alma dos nove prisioneiros.

Quando o caminhão arrancou, o rosto de Paulinho mudou.

Se antes ele esbanjava autoconfiança, agora era pura tensão. Na segunda parada, provavelmente num segundo semáforo, sorriu para os companheiros e balbuciou o novo mantra, cantando-o, em seguida, ao som da Internacional Socialista: apenas três palavras e a liberdade será sagrada. Isso acabou se tornando um coro, dando àquele trajeto algo bastante similar aos dos prisioneiros judeus a caminho de campos de concentração.

De repente, o caminhão freou bruscamente. Ouviram-se tiros. Buzinas. Fogos. Uma balbúrdia. Subitamente a lona se abriu e um homem franzino com um sorriso amarelo e um hálito bastante etilizado disse:

– Bem-vindos à liberdade. À luta companheiros!

E em três fuscas e um DKV saíram dali, ganhando os mais diferentes lugares.

Celso Rafael estava atônito com tudo o que estava acontecendo. No fundo se sentia um gangster sendo resgatado por seus companheiros de máfia. Não era. Aquela tinha sido uma das mais ousadas atitudes da VPR. Episódio, aliás, que a história não registraria. Tão ousada quanto o sequestro do embaixador americano, anos depois.

Dividiram o roteiro, após chegarem no Paraíso. Aproveitaram as ruas da cidade desertas, com todos assistindo ao jogo do Brasil na televisão ou nos rádios de pilha e foram acelerados para as mais diferentes regiões de São Paulo. Um carro foi para a Vila Prudente, outro para Mooca, e outro para o Pari.

Celso estava nesse último roteiro e só se deu conta que estava chegando no bairro da sua infância quando viu o Estádio do Canindé se aproximar. Pensou inocentemente que dali iria para sua casa, onde poderia contar o que tinha acontecido e certamente com um bom advogado providenciado pela família, a situação seria devidamente esclarecida.

Esquecera, por rápidos segundos, que trazia marcas visíveis - ainda - no corpo, por tudo o que tinha passado na delegacia. Aparecer agora seria expor para muita gente os verdadeiros horrores pelos quais os opositores do regime estavam

passando, apenas por não concordarem com o discurso do governo. A ficha só foi cair quando Valmor, o motorista daquele DKW, disse:

– Precisamos definir agora uma rota de fuga para vocês. Além disso cada um vai ter um codinome daqui pra frente. A partir de agora, todos nós passamos a valer ouro para repressão e eles vão fazer de tudo para nos encontrar, e certamente se pegarem a gente, já era.

Mal acabou de dizer, encostou o veículo numa casa, praticamente abandonada, que distava uns seiscentos metros do início da Favela do Canindé, lugar considerado perigoso.

A casa era ampla: três quartos, sala, copa e cozinha. Um quintal mínimo com um varal, um pequeno gramado - que funcionava também como garagem e área de lazer - e uma casa de cachorro. Nos quartos, colchões jogados. Nas paredes, pôsteres de jogadores de futebol, mulheres nuas, artistas de telenovelas. Na cozinha, um fogão e uma geladeira em estados lastimáveis. Na sala, exemplares do Estado de São Paulo e do Notícias Populares. Num canto, um radinho de pilha. Nada sugeria que a casa era, na verdade, um aparelho do partido.

Foi naquele radinho que ouviram Fiori Gigliotti berrar com amplos pulmões que o Brasil era tricampeão mundial de Futebol e até abraçaram e abriram algumas cervejas para comemorar. Nada com muito entusiasmo, porque havia um planejamento delicado a ser seguido à risca.

Estavam na casa: Valmor, Paulinho, Celso, Toninho e Fernanda. Todos com as fisionomias cansadas e com os corpos bastante marcados pelas sessões de tortura. Mas com uma estranha alegria e uma indubitável certeza: um tempo fora de São Paulo seria o divisor de águas na vida de cada um e, especialmente, do país. Não há mal que dure para sempre, e em pouquíssimo tempo o Brasil entraria num ritmo progressista, longe dos padrões estadunidenses. Sair agora era tomar um fôlego para implementar depois as verdadeiras reformas pelas quais o país precisava passar.

Ficaram dois dias naquela casa, quase sem sair. O único que tinha permissão para ir as ruas era Valmor com finalidades bem específicas como telefonar, comprar alimento e trazer os jornais do dia. Os demais só iam para o quintal ver o sol e admirar as noites frias da periferia paulistana no inverno.

No terceiro dia, com as feridas melhor cicatrizadas e o corpo mais descansado, souberam, por intermédio de Valmor seus destinos e seus codinomes: Fernanda seria Beatriz , Toninho passaria a ser Vladimir, Paulinho seria Amadeu, Celso passaria a ser Carlos Heitor - em homenagem ao colunista Carlos Heitor Cony que se opusera ao regime desde o primeiro dia -. Toninho e Fernanda iriam para Salvador e dali talvez se juntassem a Marighela. Paulinho e Celso iriam para Recife, onde deveriam abrir um novo aparelho e depois deveriam rumar para o interior formar a resistência no campo. Paulinho ainda tentou trocar de lugar com Toninho, mas Valmor foi incisivo: as ordens e a divisão eram claras. Celso, tentou argumentar alegando não ser do partido e de não estar muito interessado em abrir um foco da liga camponesa, mas Valmor apenas riu e disparou:

– Você não era até ter sido preso naquele bar, camarada. A partir de agora você não tem mais escolha. Ou se junta a nós ou morre nas mãos da repressão.

Celso entendeu que o seu destino, fosse qual fosse o desfecho, estava irremediavelmente ligado à repressão. Talvez nunca mais ouvisse falar ou mesmo visse seus pais, seus irmãos. Talvez nunca chegasse a conhecer seus sobrinhos. Pior ainda, talvez nem pudesse ir ao enterro de seus pais. Tentou tirar o seu último pensamento da cabeça. Afinal, os velhos estavam bem fortes e essa praga do militarismo não iria durar tanto tempo. Logo, o povo tomaria as ruas e acabaria com esse regime ilegítimo que tinha se instalado no Brasil.

Riu. Estava bem mais à esquerda do que imaginara. Precisaria manter um tipo de comunicação com os familiares, avisar que estava indo para outro lugar, mas logo voltaria. Assim que tudo isso acabasse. Foi desencorajado por Valmor, mas este

se apiedando de Celso prometeu fazer chegar algum tipo de mensagem na casa dos pais dele, tranquilizando-os.

No dia seguinte, com roupas mais largas e com alguns outros disfarces trazidos por Valmor, os quatro embarcaram na DKW rumo ao Nordeste. Evidentemente não poderiam tentar embarcar em São Paulo. Era uma atitude extremamente suspeita. Por isso, foram de carro até Bragança Paulista e pegaram um ônibus para Pouso Alegre, no sul de Minas. Na cidade mineira, foram para um hotel bem vagabundo próximo à rodoviária. Como quase todo lugar assim, aquele estabelecimento era também usado para encontros amorosos de prostitutas e seus clientes. Isso provocou o primeiro embaraço e a primeira descontração do grupo. Fernanda, Celso, Toninho e Paulinho, ao chegarem na portaria, provocaram um espanto no porteiro. O rapaz ficou admirado com a moça e mesmo sem dizer uma palavra lançou um olhar de incredulidade, sugerindo que o grupo chegava para uma grande orgia. O quarteto segurou a risada, se conteve, e entrou no jogo. Também pelo fato de o dinheiro minguar, foram os quatro para o mesmo quarto, aumentando mais a convicção no homem da recepção de quão pervertidos eles eram, e ficaram até o amanhecer do dia seguinte.

Às seis da manhã, saíram e o porteiro não era o mesmo. A moça que recém assumira o turno, não se conteve e disse uma frase que misturava indignação e admiração. Algo como "esse mundo tá perdido: morro e não vejo tudo".

A fala disparou o riso contido até então. Gargalhando foram para a rodoviária e tomaram um café bem forte com uma fatia de pão com manteiga cada um. Celso, que tinha ascendência mineira, não resistiu e pagou um pão de queijo para cada companheiro. Consideraram aquilo um verdadeiro banquete e um luxo, dada às condições em que estavam.

De Pouso Alegre foram até Belo Horizonte. Na capital, não se arriscaram. Ficaram na rodoviária até o grupo se separar: dois em direção ao Rio e depois para Salvador. Dois em direção a Maceió e depois Recife. Ao se despedirem, Paulinho abraçou

forte Toninho e disse, com sangue nos olhos:

– Na primeira oportunidade que tiver, mate um milico por mim!

Aquilo assustou Celso. Não entendia a justificativa de matar alguém que, a rigor só cumpria ordens. Lembrou-se de algumas participações suas, inclusive com Toninho, de passeatas contra a Guerra do Vietnã, um ano antes. Agora ouvia o colega pedir para assassinar um milico. Por que diferenças ideológicas não podem ser resolvidas apenas na mesa de um bar ou numa urna? Quem tem mais argumento, vence. Quem não tem, vai para uma oposição sistemática, mas saudável e procura vencer na próxima. Simples assim, pensava.

Tentou argumentar isso com Paulinho, enquanto aguardavam ainda o seu ônibus, lembrando a quantidade de pessoas mortas na Revolução Russa, em Cuba e mesmo agora no Leste Europeu, mas foi rechaçado. Toninho apenas contra argumentou que em toda guerra acaba correndo sangue inocente. Celso tentou contrapor, mas só ouviu um ríspido: "Cala a boca, senão daqui a pouco prendem a gente e quem morre somos nós".

Obedeceu sem questionar. Aprendera, especialmente nas duas últimas semanas, que permanecer calado era um salvo-conduto. Ficou quase sem trocar uma palavra com o companheiro até o ônibus sair do estado de Minas Gerais.

Quando entraram no sul da Bahia, Celso admirou o amanhecer lindo contrapondo a paisagem já seca da região. Lembrou-se de que ali era o cenário de boa parte da obra de Guimarães Rosa e puxou uma conversa com Paulinho. Para descontrair o ambiente resolveram dialogar usando a filosofia do companheiro, usando para isso, apenas três palavras em todas as frases. Celso começou dizendo: "Olha, que lindo", "Lembrou Guimarães Rosa", "Viver é perigoso". Paulinho retrucava: "Muito lindo mesmo", "Uma bela lembrança", "É muito perigoso". E seguiram assim até Salvador quando pararam para tomar banho, jantar e trocar o primeiro motorista.

Enquanto comiam alguma coisa, Paulinho se indignou

com a presença de dois policiais no posto de gasolina. Os militares conversavam animadamente com duas mulheres, mas Toninho via naquilo uma espécie de assédio e extorsão. Celso tentava ponderar que poderiam ser apenas quatro conhecidos trocando informações. O amigo retrucava: era necessário estar atento em todos os lugares. Nenhum policial poderia ser amigo de alguém envolvido na resistência. Não existia a menor possibilidade de alguém fardado poder manter relações amistosas com um civil em tempos de guerra. Não era para se iludir. Estávamos sim numa guerra civil.

Celso tentou conter o amigo, mas ele era impulsivo. O rapaz levantou e foi direto onde estava o grupo e com a maior cara de pau perguntou se estava tudo bem. Os dois policiais olharam espantados para Paulinho, não acreditando na ousadia do rapaz. Um deles se aproximou e começou a discutir. O rapaz mais uma vez voltou a falar em apenas três palavras. Celso entendeu: em momentos de extrema tensão ele não conseguia outra forma de lidar com a pressão.

Para a sorte dos dois, o oficial dos policiais se aproximou e disse alguma coisa como: "tem uns bandidinhos ali; deixem esses dois paus de arara pra lá. Devem estar de porre, isso sim". E determinou que Paulinho saísse de perto. O rapaz resmungou um pouco, mas saiu acompanhado das duas moças. Sentiu-se vitorioso. Celso riu.

Brincando, os dois voltaram a conversar emitindo frases de três palavras até o ônibus deixar as terras soteropolitanas. Riram bastante de algumas conversas recordadas e dos diálogos meio insólitos ouvidos durante a parada. Adormeceram nos primeiros minutos do dia 29 de junho de 1970.

Celso e Paulinho descobriram, naquela viagem, uma das coisas que mais os uniria dali em diante: a paixão pelas festas juninas, marco da cultura e do folclore nordestino. O amor pelos festejos de meio de ano começou quando os dois viram algumas quadrilhas, em plena manhã daquela segunda feira, ainda dançando com uma alegria popular como ainda não ti-

nham visto. Nem mesmo no Carnaval na Avenida Tiradentes, Celso Rafael vira tanta alegria verdadeiramente espontânea. Empolgado, disse:

– O Brasil precisa de mais coisas assim: nossa, popular, verdadeira, para e com povo.

A frase, ufanista como a do slogan do Brasil que ia pra frente em 1970, soou ameaçadora. Uma mulher passou nesse momento por eles, olhou com cara feia, fez o sinal da cruz e respondeu:

– Creio em Deus pai, que coisa mais comunista essa que o senhor disse.

Os dois se entreolharam assustados. Um comentário tão despretensioso como aquele acabara se tornando uma ameaça. Precisariam se controlar, mesmo.

Andaram pelo litoral de Maceió numa linda segunda feira de sol. Nos olhos da população, uma alegria ímpar pelos festejos juninos e pela conquista inédita do tri. Também no semblante de muitas delas uma certeza: o país agora caminhava para uma nova fase de crescimento, ordem e progresso. Não se exalava qualquer ar de resistência política justamente na capital mais próxima do Quilombo de Palmares, foco de resistência à escravidão no Brasil. Nos anos 1970, Zumbi era um ilustre desconhecido de boa parte da população. Ninguém ouvira, nos bancos escolares, menção ao líder negro. O ensino de Educação, Moral e Civismo não contemplava o estudo de "anarquistas negros", para não difundir a ameaça comunista.

Dormiram numa pensão próxima ao centro, e no dia seguinte foram num ônibus, que mais parecia um pau de arara de tão lotado que estava, para Recife. Era o último trecho de uma viagem de quase 5 dias, contando todas as paradas desde Pouso Alegre.

CAPÍTULO 5 – No fim do mundo

Se a primeira impressão é a que fica, Recife seria o melhor lugar para se viver. Foi isso que ficou no coração de Carlos Heitor ao ver o rio Capibaribe naquele fim de tarde de 30 de junho de 1970. Conforme o ônibus, vindo de Maceió, adentrava a capital pernambucana, Amadeu e Carlos Heitor iam se deslumbrando com a cidade. A alegria tipicamente nordestina parecia extravasar em cada esquina.

Ao descerem na rodoviária foram recebidos por dois frades franciscanos. Já haviam sido avisados pelos companheiros de São Paulo que ficariam num seminário, nos primeiros dias na capital pernambucana, até que a perseguição contra eles "esfriasse". O procedimento era necessário para posteriormente agirem com um pouco mais de tranquilidade. Para isso, alguns padres da chamada ala progressista da Igreja Católica, simpatizantes da causa socialista e que não viam sentido na perseguição absurda que os opositores do regime estavam sofrendo, tinham oferecido um abrigo seguro.

Frei Ernesto e Frei Flaviano eram dois jovens padres que pareciam bastante felizes com a opção sacerdotal. Estudantes de Filosofia e Letras com formação bastante eclética, além dos muros do convento religioso. Tinham plena consciência de tudo o que estava acontecendo no país e das privações pelas quais o povo mais pobre e necessitado estava passando. Entendiam que só uma ampla conscientização da população poderia mudar os rumos que o país estava tomando, na mão dos militares. Percebiam claramente uma coisa: os mais inescrupulosos industriais, banqueiros, comerciantes e agricultores faziam de tudo para que o regime continuasse, desde que seus interesses não fossem contrariados. As notícias de corrupção desenfreada corriam à boca pequena uma vez que alarmar tal

prática poderia significar exílio ou prisão, tortura e morte.

Toda essa consciência política dos jovens era um contraste com dois dos principais professores daquele lugar. Frei Bernardo era professor de Latim e Teologia, simpatizante da TFP e da Opus Dei e fora um dos líderes da Marcha pela Família que acontecera em Recife, como forma de validar o movimento iniciado. Frei Fortunato era, na verdade, o nome de Adolf Gustav Hauss: religioso fugitivo da Alemanha, após uma caça que fora promovida a todos os simpatizantes de Hitler, quando começaram as investigações acerca dos horrores que aconteceram nos Campos de Concentração. Por conta disso era um religioso bastante calado, que falava bem mal o português, mas com um pensamento exageradamente ultraconservador.

A presença de Carlos e Amadeu no seminário, com dois padres tão progressistas e dois extremamente conservadores só foi possível graças a uma mentira. Ernesto e Flaviano haviam dito para os colegas que os rapazes eram seminaristas em São Paulo e estavam em viagem de férias pelo Nordeste. Ficariam apenas 30 dias com eles e depois retornariam para o segundo semestre do primeiro ano de seminário.

Para que o disfarce e a mentira fossem perfeitos, acrescentaram que os dois eram recém iniciados nos estudos da teologia católica, e isso poderia evitar embaraços maiores. Carlos ainda tinha tido uma convivência na paróquia do bairro onde, por conta principalmente dos pais, fizera crisma e primeira comunhão. Até frequentara o grupo de adolescentes da igreja, mas uma desilusão platônico-amorosa o fizera deixar o convívio com os jovens católicos. Amadeu, por sua vez era ateu de DNA como costumava dizer. Filho e neto de pais ateus, crescera ouvindo que só a luta muda a vida e sem luta não há vitória. Graça, no seu caso, era exclusivamente sinônimo de gratuidade ou nome de mulher. Nunca de bênção ou similar.

No caminho até o convento, a conversa na Rural Willys foi a mais animada possível. Falaram das grandes expectativas de ver um Brasil soberano, independente, socialista. Debate-

ram Lênin, Trotsky, Mao, Fidel. Cantaram a Internacional. Porém, de repente o clima pesou. Carlos e Amadeu contaram o que viveram nas duas semanas anteriores e como conseguiram escapar. Ernesto falou do engajamento crescente da Igreja Católica Progressista e de padres como Frei Tito, Frei Betto, Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Helder Câmara que estavam procurando fazer a diferença e se tornarem uma espécie de voz dos excluídos. Ao ouvir o nome do bispo de Olinda, Amadeu se empolgou e disparou:

– Preciso conhecer esse homem. Necessito ver de perto alguém que está fazendo de verdade a diferença neste país.

O riso voltou dentro do carro. Estar perto de Dom Helder não era tão difícil. O bispo era bastante acessível. O problema estava no fato de ele ser vigiado com todos os olhos possíveis pela repressão, e isso tornaria Amadeu, no caso de um encontro, uma presa fácil.

Chegaram no convento e o sol de inverno dava um espetáculo à parte. Como o seminário ficava afastado da zona urbana e num plano elevado, tinha-se dali uma vista privilegiadíssima das praias e dos rios que cortam Recife. Conseguiram entender o porquê do codinome de Veneza Brasileira. Tudo era muito lindo.

Naquela noite o jantar foi mais que especial. Frei Bernardo e Fortunato revelaram-se excelentes anfitriões. Falaram da cultura nordestina, das características do povo pernambucano, das festas do estado. Até contaram anedotas de portugueses, baianos, mineiros. Às 21:55, o clima amistoso mudou quando Fortunato se levantou e disse com ar de comandante chefe:

– Já é tarde. Em cinco minutos todos estejam em suas celas. A palavra cela remeteu ao que Amadeu e Carlos Heitor tinham vivido semanas antes. Amadeu pensou em questionar, mas um cutucão por baixo o fez silenciar. Acompanhando os outros, abaixou a cabeça e foi até o seu quarto. O cômodo era minúsculo, mas bastante confortável. Apenas uma cama, um guarda roupa, uma escrivaninha com uma Bíblia e um Novo

Testamento. Mas bem arejado, com lençóis brancos, cobertas e colchões macios. Um pequeno paraíso para quem estivera preso pouco tempo antes.

Carlos Heitor, cansado da verdadeira peregrinação que tinha se tornado a viagem, adormeceu logo que caiu na cama. Nem conseguiu admirar muito a lua nova, especialmente bela na última noite junina. Amadeu, por sua vez, começou a passar por uma metanoia. Certo que suas convicções ateias eram inabaláveis, e como precisava realimentar o vício da leitura, pegou a Bíblia e começou a folhear. Parou no livro de Provérbios. Devorou os 31 capítulos do livro em pouco mais de três horas. A cada trecho lido, fazia reflexões profundas. Umas considerava exageros ou repetições, porém boa tarde delas era reveladora. Já era madrugada quando adormeceu.

Às seis da manhã em ponto uma música bem alta ressoou por todo o seminário. Muitas vozes se ouviram. Carlos Heitor levantou e foi ver o que estava acontecendo. Era um grupo de adolescentes. Chegavam para um encontro nos primeiros dias de férias. Talvez alguns deles se tornassem verdadeiramente seminaristas ocupando o imenso prédio, agora habitado somente por aquelas quatro almas. Essa perspectiva era bastante real. Amadeu acordou assustado, mas não de mau humor como acontecia todas as vezes nas quais era despertado depois de poucas horas de sono.

Tomaram café da manhã todos juntos e quando o silêncio começou a voltar, os dois pararam para conversar e discutir sua nova realidade, admirando a vista. Falavam frases longas, mas tinham clareza de que precisavam retomar a luta pela volta dos direitos democráticos. Era preciso acabar com o autoritarismo que já durava seis anos.

Não sabiam, ainda, como poderiam atuar. Leram os jornais do dia e discretamente conversaram com Frei Ernesto. Na troca de ideias o padre apontou uma alternativa: aderirem à Pastoral da Terra e começar uma conscientização com o homem do campo, dando a ele consciência política. Talvez até

participar de programas de alfabetização do campo. O método Paulo Freire - devidamente proibido pelo governo - poderia se tornar um instrumento político poderoso.

Carlos Heitor gostou do que ouviu; Amadeu não. Sua convicção estava no seguinte argumento: apenas a população se armando e tomando o poder, numa revolução de verdade, é que a coisa voltaria à normalidade. Aquele, como sempre fora um homem das letras, via na conscientização e no florescimento do senso crítico a partir de leituras e debates, a única possibilidade de se acabar com a Ditadura.

Como tinham muito tempo e poucos afazeres, foram se informando dos fatos, participando das atividades do seminário, assistindo a missas e participando de reuniões eclesiásticas. Com muita leitura do livro sagrado e de paradidáticos católicos.

Depois de vinte dias, naquela doce prisão, os dois foram para a rua. Mais exatamente para a cidade de Paulista, na grande Recife, onde haveria uma missa campal e um contato mais de perto com uma comunidade de pescadores. Bernardo e Fortunato ficaram cuidando dos afazeres e da recepção de quatro novos seminaristas que chegariam dali quinze dias. Isso gerou uma oportunidade para os quatro, afinados ideologicamente, fazerem do evento religioso um acontecimento político.

A experiência foi libertadora para Carlos Heitor e Amadeu. Entendiam, cada um à sua maneira, como poderiam ser instrumentos da resistência na luta contra o militarismo. Carlos convenceu-se de que tinha uma espécie de chamado para a Educação. Amadeu percebeu o quanto poderia atuar junto dos agricultores, pescadores, trabalhadores rurais na criação de seus sindicatos e na conscientização camponesa. Aos poucos estava se definindo um novo campo de atuação. Só faltava saber onde poderiam começar tal jornada.

Nos vinte dias de exílio no seminário tinham mantido contato com os familiares. Os parentes agora sabiam que estavam vivos, acolhidos em Recife. Nada além disso. Depois do revelador encontro com pescadores trataram de escrever lon-

gas cartas praticamente se desfazendo dos vínculos familiares. Estavam imbuídos de uma espécie de novo sacerdócio. Mergulhar na miséria do país poderia ser uma viagem sem retorno, mas esse era agora o objetivo de Carlos Heitor e Amadeu.

Fizeram contato com os companheiros de militância, revelaram seus desejos e aguardaram as instruções para onde deveriam ir. O dinheiro para aquela aventura, minguado desde o começo, estava realmente acabando. Precisariam trabalhar, de alguma forma, em qualquer lugar, mas longe da possibilidade de serem presos, torturados, mortos.

No dia seguinte, as oportunidades de ouro começaram a se deslumbrar para Carlos Heitor e Amadeu. Teriam, finalmente, a chance de conhecer Dom Helder Câmara. O Bispo participaria de uma reunião com vários padres da Capital e antes de voltar a Olinda passaria por vinte minutos naquele seminário para um café da tarde. Aqueles acabaram sendo vinte minutos inesquecíveis da vida de Carlos Heitor e Amadeu. O contato direto com o bispo permitiu visualizar o tamanho do absurdo no qual o país vivia e como a miséria e todo o tipo de carência estava disseminada na população mais pobre do estado. Quando disseram de suas vontades, ouviram palavras animadoras de Dom Hélder, que acreditava estar conversando com dois seminaristas. Porém, o líder religioso ressaltou ser necessária uma participação bastante ativa dos novos padres na construção de uma sociedade cristã, temente à palavra de Deus, justa e com iguais oportunidades para todos. Longe de ideais partidários. E sugeriu que se inscrevessem como professores e futuros padres no Mobral que selecionava educadores para regiões longínquas do estado.

Com a informação dada foram, no dia seguinte, à coordenação do programa do Movimento Brasileiro de Alfabetização e mentiram dizendo que Dom Hélder havia os indicado para alfabetizar pessoas. A coordenadora do programa, sem entusiasmo, disse que havia duas vagas disponíveis, para ganhar um salário mínimo por mês e um lugar para morar em

Santa Cruz, cidade distante 650 quilômetros dali e próxima à Petrolina, no sertão pernambucano. Era o que Carlos Heitor e Amadeu precisavam: emprego, uma mínima renda e a certeza na qual, naquele fim de mundo, não havia ditadura que pudesse prendê-los. Aceitaram as vagas. A coordenadora riu, aliviada. Combinaram para no dia primeiro de agosto pegar as passagens. No dia seguinte iriam para o sertão.

CAPÍTULO 6 – Seca

No dia 3 de agosto de 1970 saíram cedo de Recife. A viagem seria bastante longa. Tinham doze horas de estrada pela frente. Um mundo novo esperava Amadeu e Carlos Heitor. Uma experiência nova e extremamente reveladora iria acontecer. Conforme avançavam, rumo ao sertão pernambucano, iam ficando desolados com o que presenciavam. Não eram inocentes em relação às adversidades pelas quais o Nordeste e os nordestinos viviam. Porém, ver de perto tanta miséria e tanto abandono por parte dos governantes só fez saltar ainda mais a veia socialista que batia no peito dos dois.

Não poucas vezes, Carlos Heitor chorou ao ver crianças em estado de completa desnutrição e mulheres esqueléticas amamentando bebês visivelmente doentes. A fome e a miséria só aumentavam a cada quilômetro rodado. Um país que o chamado "sul maravilha" vibrava com os novos tempos de milagre econômico e cujas grandes cidades eram invadidas pelos retirantes, ignorava por completo aquela realidade de dor e sofrimento de seus conterrâneos.

Amadeu já tinha lido bastante sobre a seca, mas nunca imaginou um resultado tão devastador. Ver toda aquela precariedade gerava um sentimento misto de pena e indignação. Sentimento agravado conforme as horas avançavam e o calor aumentava - mesmo estando em pleno inverno - transformando a paisagem em uma tela surrealista. O primeiro rio quase completamente seco assustou os dois companheiros. Que diferença poderiam fazer numa terra tão castigada e abandonada?

Procuraram dormir para não pensar mais naquilo, mas o calor era insuportável para tanto. Para piorar ainda mais, no banco de trás um homem fumava um cigarro de palha e o fumo de corda, além de deixar o cheiro insuportável, fazia o ar ainda

mais quente dentro do ônibus.

Almoçaram na estrada. Comeram um pastel com um copo de cachaça, cada um. Não havia restaurante que oferecesse um almoço de verdade. Não chegava até ali comida para abastecer os restaurantes. Por conta disso resolveram nem perguntar qual era o recheio daquele salgado. A fome era tanta que uma possível carne de calango parecia ser uma picanha de boi angus.

À tarde tudo ficou pior. O calor das quinze horas, a seca, crianças chorando, um baixinho já bêbado e um cheiro insuportável de urina que vinha do banheiro fazia a lotação parecer a descrição do inferno de Dante. Só faltava o Cérbero, à porta. De repente, nem isso faltava mais. Numa parada, uma mulher gorda, cheirando óleo de cozinha entrou com um pequinês no colo que não latia, mas rosnava para tudo e todos.

Na parada para o café da tarde, completamente abatidos pelo espetáculo visto, vivido, assistido e respirado, Amadeu e Carlos Heitor resolveram comprar dois copos grandes, de plástico, de cachaça. Talvez isso os amortecesse, e, enfim, conseguissem dormir nas horas finais daquela aventura. Funcionou. Depois de virarem os copos generosos de pinga, até a paisagem deixou de ser rude e tornou-se minimamente divertida. Os cheiros rapidamente passaram. O pequinês sorriu. As pálpebras pesaram. Carlos Heitor e Amadeu apagaram de sono.

Acordaram três horas depois quando o ônibus chegava em Petrolina. Um defeito no motor havia atrasado a viagem em uma hora e vinte. Já seria a hora de estarem chegando em Santa Cruz. A noite estava alta, e eles ainda tinham quase cem quilômetros à frente. A resignação era a única alternativa.

Olharam para a cidade que começava a crescer. O calor era insuportável. As marcas da seca estavam em todo lugar. O ódio crescia no peito de Carlos Heitor. Por que os governantes não faziam alguma coisa para acabar com tanta miséria, tanta morte, tanto sofrimento? Deveria haver uma solução para aquele verdadeiro terror que os nordestinos viviam. Ainda não existia a expressão, mas começara a levar em consideração a

existência de uma "indústria da seca".

Ficaram quarenta minutos na rodoviária. O calor do ônibus remetia imediatamente à Dante. Cérbero agora dormia no colo da sua dona. Nem o próprio cão da Divina Comédia seria capaz de aguentar uma viagem como aquela. Saíram de Petrolina rumo a Santa Cruz bem depois. Já eram treze horas pelo sertão pernambucano.

Amadeu sorriu no trecho final da viagem. Não de alegria pela maratona estar chegando ao fim, mas de emoção. As noites no sertão são mais estreladas e poéticas, pensou contemplando sua primeira noite na região. Os livros que tinha lido no seminário começavam a fazer efeito em sua alma rude. Carlos Heitor sabia bem o efeito provocado por uma boa leitura. Apenas a sensação de senso crítico é libertadora. Não há mente que se aliene diante do poder de um livro. Até não querendo um livro é capaz de mudar completamente a vida. Um livro lido provoca, até inconscientemente a construção de um raciocínio mais denso, menos raso, menos articulado em três palavras. Concordou com o amigo. As noites no sertão são exatamente opostas aos dias, em todos os sentidos: sob o sol, calor, sofrimento, morte, destruição; sob a lua, frescor, brisa, serenidade, mansidão.

De repente, algumas luzes apareceram no horizonte. Um vilarejo se destacava. Uma paisagem típica de quadro. Atrás, um esboço de cidade se via de comprido. Era Santa Cruz.

Desceram na rodoviária e foram recebidos por dois cachorros alegres e sorridentes. Não estava mais calor. Mas também não havia nenhum lugar para onde ir. As únicas informações que tinham era para procurar a Pensão de Dona Inocência que ela arrumaria um pouso para uma ou duas noites. Mas onde poderia ser o tal lugar? Seria Santa Cruz tão pequena assim que todos conheceriam a tal Dona Inocência?

Outra descoberta. Nas cidades pequenas todos, de alguma forma, se conhecem. Dona Inocência era uma viúva alegre, sorridente naquela boca quase banguela, que morava quase em frente à rodoviária. Seu pensionato era, na verdade,

três quartos para alugar a preços módicos aos raros passantes que se aventuravam em Santa Cruz. Carlos Heitor e Amadeu rapidamente se instalaram ali. A conversa com Dona Inocência foi agradável, mas a velhinha parecia não colocar nunca ponto final em suas histórias.

Dormiram um sono só e acordaram já com a manhã bem alta. Ouviram algumas conversas, alguns sons diferentes e levantaram cheios de preguiça para o novo dia. Ao saírem do quarto deram de cara com João de Deus, um misto de professor e rábula que já estava aguardando Carlos Heitor e Amadeu. O quase advogado sorriu e fez as saudações em nome da comunidade. Os rapazes se entreolharam, desconfiados. Afinal, poderiam falar para João de Deus quem realmente eram e a que tipo de missão eles tinham sido enviados?

Na dúvida, ficaram em silêncio. Foi melhor assim. Tomaram café da manhã com ele, discutindo formas de alfabetizar a população. Foram severamente advertidos que não poderiam usar o método Paulo Freire, já considerado bastante subversivo por alguns homens do governo pernambucano. João de Deus destacou: aquela verdadeira cartilha comunista se constituía num projeto pedagógico de Paulo Freire para disseminar o comunismo em terras brasileiras, e certamente seria banida em breve pelo Governo Federal.

Amadeu ia protestar contra o que ouvira, mas Carlos Heitor o censurou com o olhar. Desistiu de enunciar qualquer coisa. Ouviram mais do que falaram a partir daquele encontro. Mentiram quando foram perguntados se não tinham dúvidas, mas temiam que qualquer interpelação fosse tomada como atitude comunista. Saíram dali rumo à sede do Mobral na cidade. Tiveram uma espécie de treinamento rápido e já ficaram sabendo de onde seria sua atuação: na zona rural de Santa Cruz, um lugar árido e distante onde quase nada chegava. Era um fim de mundo. O verdadeiro lugar onde Judas havia perdido as meias, uma vez que as botas tinham ficado umas quatro léguas antes. Respiravam aliviados: naquele lugar certamente a

repressão nunca os acharia.

No dia seguinte partiram para o interior do interior. O verdadeiro fim de mundo. Um lugar no qual o solo parecia ainda mais seco, morto. Um destino que se assemelhava à aridez do deserto. Mas mesmo em lugares assim, flores lindas podem nascer.

CAPÍTULO 7 – Miragem

Se existe um lugar onde, ao mesmo tempo, as pessoas são verdadeiras e bem cuidadas pela opinião alheia, esse lugar é o interior. Quanto mais no interior, mais se vive essa realidade. Carlos Heitor e Amadeu eram dois jovens da capital. Da maior cidade do país. Agora chegavam num vilarejo: Sítio Baixo.

Tudo era sequidão. As poucas mais de trezentas pessoas que moravam na região contrastavam com tanta inclemência. Cordiais, brincalhões, todos tinham uma espécie de apelido e todos se conheciam. Neste espírito, os jovens professores foram recebidos.

Mané das Candongas, dono do armazém-boteco-açougue de Sítio Baixo recebeu os dois com um cumprimento carinhoso e disse, com seu sorriso banguelo, que esperava uma alemoa, uma espanhola, ou mesmo uma mineira ou carioca bem bonita, para enfim poder conhecer as palavras. Não dois homens feios e barbados como eles. A cordialidade foi suficiente para que Carlos Heitor e Amadeu baixassem a guarda.

Celebraram a nova realidade com um copo de pinga bastante generoso. Riram da verdadeira aventura que tinha sido chegar até Sítio Baixo. Depois de tanta ansiedade e pressão, enfim se sentiam bem vindos. Beberam mais um copo. Perceberam que estavam ficando zonzos e pediram licença para Mané. Perguntaram onde poderiam ficar, pois o cansaço também começava a pegar. Com seu jeito simples, o homem disparou:

– Ali no fundo da escolinha, mesmo. Acho que tem um beliche e um fogão. Dá pra dormir e comer.

Despediram-se do comerciante e saíram em direção à escola, crendo que Mané das Candongas tinha exagerado descrever a futura moradia como um espaço limitado a dois beliches e um fogão a lenha. Deveria haver uma sala, uma TV, um

rádio. Estavam enganados, é claro.

Luz elétrica era raridade. Mesmo a escola tinha uns "fiapos" de energia que eram, na prática, algo bastante semelhante aos "gatos" que proliferam na periferia, hoje em dia. O armazém de Mané também era, nesse aspecto, um lugar privilegiado. A igreja e o correio, idem. Fora isso, apenas uma ou outra casa contava com uma ponta de energia. TV? Ninguém sabia o que era exatamente. Uns viajantes haviam descrito a televisão como a oitava maravilha do universo. Outros como uma caixa de fazer doidos e alienados. Água só chegava uma vez por semana com dois caminhões pipa que distribuíam para a população beber, banhar-se e eventualmente preparar comida. Carlos e Amadeu começavam a entender, de perto, a realidade de miséria e o completo abandono pelo qual o governo havia renegado aquelas pessoas.

Entrando na casa, verificaram que nem banheiro havia. Apenas uma casinha, do lado de fora, com uma espécie de latrina de madeira e uma mini caixa da água onde era armazenada toda a água disponível para o banho. Como aquele "sanitário" era num lugar público, havia um pouco mais de água do que o destinado para a população em geral. Ainda assim, completamente insuficiente para um asseio adequado.

Amadeu e Carlos Heitor entenderam que dali para frente, banhos seriam escassos e que suas necessidades fisiológicas deveriam ser feitas em lugares improvisados e carentes de higiene básica. Pensaram em desistir de tudo. Conversaram a respeito. Desistiram de desistir. Esta seria a parte sofrida pela qual passariam na sua luta pela reconstrução da democracia e da dignidade no Brasil.

Lavaram-se como foi possível, minimizaram os efeitos da cachaça e abriram a escola, esperando que os alunos viessem para o primeiro dia de aula. Apenas três pessoas apareceram. Dois homens e uma mulher. Todos com mais de quarenta anos e sem qualquer espécie de alfabetização. Os três com um sonho em comum: poder escrever o próprio nome. Nada, além disso.

Numa conversa rápida, descobriram que quase ninguém sabia ler e escrever. Apenas os mais novos, mas estes iam para a escola, na cidade, apenas uns três ou quatro anos e paravam, porque não tinham mais estímulo, não havia mais condições de se deslocar e precisavam ajudar à família a minimizar os efeitos da miséria. Somente com a força de trabalho de todos da casa, sentiam um mínimo de dignidade. Carlos Heitor olhou para Amadeu como se perguntasse: Onde estariam todos? Antes mesmo de verbalizar, alguém completou. Naquele momento, provavelmente todos estavam em casa, contando causos, dançando, brincando ou dormindo. Ou ainda ouvindo novela no rádio do Armazém do Mané das Cadongas.

Foi aí que se deram conta da grande dificuldade que teriam pela frente. Ensinar quem não se sentia motivado a aprender se constituiria no maior desafio da vida dos dois rapazes. Para não deixar o pequeno trio ainda mais sem perspectiva, trocaram mais algumas experiências e marcaram uma aula para dali dois dias. A ideia era aproveitar o dia seguinte e fazer uma verdadeira operação pente fino em Sítio Baixo, cadastrando possíveis alunos, conversando com os agricultores e moradores da região.

Como a aula tinha acabado muito mais cedo do que o programado, resolveram ir ao bar do Mané das Candongas tentar descobrir mais coisas a respeito de Sítio Baixo e, claro, tomar mais umas duas doses daquela cachaça que quase havia inviabilizado a aula.

Tomaram mais uma dose cada e bastante alterados voltaram para a escola-dormitório. No caminho admiraram a lua. No sertão, ela parecia muito maior e muito mais bonita. Conversaram sobre a estratégia a ser adotada no dia seguinte e até celebraram a segurança na qual estavam. Em Sítio Baixo poderiam relaxar. Nunca a repressão chegaria por aquelas bandas.

Antes de dormir, Amadeu comentou o quase perrengue que passara naquela noite. Carlos Heitor deu uma gargalhada e comentou o que a falta de uma leitura mais diversificada fizera

com ele. Padrinho era uma forma que meninas supostamente "desprotegidas" chamavam seus protetores. Essa proteção poderia ser sim, uma espécie de lenocínio. Se ele tivesse investido um pouco mais provavelmente encontrasse uma parceira para um sexo casual. Amadeu adormeceu xingando a si mesmo. O amigo riu ainda mais.

Na manhã seguinte, acordaram com uma ressaca imensa. Os copos de cachaça bem cheios cobravam seu quinhão. Constataram que não havia nada para comer nem para beber. Sem alternativa, foram andando até o estabelecimento de Mané das Candongas, que já àquela hora estava aberto. Comentaram, gargalhando, que talvez aquele homem não dormisse.

Chegaram e foram recebidos com algumas troças pelo comerciante. Estavam visivelmente prejudicados pelos efeitos do álcool. Beberam um café amargo e comeram um pedaço de pão com manteiga. Era a refeição matinal disponível para os seus recursos. No balcão mesmo traçaram algumas estratégias para conseguir novos alunos para o dia seguinte. Até falaram de política, sem tomar o cuidado necessário para os tempos em que a polícia e o governo militar tinha faro de cão.

No meio da manhã, conseguiram uma Kombi emprestada e foram ao encontro dos agricultores. A sequidão e a aridez eram inenarráveis. Por mais que se esforçassem não conseguiriam, por escrito, traduzir tanta carência. A miséria em seu estado mais bruto e mais cruel se desnudava para eles. Crianças esquálidas olhavam desesperançadas para os pais tentando o milagre de um pedaço de pão ou um copo de água. Leite, só de cabra. As pouquíssimas disponíveis não eram capazes de suprir as necessidades de todos. Como falar em alfabetização, aprendizado e ensino num lugar tão sem perspectivas? Como proporcionar à população um mínimo de cidadania, como acesso à leitura?

Conversaram pacientemente com cada um dos homens e mulheres que encontraram no meio do caminho. A reação foi mais fria possível. Tinham fome de comida, não de aprendizado. Não tinham a menor condição física de assimilar conhecimento.

A cada casa, a miséria e a sub-condição de vida assustavam Carlos Heitor e Amadeu. Nunca tinham visto tanta fome, tanta carência, tanta falta de cidadania. Quase ninguém se lembrava da existência daquelas pessoas. A exceção eram algumas obras assistenciais da Igreja católica e a visita eventual de alguns missionários protestantes. Nem mesmo a prefeitura investia direito naquela região. Eram uns apátridas dentro da sua pátria.

Isso só aumentou a revolta com aquele governo. Os militares haviam destituído o outro legitimamente eleito, com a promessa de resgatar as condições de vida de todos. Não era nada disso o que constatavam. A impressão era uma só: Brasília não devia sequer imaginar, ou fazer qualquer esforço, para minorar o sofrimento do nordestino. Ódio e revolta dominaram os sentimentos de Carlos Heitor e Amadeu.

Antes de voltarem, no final da tarde, passaram numa casa ainda mais afastada. Como todas as outras, a miséria era absoluta. No entanto, havia uma alegria diferente. Ouvia-se música, cantada a todos pulmões por Severina, a mãe - grávida - e Aldemário, o filho. Cirandas típicas da Ilha de Itamaracá aprendidas com alguém que tinha passado por ali, anos antes. Sentiram um alívio no peito. Talvez naquele rincão poderia existir o mínimo de cultura e educação.

Entraram e conversaram. Não estavam, Raimundo, o pai, Clarinda a filha mais velha e Maria das Dores, a caçula. Tinham saído para cortar palma, uma espécie de cacto que viraria a sopa que comeriam à noite. E ainda cantavam, mesmo naquela miséria extrema. Isso tocou o coração de Carlos Heitor e Amadeu. Havia um lirismo e poesia no gesto familiar, no meio de tanta provação. Severina contou, rindo, que às vezes disfarçavam a fome contando histórias que eles inventavam. Naquele momento todos tinham que criar alguma estória que terminasse com uma espécie de carinho. Assim, no calor dos afagos e na união familiar aqueciam os corpos e os estômagos pareciam ficar saciados. Contou também que apenas Aldemário, o filho

que cuidava da mãe naquele momento, era quem tinha leitura. Uns padres tinham ensinado alguma coisa para o menino, meses antes e deixado uns livros para ele ler.

A notícia animou os rapazes. Haveria um livro. Alguém poderia ler histórias para os outros. A transmissão de cultura, no seu estado mais primitivo e talvez mais eficiente, acontecia ali? Pediram para ver o livro. Assustaram-se. Era uma espécie de Manual da TFP, com algumas citações anticomunistas, pelo viés estadunidense. No livro-manual, uma dedicatória de Frei Fortunato, o mesmo que os havia abrigado em Recife, em nome de Plínio Salgado.

Sentiram-se, mais uma vez, inseguros. O CCC poderia ter raízes sim pela região, e Aldemário poderia ser uma espécie de agente. Precisavam manter ainda mais elevada a discrição e calcular friamente cada palavra enunciada.

Tentaram disfarçar o aparente desconforto e convidaram Severina, Raimundo e Clarinda para irem à escola. Como Severina se referia à Clarinda como menina e Maria das Dores como nenê, imaginavam que a caçula ainda não estava em idade de alfabetização. Precisavam conviver um pouco mais com o povo nordestino para conhecer as formas familiares de tratamento.

Severina agradeceu, mas disse que não tinha intenção de aprender a ler. Estava feliz com o fato de o filho ler algumas coisas da Bíblia para ela. Gostava mesmo era de cantar e para isso não precisava leitura. Era só ouvir e aprender as palavras. O resto, a melodia - bastante acentuada internamente - eles assimilavam. Para não deixar Amadeu e Carlos Heitor frustrados, disse que talvez Raimundo e especialmente Clarinda se interessassem em aprender a ler. A menina, disse a mãe, tinha uma curiosidade acentuada com as palavras e tinha uns sonhos esquisitos com cartas. Estava ouvindo rádio demais, completou. Quase acabava com as pilhas todas que conseguiam comprar.

Agradeceram e voltaram. No meio do caminho, admirando o mais lindo entardecer, definiram a estratégia. Iam levantar recursos para fazer uma sopa para todos e servir a comi-

da numa espécie de intervalo. Tentariam transformar a Kombi numa viatura escolar para buscar e trazer os alunos. Sem se dar conta, estavam sendo precursores dos programas de merenda - que seria oficialmente adotado pelo Governo Federal, dois anos depois - e de transporte escolar.

Para a sua surpresa, as pessoas ajudaram com o pouco que tinham para a realização do sopão escolar. Um deu umas cebolas, outro umas folhas, outro ainda um pouco de bucho de bode que tinha em casa. Água era escassa, mas ainda assim se cotizaram e conseguiram para fazer um verdadeiro banquete, dadas às condições em que estavam inseridos. A solidariedade inesperada foi um sinal do qual o país tinha jeito. O grande problema do Brasil era a omissão dos políticos, normalmente traduzida em transferências de responsabilidades.

No meio da tarde, saíram para buscar os interessados. Na Kombi caberiam apenas mais seis ou sete alunos. A expectativa era bem baixa. O choque de realidade que haviam experimentado não dava espaço para grandes otimismos. Passaram em várias casas e a condução parecia de nenhum proveito. Sempre o desinteresse geral. Na casa de Romário Antunes, a penúltima, dois jovens estavam prontos para aprender. Isso motivou bastante Amadeu e Carlos Heitor. Somado com aqueles três do primeiro dia, praticamente dobrariam a frequência. Era um dado animador.

Saíram em direção da casa de Raimundo e Severina com bastante empolgação, conversando com os rapazes que seriam os novos alunos. Ao chegarem lá e baterem palma, o coração de Carlos Heitor disparou. Uma visão celestial saiu daquela casa. Uma espécie de doce miragem. Uma adolescente linda, cabelos morenos, olhos verdes, corpo escultural, sorriso branco, saiu feliz para receber os educadores. Na mão, um caderno. Era Clarinda. Começava ali uma nova página de Carlos Heitor.

CAPÍTULO 8 – Cartas de amor

No caminho até a escola, com aquele entardecer poético, Carlos Heitor era o mais animado. O professor conversava com todos os novos alunos, tentando disfarçar os olhares nada discretos trocados com Clarinda.

Na conversa descobriu a idade de todos. Os rapazes tinham 18 e 16 anos. Clarinda, 15. Nenhum deles tinha a menor noção de escrita e leitura. A menina ainda se sentia uma privilegiada porque o irmão lia a Bíblia e aqueles livros estranhos que os padres tinham deixado para ele. Sabia até que as letras quando juntadas tinham uma magia especial. Eram capazes de traduzir, sonhos, esperanças, vida.

Enquanto conversavam com os jovens, o ódio e a revolta tomavam conta de Amadeu e Carlos Heitor. Que país era aquele que não investia pesado em educação e não se importava que jovens com idade para quase todas as obrigações civis e militares pudessem conhecer as palavras e os textos? Marx e Maquiavel tinham razão: quanto mais inculta a população, mais o príncipe e os poderosos podem usá-la a seu bel-prazer, transformando-a em perigosa massa de manobra. Agora tinham a oportunidade de fazer a diferença naquelas histórias, dando a eles o mínimo de cidadania: o doce prazer da escrita e da leitura.

Chegaram à sala e depois de uma boa sopa, começaram o que seria a aula. Não foi. A pretensa atividade pedagógica acabou numa conversa e num primeiro esboço de alfabetização, dentro da realidade vivida por todos. O Método Paulo Freire, na essência. Todos queriam começar escrever logo. Sentir a emoção de desenhar letras até chegar a seu nome era objetivo comum. Carlos Heitor e Amadeu queriam mais com o pequeno

grupo. Queriam proporcionar aos sete, sonhos e possibilidades além da escrita para escreverem a liberdade, a paixão, o amor.

Carlos Heitor procurava disfarçar, mas seus olhos buscavam constantemente Clarinda. A menina, ainda bastante inocente, percebeu aquilo e retribuiu com olhares afetivos. No meio da sequidão e da inclemência da seca, receber um carinho com um olhar é chuva serôdia. Nascia ali uma história diferente.

Não perceberam o tempo passar. Já passava das 20:30, hora combinada para terminar a aula e levar os alunos de volta às roças, quando alguém lembrou isso a Carlos Heitor e Amadeu. Eles pararam tudo e pactuaram de dois dias depois, os alunos voltarem e comentarem os seus sonhos.

Uma deliciosa revolução começou. Por que esperar dois dias para falar de sonhos e começar ver as letras aparecerem? Por que não no dia seguinte? Carlos e Amadeu cederam, empolgados. A aula foi marcada para o dia seguinte.

Começou aí a metamorfose em Sítio Baixo. A experiência e a prática de uma aula não convencional tinham empolgado completamente aquelas almas. Na segunda aula o número de discentes tinha sido ampliado. Já não eram mais sete, mas sim nove alunos. A fome de comida e do saber atraíam mais pessoas àquela casinha mal iluminada.

Com os pratos ainda na mão, Carlos deu início à aula e perguntou quais eram os sonhos. Um disse que era ler a bíblia, outro escrever para o padrinho em Recife, outro revelou pretender escrever seu próprio livro. Quando chegou a vez de Clarinda, ela riu e quase sem jeito disse:

– Eu gostaria de receber uma carta. Ler e responder. Quem sabe uma carta de amor como essas que a gente ouve no rádio?

A frase empolgou Carlos Heitor. Daquele dia em diante ele se tornou uma espécie de "professor particular" de Clarinda. Estava sempre por perto, fazendo com que ela aprendesse e reconhecesse as primeiras palavras. Até chegar o dia mágico no qual resolveram praticar a escrita. Dando início ao parto si-

lencioso das palavras, Carlos Heitor saiu da mesa central dividida com o amigo e foi imediatamente até o lugar de Clarinda. Ofereceu-se para mostrar as três primeiras palavras para ela escrever em sua carta tão sonhada. Deus? Pai? Céu? Clarinda? Mãe? Nada disso, pegando na mão da adolescente que era um misto de calosidade e suavidade, desenhou com ela suas três primeiras palavras.

Emocionada com as três primeiras palavras escritas, Clarinda queria exatamente saber o significado daquelas nove letras que tinham vindo à luz. Não havia chegado, ainda, na fase de compreensão das palavras, ainda que garatujasse sua primeira frase. Pacientemente, Carlos Heitor não explicou: divagou e ficou contemplando a beleza da adolescente num explícito amor platônico.

Amadeu percebeu o que acontecia com o companheiro, e à noite tentou trazê-lo de volta à razão. Carlos era muito mais velho do que Clarinda, tinha uma outra história, uma outra experiência com a vida e além de tudo era procurado pela repressão. O governo o tinha como perigoso agitador, comunista, guerrilheiro. Justo ele um mero conhecedor do socialismo apenas de leitura, agora estava num conflito real de mais-valia amorosa.

Como a paixão arrebatadora também era novidade na vida de Carlos, ele simplesmente desprezou as palavras do amigo. O momento era de ensinar em todos os sentidos. A ler, a pensar, a escrever, e por que não: amar. Passou a fazer desse quarteto de palavras o mote para a sua missão em torno da causa não do partido, mas da qual mais acreditava: a de um povo feliz e de uma nação soberana, independente.

Nos dias seguintes, os encontros e as tentativas de fazer Clarinda e o grupo de alunos aprender passou a ser mais produtivo e mais demorado. Também porque, bem lentamente, ia aumentando o número de aprendizes. Em menos de quarenta e cinco dias, a primeira turma já escrevia períodos de oito palavras sozinhos e conseguiam ler nove ou dez linhas. Uma mulher chegou a ter uma crise de choro quando, praticamente

sem ajuda dos dois professores, leu dois versículos do livro de Provérbios. A emoção foi geral.

Entre uma conquista e outra, Amadeu fazia questão de falar de política, da miséria em que eles viviam, da seca e da falta de solução para um problema tão antigo e cruel. Também falava da barbaridade que o presidente Médici queria fazer, ao construir a Transamazônica, tirando os nordestinos das grandes cidades e enfiando-os no meio do nada, abandonado à própria sorte, ao prometer um mundo novo no caminho entre Brasília e o Amazonas. Algo bastante similar ao êxodo rural dos anos 40, 50. Uns achavam exagero o que Amadeu falava, outros concordavam e havia o bloco dos alunos que apenas queriam ler a palavra sagrada.

Carlos Heitor comentava de política, mas paulatinamente ia deixando os demais alunos para Amadeu ensinar e praticamente se tornava uma espécie de preceptor de Clarinda. Quando a menina conseguiu escrever, sozinha, dois parágrafos, depois de quase quatro meses de aula, Carlos Heitor achou que era hora de ser mais ousado. Alugou duas caixas postais no que parecia ser uma agência do correio, para ele e Clarinda trocarem cartas, como forma de extensão das aulas. A dele a de número 15; a dela a número 12.

O fim de ano chegava e com ele as festas de Natal e Ano Novo. Alguns padres de Santa Cruz iriam fazer em Sítio Baixo as celebrações de Natal. Com eles, viria um padre de Recife. Rapidamente souberam se tratar de Frei Ernesto, o padre progressista que os recebera no convento. Os dois jovens professores ficaram empolgados com a notícia e se preparam para receber o camarada. No coração de Carlos Heitor havia mais do que alegria. Havia a expectativa de que Ernesto, como sacerdote e homem culto, de alguma forma abençoasse aquela relação imaginária com Clarinda. Isto seria tão ousado quanto o aluguel da caixa postal feito para ele e para a adolescente, para que pudessem trocar cartas de amor.

Clarinda não entendia muito bem tudo o que estava acon-

tecendo, mas gostava muito da companhia de Carlos Heitor. Aos finais de semana, sempre dava um jeito de aparecer na casa da menina e conversava animadamente com ela, seus pais, sua irmã e Aldemário. Esse era o grande entrave na relação. Possuído por um ciúme que parecia transcender o amor fraternal, Aldemário começava a espionar os passos de Carlos Heitor.

Apaixonado e seguro de que estava completamente distante de toda convulsão social e política na qual Brasil estava mergulhado, o professor nem se importava com tudo aquilo. Esquecera-se do CCC e de como os tentáculos da extrema direita eram grandes. O tempo só ia aproximando Clarinda e Carlos Heitor. As visitas à agência de correios e as trocas de cartas começaram a se tornar constantes, ainda com frases desconexas, mas que já revelavam uma paixão crescente. Na sequidão do semiárido, a vida começava a ter todos os tons e cores do amor.

No dia oito de dezembro de 1970, Carlos Heitor postou uma carta de quase duas páginas para Clarinda. Havia escrito também para os pais e para alguns amigos, desejando um ano novo promissor a todos. Não teve o cuidado de pedir que alguém postasse aquelas missivas em outra cidade. Baixou perigosamente a guarda, tanto política quanto amorosamente. Esqueceu-se do fato de a adolescente ainda não ter condições de ler um texto daquela extensão e dimensão. Especialmente da intensidade amorosa tão marcante dos relacionamentos platônicos. Mas sentiu-se mais leve: havia desabafado.

Clarinda já havia colocado um destino a mais cada vez que ia ao centro da cidade, quando não ia para as aulas. Passar no correio e colocar uma carta para Carlos Heitor era uma espécie de tarefa cumprida com gosto e prazer. Mais de quatro dezenas dessas cartas continham apenas três palavras. Sempre se lia as mesmas três palavras, nada além. Numa delas, surgiu uma quarta e essa trouxe uma emoção maior tanto no emitente quanto no destinatário. Depois de repetir as três palavras escolhidas por Carlos Heitor e começar vivenciá-la no seu peito,

a menina conseguiu com muita dificuldade escrever: Clarinda.

Dali em diante a intimidade que não era pouca só aumentou. Especialmente aquela carta do natal de 1970 ficou bem guardada numa bolsinha de couro, uma espécie de xodó da menina. Havia sido o presente de Natal de dois anos antes. O único que o pai pôde dar nos últimos seis anos. Eram, agora, duas espécies de tesouro para ela.

Se a intimidade crescia, o ciúme de Aldemário também. Ver a irmã de conversas animadas, arrastando uma asa para Carlos Heitor era demais. Ela não sabia nada do homem e da família dele para se engraçar tanto. O pensamento era um só: daqui a pouco ele se assanhava e fazia um filho nela. Sumia nesse mundão por aí e deixava Clarinda buchuda, sozinha.

Além do mais, Aldemário enxergava alguma coisa estranha naqueles dois. Eles conversavam uma coisa que ele não entendia direito, mas certamente não era coisa boa. Lembrava bem das palavras de Frei Fortunato: os bons católicos deveriam estar atentos para os ataques dos demônios comunistas que tentariam de toda forma subverter a família, a tradição, a moral e os bons costumes, pois por trás do discurso comunista da desconstrução do capital estava a desmontagem da hierarquia familiar e da pregação de uma nova era, sem moral nenhuma.

Alheios a isso tudo, Clarinda e Carlos Heitor estreitavam os laços. Na passagem de ano, a prefeitura resolveu fazer uma espécie de ceia coletiva na praça da cidade. Até uma televisão haviam trazido e instalado no coreto. Antes da virada, assistiram alguns milhares de jovens correndo pelas ruas de São Paulo. Isso despertou a saudade nos dois professores e aguçou a curiosidade de muitos ali: aqueles meninos corredores não iam passar o ano novo com a família? Só então, alguns moradores se deram conta. Carlos Heitor e Amadeu também estavam distantes dos seus lares. À meia noite, um alto falante tocou a célebre canção "adeus ano velho, feliz ano novo" e a quase centena de cidadãos que haviam resistido ao sono e à fome se abraçaram, confraternizando. O único olhar não amistoso foi

de Aldemário para Carlos Heitor.

Depois, enquanto ainda se ouviam algumas músicas no alto falante, Clarinda chamou o seu preceptor para uma conversa, num lugar mais afastado. O coração bateu acelerado em Carlos Heitor. Foram até próximo à escola, onde um fio de luz dava a mínima luminosidade possível para aquele idílio. A lua, bonita como sempre, proporcionava um show à parte. Falaram amenidades e depois Clarinda olhou firmemente nos olhos de Carlos Heitor e disse:

– To sentindo uma coisa boa e completamente diferente por você, Carlos. Uma coisa que nunca senti por ninguém. Será que é amor?

– Não sei Clarinda. Eu acho que também to assim. Nunca me passou pela cabeça antes sentir uma coisa dessas. Principalmente por uma menina tão nova como você.

– Carlinhos, o verdadeiro amor não dá a menor importância para diferença de idade porque o coração não tem olhos para ver a aparência. Ouvi isso numa novela de rádio e gostei da frase. Agora to entendendo melhor ela.

Ao ser chamado no diminutivo, a última barreira existente entre Carlos Heitor e Clarinda desabou. Os dois se olharam, pegaram nas mãos, se aproximaram e quando iam enfim tocar os lábios um do outro ouviram a voz grossa e irritada de Aldemário.

– Clarinda, tá tudo bem aí? O painho tá te chamando para a gente voltar pra casa.

A excitação virou frustração. O desejo sublimado virou indignação. Disfarçaram e ela respondeu estar tudo bem e começou o movimento de retorno à casa paterna. Ele se deu por vencido. Aldemário, por sua vez, tivera consciência de quanto o perigo era grande e, por isso, precisava agir.

No dia seguinte, para surpresa de Clarinda, Carlos Heitor disse que ia para Recife passar uns dias no seminário, a convite de Frei Ernesto. Alegou ter sido convidado durante os festejos de Natal a passar uns dias na capital e seria uma oportunidade de ele trazer materiais novos para a turma. A menina mais uma

vez sentiu a frustração, mas cedeu. Isso poderia ser importante e ela poderia ser muito beneficiada conhecendo mais estórias e palavras novas.

Os professores ficaram dez dias em Recife. Neste tempo, tomaram ciência de tudo o que estava acontecendo no Brasil e do cerco imposto a Lamarca. Não ficaram sabendo dos amigos da SAL, mas temeram a morte de cada um deles. Os nomes de certos torturadores já eram conhecidos. Nem mesmo a Igreja Católica estava isenta da sede dos militares. Alguns padres estavam sendo presos e após serem liberados sofriam "acidentes" que os deixava com cicatrizes por todo o corpo. Os tempos eram pavorosos.

Todas essas informações eram passadas de maneira cifrada. Especialmente Ernesto tinha muito medo das paredes daquele seminário quase deserto. O frade dizia isso numa clara alusão a Frei Fortunato. Havia quase uma certeza, entre os padres progressistas, que Fortunato era o grande líder religioso do CCC, o comando de caça aos comunistas pernambucano.

Na véspera da volta a Sítio Baixo, Carlos Heitor e Amadeu cruzaram com uns homens com aparência bastante conhecida. Trocaram olhares procurando um reconhecer o outro. A memória não ajudou nenhum dos lados. O sotaque, porém, revelava que aqueles homens não eram nordestinos, ao contrário pareciam paulistas ou paulistanos. Como os novos professores.

Foram duas semanas decisivas na vida de Carlos Heitor e Amadeu. Este teve a convicção de que precisaria sair de Sítio Baixo. Sentia que nem mesmo no fim do mundo estaria livre do faro de cão da Ditadura. Aquele só pensava em se isolar do mundo em Sítio Baixo mesmo, desfrutando da companhia de Clarinda e quem sabe assumindo a relação com a adolescente.

Na viagem de volta quase não se falaram. Quando trocaram frases, e mesmos chistes, Amadeu falava com apenas três palavras. Só isso já revelava o alto grau de pressão emocional pelo qual passava. Porém, o pensamento estava no que viria pela frente.

Amadeu trouxe consigo vários livros devocionais e duas bíblias: uma católica e a outra, protestante. Leu muito na viagem e a cada página virada, sua fisionomia mudava. Carlos não queria acreditar no que estava vendo, mas o amigo dava claros sinais de uma verdadeira conversão. As vidas dos amigos começavam a seguir caminhos diferentes.

.....

No dia 31 de março de 1971, quase chegando a Semana Santa, Amadeu começou a ficar ainda mais agitado. Andava falando sozinho e não raro emitindo apenas três palavras. O fato de fazer sete anos de Revolução pareceu aumentar a verdadeira tormenta pelo qual passava. Quando não estava agitado, mergulhava na leitura de livros religiosos. A escola o via cada vez menos.

Quando foi anunciado que a cidade ganharia uma TV pública, já a partir daquela noite, na praça central, o pânico de Amadeu ficou maior. A sensação de que as fotos dele e Carlos Heitor pudessem ser estampadas no Jornal Nacional e o quase anonimato fosse descoberto piorou o seu quadro de ansiedade. Nem mesmo a constatação de que as pessoas ficaram rapidamente muito mais preocupadas com o diamante de João Coragem, com a possibilidade de Lara "virar" Márcia ou Diana naquela noite do que com o momento político brasileiro aquietaram Amadeu.

Nos dois meses seguintes, a vida dos dois rapazes foi praticamente a mesma. Amadeu lendo e falando sozinho, vendo policiais chegando a qualquer hora e os prendendo e depois torturando até a morte. Carlos Heitor estudando, lendo, preparando aulas e escrevendo cartas para Clarinda. Nas horas vagas, Carlos ia para o Armazém do Mané das Candongas onde tomava umas cachaças e comia uma dobradinha ou ia até a casa da adolescente, onde ficava contando e ouvindo histórias para e dos familiares. Estas visitas tinham virado o motivo de discussão entre Aldemário e seus pais. O ciúme do irmão mais velho de Clarinda estava chegando às raias da loucura. Nem

mesmo os amigos mais próximos de Aldemário estavam concordando com seus devaneios.

Numa dessas crises de ciúme, Aldemário escreveu para o Major Pimpão, chefe da PM do Estado e membro do "alto escalão" da Opus Dei em Pernambuco. No relato, confessava que tudo o que dizia podia ser coisa da sua cabeça ou resultado de um excesso de zelo em relação à irmã, mas pedia para investigarem o tal professor Carlos Heitor, no momento lecionando no Mobral de Santa Cruz. E prosseguia: "o tal Carlos tem um comportamento estranho e ao mesmo tempo sedutor, bem parecido com os dos comunistas que querem entrar nas famílias de bem e depois provocar sua destruição. Ele parece ser pessoa boa, mas o olhar dele não me engana. Ou ele é um enviado do diabo para atormentar a todos ou é um comunista infiltrado aqui. Ou pior, os dois".

Foi até o correio para pôr a carta e ali encontrou Carlos também postando suas correspondências. A curiosidade se tornou ainda maior. Será que ele tinha a ver também com a mudança do comportamento da irmã que agora começava a ficar rabiscando palavras no papel?

No final de maio, Frei Ernesto voltou para Sítio Baixo. As cartas de Amadeu para ele o deixaram bastante preocupado. Conversou reservadamente com os dois professores e disse ter entrado em contato com algumas pessoas do partido e mesmo sem recurso conseguira um aparelho para Amadeu ficar um tempo em Olinda, onde ele poderia ser mais útil à causa revolucionária, escrevendo artigos e ajudando na divulgação do jornal Voz Operária.

Amadeu não gostou muito da ideia. Queria mesmo ir para o sertão da Bahia onde estava o grupo liderado por Lamarca e se juntar a eles. Frei Ernesto contou da situação do comandante da guerrilha e de como ele estava sendo perseguido e não seria nada prudente engrossar aquela frente diante dos parcos recursos disponíveis para se organizar. O professor acabou cedendo e concordou com as instruções do frade.

No dia 8 de junho de 1971, Amadeu foi embora de Sítio Novo. Às dezoito horas, quando as rádios começavam com o toque da Ave Maria, o velho ônibus partiu levando o professor de volta para Recife. A partir daquele momento, Carlos Heitor estaria só.

Sentindo o peso da nova realidade e a iminente solidão como companheira, Carlos foi para o Armazém do Mané das Candongas beber. Ao chegar viu um estranho alvoroço e já foi avisado que o bar fecharia, naquele dia, mais cedo. Estranhou. Não havia nada de especial no calendário a indicar um motivo plausível para o fechamento. As festas juninas já estavam para começar e na semana seguinte seria dia de Santo Antônio, esse era o motivo mais próximo de feriados. 8 de junho não lembrava nenhuma data especial, muito menos religiosa. Resolveu se inteirar do motivo para a cidade parar, a ponto de fechar o estabelecimento que era o último a baixar as portas e Mané rapidamente explicou:

– Hoje é dia do último capítulo de Irmãos Coragem. Ninguém quer perder isso por nada. Depois talvez eu abra, mas ali por volta das dez para as oito de hoje to fechando. Vou pegar uma caninha e vou tomar assistindo a novela.

A fala de Mané encheu o coração de Carlos Heitor de tristeza. Então ele passara horas estudando, preparando aulas, esforçando-se para as pessoas entenderem o que estava acontecendo à sua volta, refletissem na sua realidade e elas iam parar, durante uma hora, para ficar em frente a uma TV assistindo ao último capítulo da novela? Pensou em desistir de tudo. Lutar num país de alienados era uma luta vã. Lutar para todos serem livres e terem dignidade, enquanto estavam ocupados mesmo em saber da novela e do futebol, valeria a pena? Talvez a história nunca reconhecesse o que de fato acontecia no Brasil, naqueles dias. Talvez um dia negassem aquele passado como se ele nunca tivesse existido. Talvez criassem narrativas insanas, e o povo as compraria como verdade. Talvez ainda todo o horror vivido fosse minimizado, ridicularizado e simplificado como

se tanta morte e tortura não fossem coisas realmente graves. Talvez o país gigante do futuro não passasse de uma narrativa mitológica. Talvez a sua luta não valesse a pena.

Ficou à distância assistindo o gozo coletivo da pequena multidão, ao ver João e Lara ficarem juntos no final da novela. Alguma surpresa? Nenhuma. Assim como não parecia mais estranho as pessoas viverem num estado de exclusão total e acharem que tudo era exclusivamente porque Deus não dava bom tempo para a região.

Daquele em dia em diante resolveu concentrar-se na educação de Clarinda. Se outros quisessem também aprender seriam benvindos. A escola funcionaria, exclusivamente, para ensinar aquela adolescente. Ela realmente não parecia se importar com novelas e outras coisas alienantes. A obsessão em aprender e a sede de leitura demonstradas eram combustível para as emoções e os sonhos de Carlos Heitor.

Assim o tempo passou. 1972 chegou com força avassaladora, em todos os sentidos. A morte de Lamarca no ano anterior, associada à de Marighela em 69, provocou grandes baixas no movimento de resistência à Ditadura. Em contrapartida, Médici, apoiado pelas grandes redes de Televisão (Tupi e Globo), vendia a imagem de um Brasil com uma prosperidade nunca vista. Denúncias de corrupção nas obras da Transamazônica e na licitação inicial do que seria a grandiosa Hidrelétrica de Itaipu eram silenciadas. Jornalistas eram perseguidos e presos. Livros, peças, músicas eram censuradas. Não havia debate político em lugar nenhum. Políticos de oposição eram caçados como animais. O Congresso, fechado durante anos, parecia que iria voltar à normalidade naquele ano, num gesto aparentemente democrático. Quem sabia de mais alguma coisa ou tinha tido contato com integrantes do PCB, do MR8, da VPR, por exemplo, era preso e sumariamente espancado, algumas vezes até a morte. Carlos Heitor estava nesse último caso.

Os dias ainda eram de trevas. Mas havia uma aparência de vida normal. O grande debate que tomava conta do país era se

Pelé disputaria a Copa da Alemanha em 1974. Se isso acontecesse, o tetra viria fácil. A alienação dominava o território nacional.

Clarinda, como quase toda adolescente, pensava em como seria o mundo quando dominasse a leitura. Fazia planos até de ler cem livros num ano. Queria conhecer todos os autores que pudesse. Nunca ia deixar um livro pela metade, imaginava.

Os passeios até a agência dos correios para pegar a correspondência na sua caixa postal eram cada vez mais constantes. Sempre as mesmas cartas de Carlos Heitor e, uma vez ou outra, uma mensagem de páscoa, ano novo, natal, de um comerciante, do próprio correio ou da prefeitura.

A turma de Carlos Heitor dobrara. Já eram quinze pessoas querendo aprender a ler e escrever. Isso trazia conforto. A educação salva qualquer nação. Mergulhava de cabeça no ensino e na transformação daquelas almas em leitores ávidos. Nas horas vagas, cada vez menores, escrevia cartas - cada vez mais longas - para Clarinda, amigos e parentes. Estas codificadas. Para a adolescente, missivas apaixonadas em cujas revelava o amor sentido em forma de poemas românticos e polissêmicos. Não havia declaração explícita para a moça, para não permitir que os familiares - especialmente Aldemário, que deixava claro o quanto não gostava de sua companhia - fizessem deduções óbvias. Para os seus, cartas ainda mais enigmáticas, e nunca com o endereço de onde estava. Esquecera apenas que as correspondências iam carimbadas com o lugar de origem.

O quase namoro de Clarinda e Carlos ia se tornando intenso. Palavras cada vez mais doces. Beijos contidos. Desejos reprimidos. Estava difícil não viver mais isso na plenitude. Mas o bom senso mandava agir com a maior prudência possível. Tanto que as cartas poderiam ser entregues por Tatau, o único carteiro da região - e talvez por isso, exímio fofoqueiro - ou por ele mesmo entre uma e outra jura de amor. Mas resolvera, até como estratégia, alugar duas caixas postais: a 12, para ela e a 15, para ele, para trocarem tais cartas. Assim cada vez que ela

viesse pegar sua carta, poderiam se ver mais um tempo.

No final daquele ano, a sorte começou a mudar para Carlos Heitor. Negativamente. No dia 16 de novembro, enquanto eram contados os votos dados no dia anterior para prefeito e vereador, foi até a agência dos Correios pegar sua correspondência. Além da esperada carta de Clarinda, que já escrevera três linhas dizendo o que sentia por ele, outras duas: de Frei Ernesto e Amadeu. Em ambas, as notícias de que os tempos eram os piores, e o cerco estava se fechando. Nem mesmo os padres estavam escapando. Dom Paulo Evaristo, em São Paulo e Dom Hélder Câmara, em Recife tinham sido levados para prestar esclarecimentos algumas vezes aos delegados do DEOPS. Só não ficavam detidos e passavam por todas as privações, dada à sua envergadura política, religiosa e social, mas a obsessão em prender "comunistas" chegava às raias da loucura. Até mesmo Irmã Dulce, na Bahia, já era tida como elemento suspeito de terrorismo e de práticas comunistas. Irou-se. Esse nunca tinha sido o Brasil que um dia sonhara.

Foi até o bar de Mané das Candongas e bebeu muito, de novo. No rádio, a apuração da cidade de Santa Cruz terminava. Dos sete vereadores eleitos, seis eram da Arena e apenas um do MDB, a oposição. Bêbado, berrou para todos ouvirem:

– Bela merda uma oposição de um só. Eita paisinho nojento da pêga.

O comentário causou espanto e provocou breve silêncio no bar. De repente alguém soltou um riso frouxo e lembrou do estado de embriaguez que o professor se encontrava. O riso rolou solto. Menos para Carlos Heitor, que, trançando as pernas foi para a casa.

O tempo ia passando e professor e aluna continuavam trocando cartas. Quando estavam juntos, agora, já até andavam de mãos dadas, mas por um acordo tácito nunca falavam de namoro. Àquela maneira, consideravam-se enamorados, mesmo sequer os lábios tendo se encontrado. No entanto, nas cartas Carlos Heitor não se controlava mais. Escrevia tudo o

que vinha no coração e falava sem pudor dos seus desejos, suas fantasias. Clarinda, como lia muito pouco, não conseguia entender a dimensão de tantas linhas, mas tinha convicção de que ali havia muita coisa pela qual ainda valeria a pena viver e sonhar. O amor sempre foi revolucionário. A tal ponto que o próprio Deus deu seu filho como um ato de amor.

Politicamente, o ano de 1973 continuava como os nove anteriores. A repressão cada vez pior. A censura que não parecia mais ter fim. Os militares fazendo honrosas prisões, eliminando o comunismo do mapa do Brasil. A tal ponto que os próprios terroristas acabavam se suicidando nas cadeias. Tortura e silenciamento? Isso era invenção de quem não tinha mais nada pra inventar.

Até que na quinta-feira santa, Padre Ernesto chegou ao Sítio Baixo. Já não estava mais em Recife. Agora era pároco numa vila, em Petrolina e ocasionalmente atendia os munícipios ao redor. Já visitara alguns lugares de Santa Cruz e naquela páscoa seus serviços eclesiásticos haviam sido requisitados em Sítio Baixo.

Quando Carlos viu Ernesto foi como se a vida lhe desse uma nova oportunidade de ser feliz. Abraçou o padre com entusiasmo que apenas sussurrou no seu ouvido:

– Bom te ver inteiro. Pegaram Amadeu e não tivemos mais notícias dele.

A frase foi um verdadeiro iceberg no coração cheio de alegria e amor do professor. Aquela sensação horrível de morte apertou no seu peito. Teve a certeza de que nunca mais não só não encontraria, como sequer saberia alguma coisa do amigo. Chorou.

As pessoas que viram apenas o abraço e choro de Carlos Heitor ficaram emocionadas. Não imaginavam como eram intensas as amizades entre os padres. Aquele professor e aquele sacerdote deveriam ser bem unidos durante toda a vida, a ponto de um reencontro arrancar tantas lágrimas daquele jeito.

Ernesto e o professor passaram os dias que antecediam

à comemoração da páscoa juntos. Conversaram muito sobre a situação política do Brasil e Carlos foi se inteirando de tudo o que acontecia no país. No sábado de aleluia, antes de o padre atender as confissões da comunidade, resolveu se abrir. Contou tudo o que sentia e o que estava acontecendo entre ele e Clarinda. Ernesto o abençoou e disse que aquilo era lindo. Ensinar o amor e a liberdade por meio da educação e da alfabetização era um verdadeiro oásis no meio daquele deserto ao qual havia se tornado os Direitos Humanos no país.

Dali em diante o relacionamento de Carlos e Clarinda se intensificou. Aldemário, cada vez mais desconfiado e enciumado, vigiava à distância o casal. As cartas com Frei Fortunato e Major Pimpão eram trocadas com mais frequência. A certeza na qual o professor era um agente do Partido Comunista infiltrado na comunidade ganhava corpo.

Apaixonado, o professor não se atentou para o perigo à sua volta. Cortejar a adolescente e despejar-se nas cartas revelando os sentimentos era seu estilo de vida. Chegava próxima a data dos dezoito anos de Clarinda. Maior de idade, seria a dona do seu nariz e poderiam enfim assumir o namoro e quiçá marcarem o noivado. Carlos fazia planos nos seus devaneios, e no dia em que a menina completou dezoito primaveras os lábios se encontraram pela primeira vez, num selinho rápido e quase despretensioso.

Corações acelerados, paixão quase não mais contida. O amor falava alto. A guarda estava totalmente baixa. As palavras já não eram mais tão comedidas. No fim daquele ano, sob o luar inspirador do verão nordestino, Carlos resolveu dizer um poema seu no ouvido da amada, mas quis fazer uma espécie de sarau poético. Emocionado quase berrou:

– Nos teus braços faço revolução...

Aldemário só ouviu o primeiro verso. Era a declaração que faltava. O professor era, de fato, um agente do partido. Agora, estava tentando aliciar a pobre Clarinda, falando poemas de guerras e ódios. Correu para casa e relatou, à sua maneira, o

interlúdio pelo qual a irmã e Carlos passavam. Caprichou nos verbos e adjetivos na carta enviada para Major Pimpão. No dia 2/1/1974 postou a carta no correio com um sorriso sarcástico na cara.

Quarenta dias depois, sem que ninguém entendesse nada, Carlos Heitor era levado preso para Recife. No peito de Clarinda a sensação de morte ardeu como nunca. O professor, entre lágrimas, só teve tempo de dizer:

– A gente vai continuar se falando. A gente vai continuar se amando. Não desista de mim. A gente ainda vai se reencontrar e enfim ser feliz.

Com essas palavras ecoando na mente, Clarinda viu o Jeep da PM sumir na poeira do sertão levando o seu amado.

CAPÍTULO 9 – Tortura

Carlos Heitor foi levado a Petrolina. A ordem era reenviá-lo para Recife e depois para São Paulo. Major Pimpão não queria, no entanto, que isso acontecesse. Com frequência batia no peito e se declarava católico, apostólico, romano e um ser incapaz de fazer o mal a uma mosca. A não ser que fosse uma mosca socialista ou comunista, mas essas não valiam nada, e por isso Deus não o castigaria por matá-las sem piedade.

Pimpão tinha ouvido falar, por alto, de Fleury e Ustra. Achava tudo o que ouvia deles um verdadeiro exagero. Ninguém, em sã consciência, pode ser tão mal assim. Por mais bandidos que fossem os comunistas, torturar até morte era uma coisa muito séria. Só pessoas desequilibradas fariam isso. No exército, certamente não existiria gente assim. Qualquer cidadão com desvio de caráter ou com demonstrações de sociopatia seria rapidamente banido da instituição.

Como tinha sérias dúvidas em relação a essa certeza, resolveu deixar Carlos Heitor com ele. Tinha tido uma ideia brilhante. Ia fazer um joguinho psicológico com o professor, mas sem qualquer tipo de violência. Com tato iria arrancar daquele jovem tudo o que ele sabia a respeito do comunismo no Brasil. Dessa forma livraria Pernambuco de se tornar uma Sierra Maestra. E sem derramar uma gota de sangue.

Nos primeiros dias de março, foi cordial e até deixou Carlos Heitor ter duas horas de banho de sol, sozinho, por dia. Deixou-o preso, na mesma cela com outros vagabundos, normalmente estelionatários, bêbados, e ladrões de varal e de gôndola de supermercado. Os interrogatórios eram religiosamente marcados. Todas as terças e quintas a partir das 16 horas. Nunca acabavam depois das 19. Mesmo irritado e perdendo a paciência, Major Pimpão era um metódico.

Isso deu a Carlos Heitor uma espécie de resistência maior a tudo que ele passava. Nunca sabia de nada. De fato, sabia muito pouco. Só tinha ouvido falar de alguma coisa, mas não tinha conhecimento efetivo da movimentação do partido e das decisões que estavam sendo tomadas.

Com a páscoa chegando, a paciência de Major Pimpão começou a acabar. Carlos Heitor continuava não colaborando. Talvez fosse a hora de sacrificar Barrabás, para o filho de Deus poder reinar no solo brasileiro.

Numa quinta-feira, às três da tarde, Pimpão começou a mexer numa gaveta onde guardava papéis antigos. Em meio a vários rascunhos uma carteirinha feita num papel ordinário onde se via com letras grandes: CCC - Comando de caça aos comunistas, subseção Pernambuco. Aquele impresso, com aparência de falso, fez despertar a besta fera adormecida na alma daquele militar. Durante dois dias praticamente seguidos fez sucessivos interrogatórios com pequenas demonstrações de tortura psicológica e física, como telefones, pequenas queimaduras com cigarros, tapas na cara, cintadas. Major Pimpão revelava-se um sádico, de repente.

Após a páscoa, a cena se repetiu mais umas duas ou três vezes. Carlos Heitor continuava em silêncio. Isso foi o suficiente para Pimpão perder completamente a compostura e ordenar que levassem, com quase três meses de atraso, o preso para Recife. Se não estava disposto a colaborar com o Governo ele que descobrisse por si mesmo se havia ou não aquele tipo de torturador.

No dia seguinte, Carlos Heitor começava o retorno à Recife. Na alma a sensação de a morte estar próxima. No peito um orgulho meio besta de morrer defendendo seus ideais, mesmo sem ter clareza de quais seriam exatamente eles. Chegou na prisão, no centro da capital pernambucana, no início da noite. Com a delicadeza de uma manada invadindo uma loja de porcelana foi jogado numa cela, junto com outros presos e presas políticas. Com a testa sangrando, olhou para cima e viu um ros-

to conhecido: Fernanda.

Recuperou rapidamente as forças, levantou e abraçou a amiga. Alguém mais desavisado teria a certeza de que eram amantes. Não eram. Apenas dois grandes amigos a acabar de descobrir que a Ditadura não os assassinara. Ainda.

Passada a alegria inicial do reencontro, Fernanda foi colocando Carlos a par do que tinha acontecido com o grupo. Tuca tinha sido ferida numa das emboscadas da Polícia na tentativa de prender Lamarca e desde então não se tinha mais notícias dela. Sílvio tinha conseguido fugir para o Paraguai e de lá conseguido uma passagem para Paris.

Carlos apenas comentou como estava e que sabia que Paulinho tinha sido preso. Nada, além disso. Mas a alegria dos dois estarem juntos compensava qualquer tristeza pelos quais tinham passado. Logo, descobriu que tinha falado cedo demais.

Os soldados vieram e levaram os dois. Era a primeira vez que ambos sentiam a sensação de serem interrogados juntos. Isso deu uma primeira impressão de que aquilo seria apenas um interrogatório, simples. Ledo engano. Foram colocados um de frente ao outro, nus e rapidamente começaram a ser agredidos por quatro policiais. As perguntas eram sempre as mesmas. Carlos Heitor já praticamente conhecia todas de cor. As respostas também seguiam o mesmo padrão. Algumas vezes repetidas em sistemáticas três palavras. Ninguém sabia nada.

As pancadas se sucediam. Principalmente no rosto e na cabeça dele. Com Fernanda eram mais "suaves". Pregaram pregadores nos bicos dos seios e na vulva e amarraram com fios de nylon, puxando-os "levemente" entre uma pergunta e outra. Eventualmente davam tapas na cara e murros na boca do estômago. A moça chorava, berrava, gemia, mas não falava.

Diante de tanta pressão e tanta violência, Carlos entrou em estado catatônico e começou a agir como Amadeu em momentos assim. Se antes fazia propositadamente, agora inconscientemente respondia às perguntas com apenas três palavras. Isso irritou ainda mais os torturadores e as pancadas, princi-

palmente no rosto e na cabeça tornaram-se mais intensas. A ponto de levá-lo a uma perda de sentidos temporária. Quando recobrou a consciência só conseguiu enxergar, pelo olho que ainda permitia ver alguma coisa, o momento em que um policial enfiou um cassetete no ânus de Fernanda enquanto a possuía, pela frente. Depois os demais a foram possuindo e tendo o cuidado de ejacular no corpo e no rosto da menina. Ela chorava, gritava, gemia, xingava. Violada em todas as formas sentia não ter perdido as únicas coisas que ainda restavam: a dignidade de não ter sido uma traidora e o desejo de ver o Brasil livre de toda qualquer ameaça ditatorial.

CAPÍTULO 10 – Cartas da prisão

Durante uns quinze dias, depois daquela sessão de tortura, Fernanda praticamente não emitiu uma palavra. Chorava, às vezes, olhando o sol e o céu da capital pernambucana. Em outros momentos escrevia e colocava os seus escritos, com habilidade, dentro de um tubo de creme dental. Aliás, ela tinha uma verdadeira coleção de dentifrício, guardados exatamente para esse fim.

Carlos Heitor olhava a companheira de cela com piedade e admiração. Nunca imaginara que um dia assistiria uma cena de tamanha violência e crueldade como tinha presenciado. A coragem de Fernanda era inspiradora. A habilidade em colocar papeis em tubos de pasta de dente, idem. Muitas vezes se questionava se teria tanta coragem e habilidade.

Foi aí que teve a ideia de, aproveitando a destreza da amiga, de retomar a escrita para Clarinda. Precisava dizer para alguém o que estava acontecendo e, assim, pelo menos deixar registrado a realidade pela qual o Brasil estava passando. Por tudo que tinha lido em vários livros, tinha convicção de que mesmo depois de uns cinquenta anos, haveria gente defendendo os militares daquele período, negando que houvesse ditadura um dia no Brasil e especialmente tortura. Ou pior: apenas desqualificariam os que ousaram lutar por liberdade, chamando-os de assaltantes, terroristas, baderneiros.

Fernanda explicou como fazia e as cartas para Lindinha continuaram a ser escritas. Esse foi um período de relativa tranquilidade. Por uns vinte dias as sessões de torturas tinham parado. Não tinham entendido, ainda, que esse prazo era estratégico. Os torturadores, com paciência, esperavam que os hematomas desaparecessem por completo para iniciar uma nova sessão. Tinham sido bem preparados para isso.

Também havia outro fator que os ajudava. Aproximava-se a Copa do Mundo da Alemanha e mesmo sem Pelé, e quase ninguém daquele time que tinha assombrado o mundo quatro anos antes, havia a chance real de o Brasil ser tetra campeão de futebol. Nesse período, os torturadores de Pernambuco, ao contrário dos do DEOPS, pareciam estar mais interessados com o desempenho da seleção de Zagalo do que em arrancar informações dos presos políticos.

Porém, com a pífia performance da seleção, as torturas recomeçaram. E as pancadas na cabeça de Carlos Heitor também. A ponto de ele começar a apresentar alguns lapsos de memória. Falava, com frequência, frases com apenas três palavras. A tensão era absoluta. Para aliviar de tanta pressão, descarregava toda a descarga emocional nas cartas que escrevia para Clarinda. Já começava a disputar com Fernanda quem tinha mais tubos de creme dental para depositar os escritos. Uma ou outra carta conseguia sair da cadeia por meio de um padre ou um pastor que visitava os demais presos e num gesto de cumplicidade levavam os escritos escondidos na Bíblia e na batina. Os soldados eram crentes o bastante para não fazer uma revista na palavra sagrada ou na intimidade de um sacerdote. Tinham medo de isso ser tomado por heresia ou desencadeasse uma maldição sobre sua vida.

As cartas de Carlos Heitor tinham sempre o mesmo endereço: caixa postal, 12. Sítio Baixo, Santa Cruz, Pernambuco. As primeiras ainda traziam o nome e o sobrenome de Clarinda. Depois nem isso: a memória do professor começava a ficar seriamente comprometida em decorrência das pancadas que levara na cabeça.

CAPÍTULO 11 – Morte?

A vitória sobre a Argentina, em 30 de junho de 1974 adiou uma sessão de interrogatório científico a qual Carlos Heitor seria submetido. Ou não. Os planos foram apenas mudados, para os carcereiros comemorarem sem desgaste a classificação do Brasil para a semifinal daquela Copa do Mundo. Uma vitória sobre a Argentina demandava uma comemoração ainda mais especial.

Mesmo sendo a prisão um ambiente de recolhimento e extrema tensão, não foi isso que se viu naquele fim de tarde ali, naquele presídio. Do nada apareceram algumas garrafas de cerveja e cachaça e até uns quilos de carne para serem assados numa churrasqueira improvisada. Estavam bem seguros que nada os alcançaria. Se os presos resolvessem protestar eles estariam mais dispostos para reprimir qualquer tentativa de perturbar a comemoração.

Beberam, cantaram, comemoraram até tarde da noite. Na madrugada vieram até as celas e pegaram algumas detentas presas por vadiagem e alcoolismo e as levaram. Entre elas, uma presa política que, mesmo imaginando o que fosse acontecer ali, resolveu tentar a sorte e fugir daquele lugar. Fernanda pensou em se unir à companheira, mas Carlos Heitor, ainda com os reflexos minimamente preservados, a segurou pelo braço e disse:

– Não Nanda. Não compensa se arriscar assim. Onde irá sua dignidade depois, caso consiga escapar?

Fernanda, com lágrimas nos olhos respondeu:

– Dignidade, Rafa? Porra, meu, que dignidade? Já me fizeram de gato e sapato aqui. Me comeram de tudo o que foi jeito, me forçaram a coisas que você viu bem, gozaram na minha cara, e você ainda me fala de dignidade? Minha dignidade foi estuprada junto comigo, Rafa. Só sobrou um pouco da mi-

nha integridade política. Só por isso não abro a boca. Se pudesse matava cada um desses milicos com mais crueldade ainda. Se viver mais uns cinquenta anos será exclusivamente para me vingar de cada um deles.

Carlos a abraçou em prantos. Fez uma espécie de oração e pediu para que ela se acalmasse. Obteve sucesso. Colocou-a no seu beliche e ficou perto dela até que cochilasse. Quando Fernanda apagou, foi ele quem teve uma crise de ódio. A vontade dele era de matar cada um dos policiais que haviam seviciado a companheira, quem dava respaldo a eles e quem defendia esse tipo de coisa. Ia começar uma gritaria quando um bêbado, na cela ao lado, murmurou:

– Nanda, Rafa. Será que esses são os nomes verdadeiros de vocês?

E riu.

O bêbado, sem saber, havia sinalizado o grande perigo que os dois estavam correndo e ainda não haviam se dado conta. Ele e amiga da SAL ficaram tão felizes e emocionados com o reencontro que se descuidaram e durante um bom tempo não se chamavam pelos codinomes. Por uma bênção celestial, os soldados deveriam ter deduzido que os nomes reais eram, na verdade, pseudônimos. Ou seja, inverteram a realidade. Mais uma vez. Coisa comum naquele Brasil dos anos 1970.

Dois dias depois, quando os ânimos pareciam mais serenados, um dos quatro policiais que havia violentado Fernanda entrou pelo corredor e foi na cela em frente levar um preso político para interrogatório. Ao ver o rapaz, a moça ficou possessa e enquanto conduzia o rapaz, de não muito mais que 20 anos de idade, para a sessão de tortura ela conseguiu acertar uma escarrada no seu pescoço. A atitude deixou o policial irado que ia para cima dela, mas quando a reconheceu apenas riu e disparou:

– Amanhã a gente conversa melhor. Agora vou cuidar desse seu amiguinho tá bom, comunistinha vagabunda?

E saiu dali com um sorriso sarcástico, arrastando o prisio-

neiro consigo. Durante um tempo, ainda, se ouviram os gritos agudos do homem vindos da sala no final do corredor. Conforme o grito aumentava, as risadas e os sons surdos pareciam ser maiores, também. Um verdadeiro quadro de pavor se instalou, com a certeza de que no dia seguinte seria a vez de Fernanda e quiçá de Carlos Heitor.

Depois de certo tempo não se ouviu mais som nenhum. Nem mesmo trouxeram o preso de volta para a cela como era o costume dos torturadores. Ver os companheiros em estado lastimável fazia parte da estratégia da repressão. Era uma forma de fazer os outros falarem. Daquela vez, porém, o companheiro não voltou. Aliás, nunca mais se soube dele. Com certeza, mais um entre as centenas que pereceram para se manter a boa ordem no Brasil.

A ausência do companheiro só fez com que a angústia fosse aumentada. Principalmente em Fernanda que tinha convicção que morreria no dia seguinte, após ser novamente seviciada. Aliás, talvez fosse bom mesmo morrer do que ter de viver com as lembranças daqueles dias, pensou várias vezes. Mas não foi isso que aconteceu com ela e Carlos Heitor. Pelo menos, não a morte no sentido de fim de existência. Só a morte da memória e da dignidade.

A derrota para a Holanda, seleção que tinha encantado a Copa com o chamado Carrossel Holandês, só piorou os instintos dos policiais que ainda tentavam arrancar alguma informação dos presos, encarcerados a quase dois meses. Uma eternidade dentro dos procedimentos padrão, e o tempo paralelo que corre dentro de presídios. O momento era de mandá-los para São Paulo para os policiais especializados do DOI-CODE cuidarem daqueles seis prisioneiros. Ou então abreviar tudo, mandando para uma cova sem nome em Paulista ou Jaboatão dos Guararapes, onde desovavam os cadáveres que tinham "se suicidado" na prisão.

Novamente levaram Carlos e Fernanda juntos. Com eles, mais um companheiro. Um rapaz franzino, até uns dias antes

bastante risonho e que não parecia ter tido qualquer contato aprofundado com o partidão. Parecia mesmo um inocente, como era inocente sua cara de dezenove anos. Um jovem que um dia sonhou em conhecer novos pensamentos e desejou se juntar à luta pelo restabelecimento da Democracia. Sem, no entanto, ser um ativista.

Na sala onde os presos foram colocados feito mercadoria de segunda classe, os quatro policiais, três dos quais já haviam estuprado Fernanda, revelaram toda sua dose de sadismo. Primeiro colocaram o rapaz franzino na cadeira do dragão enquanto penduravam Carlos Heitor no pau de arara. Fernanda, amarrada de pernas abertas numa cadeira, era espectadora daquele espetáculo dantesco.

Bateram muito na cabeça de Carlos, eletrocutaram o rapaz e sodomizaram Fernanda. Depois de umas três horas, completamente ensanguentado, Carlos foi tirado do pau de arara, perdendo os sentidos em seguida. Quando voltou a si, não conseguia mais lembrar do que havia acontecido com ele. Só viu o rapaz franzino, completamente desacordado, ser levado pelos soldados e ainda teve um instinto de proteger Fernanda, mesmo não a reconhecendo num primeiro momento.

A amnésia temporária indignou ainda mais os outros presos. Ver o estado em que Carlos Heitor e Fernanda tinham ficado na sessão de tortura fez com que pela primeira ocasião se ouvisse alguma ameaça de protesto. Tudo rapidamente silenciado. O professor só foi retomar algumas lembranças na manhã seguinte. Ao encontrar sua coleção de pastas de dente com as cartas para Clarinda, lembrou-se de um grande amor em algum lugar de Sítio Baixo. Nada, além disso. Toda sua história recente tinha sumido da sua memória.

Após a derrota para a Polônia, na disputa pelo terceiro lugar, três dias depois, as pancadas contra todos os cinco presos voltaram a acontecer. O fato de a Polônia ser um país mergulhado em uma ditadura socialista pareceu ser combustível para as agressões piorarem. Fernanda agora não foi seviciada, mas

passou pelas mesmas experiências dos outros rapazes e da outra moça: Corredor polonês - numa sádica homenagem aos vencedores do terceiro lugar- pau de arara, cadeira do dragão. Todos ficaram muito machucados. Carlos parecia, agora morto. A revolta tomou conta do comandante da sessão. Berrava que era o terceiro descuido dos últimos dias e isso não poderia acontecer mais. Em breve alguém descobriria e eles estariam complicados

Mandou, em seguida, que levassem os outros para as celas e desovassem o corpo de Carlos Heitor no primeiro esgoto ou depósito de lixo que encontrassem. Ninguém sabia, no Recife, que ele estava preso e nem daria muita falta dele.

O professor acordou quase no anoitecer daquele sábado, 6/7/1974, num depósito de lixo. O lugar já estava fechado e ele foi obrigado a passar a noite naquela fedentina dividindo o espaço com urubus, carcarás, ratos e baratas. Mesmo faminto, não comeu as sobras. Queria apenas sair dali.

No dia seguinte, quando abriram o aterro, finalmente saiu. Não se lembrava mais do seu nome e da sua história. Não tinha documentos e nada que pudesse levá-lo a algum lugar. A única coisa que a memória trazia à tona era: Caixa Postal 12, Sítio Baixo, Pernambuco. Mas não lembrava mais nada além daquilo.

O primeiro lugar onde foi parar era um ponto de chapa. Inventou um nome e arrumou um bico para descarregar caminhões em lojas de materiais para construção. O dinheiro daria para pagar um pensionato.

Nesse tempo adotou o nome de Marcos Roberto. O apelido tinha sido dado por Neuci, um negrão forte, que vendo o professor escrever bilhetes lembrou-se do sucesso do cantor à época. "A última carta" era um dos hits das rádios pernambucanas, já há algum tempo.

O professor gostou do novo nome e o adotou para si. Em algumas cartas para Clarinda, quando não assinava as três palavras que expressavam a identidade deles, apenas colocava. Amor, Marcos Roberto. Mas nunca nenhuma dessas cartas para

a caixa postal,12, Sítio Baixo, Santa Cruz, Pernambuco, voltou para ele.

Os anos passaram devagar. A memória do agora Marcos Roberto era praticamente nula. Não se lembrava de onde era e nem como havia chegado até ali. Resolvera inventar a história de que tinha sido assaltado e tinham batido na sua cabeça. Desde então não se lembrava de mais nada. Apenas que acordara no lixão, sem documentos e sem memória.

De 1974 a 1978 viveu de bicos, morando em pensões, albergues ou às vezes dormindo em praças e portas de igreja quando não tinha dinheiro para pagar o "pouso". Em momentos de euforia, dava-se o direito de ir para os bares e conversar com as pessoas sobre as mais variadas coisas. Nestes lugares é que ouvia ainda algo sobre política e ditadura e os sons pareciam familiares, mas ainda assim não conseguia se lembrar de nada. Toda vez que tentava recordar de alguma coisa, uma cefaleia intensa se fazia presente e ele rapidamente desistia de forçar a memória. Quando insistia, chegava à perda temporária dos sentidos.

O professor agora era um pedaço de gente, um molambo que vivia basicamente da caridade alheia. Aquela falta de referência pessoal e profissional fazia com que empregos e subempregos se constituíssem em gestos de caridade. Trabalhou em construção, padaria, como cobrador de ônibus. Em tudo se saía muito bem. Sua dedicação e eficiência sempre chamavam a atenção. Porém, a falta de memória o fazia beber sem limites tentando esquecer aquela vida errante, e os efeitos do álcool o faziam perder as oportunidades.

Nos momentos em que a angústia não era enorme e havia um teto para chamar de casa, as cartas para Lindinha brotavam. Todas recheadas de amor intenso e em que declarava sua paixão. Isso era o mais estranho naquela confusa personalidade. Mesmo não se lembrando de quase nada da sua vida, sabia descrever o sentimento nutrido por Lindinha e de como tinha necessidade de contar para ela tudo pelo qual estava passando.

Em 1979 foi para Jaboatão dos Guararapes vender sorvetes na praia. Lá ouviu falar de um partido de esquerda que estava se formando em plena ditadura e do qual diziam que ainda provocaria uma revolução socialista no Brasil. Perguntou o nome e quando disseram que era Partido dos Trabalhadores, o professor riu e apenas comentou estar impossibilitado de se filiar a ele. Não era, na essência, um trabalhador, apenas um ser humano a viver de bicos como forma de se manter. Trabalhador, para ele, só com carteira assinada.

Também foi no bar do Silvério que assistiu ao pronunciamento do General João Figueiredo anunciando a anistia ampla geral e irrestrita. Todos os exilados políticos poderiam voltar para casa depois de anos vivendo, à força, fora do país. Os pouquíssimos presos seriam soltos. Os criminosos que ousaram sonhar uma nação livre e democrática voltariam para suas casas e poderiam recomeçar sua vida. Em contrapartida os militares envolvidos em tortura não deveriam ser investigados por eventual uso abusivo da força e da autoridade. A cabeça de Carlos Heitor latejou. Ardeu. Doeu como nunca. Subitamente flashbacks de sua vida voltaram e se viu sendo espancado naquele lugar onde ele e Fernanda tinham passado por várias sessões interrogativas e de espancamento. Lembrou-se da fisionomia dos torturadores e só teve tempo de gritar um enorme: "Bando de filhas da puta" e cair desacordado no próprio bar.

Nesses dias escreveu ainda mais para Lindinha, contando das poucas lembranças que tinham vindo à tona. Tudo parecia, aos poucos, voltar ao normal. Aos poucos, uma história começava a ser reconstruída, mesmo em cacos. As feridas abertas em longas sessões de tortura poderiam começar a cicatrizar quando retomasse sua memória. Ou não.

Ficou em Jaboatão dos Guararapes por quatro anos, até 1983. Na cidade encontrou o mínimo de estabilidade econômica e conseguiu até alugar um quarto num conjugado de apartamentos populares. As cartas passaram a ser mais frequentes e a incomodar Silvério, o dono do bar que via aquele homem

sempre escrevendo e nunca lendo uma resposta. Um dia, em 1982, antes do jogo do Brasil com a União Soviética, pela Copa do Mundo da Espanha, o dono do bar disparou:

– O Marcos, para quem você escreve tanto?

– Ah, seu Silvério eu não lembro exatamente. Sei que ela chama Lindinha e foi uma espécie de namorada minha. Mora em Sítio Baixo, pra lá de Santa Cruz.

– E por que você não vai pra lá ver se ela ainda mora lá, tá viva, casou... Fica escrevendo aí que nem um bobalhão e nunca tem resposta. Eu, no seu lugar, já tinha ido pra lá faz tempo?

– Tenho dinheiro pra isso não, seu Silvério.

-Ah, para com isso. Eu te empresto um dinheiro, Marcos. Sei que você é de confiança e realmente me parece um homem bom. O que não consigo mais ver é você escrevendo sem parar e nunca recebendo um retorno. Tenho muita pena de você, Marcos. Um homem sem memória é um homem sem história. Um homem sem história é um homem sem vida. Creio que se você for pra Santa Cruz e pro Sitio Baixo a vida pode voltar pra você.

CAPÍTULO 12 – Vida

Depois de refletir um pouco, Carlos Heitor chegou à conclusão que Silvério estava certo. Quem sabe se em Sítio Baixo a memória não voltava completamente? Pegou o dinheiro emprestado pelo comerciante e comprou as passagens. O plano inicial era ficar apenas dois ou três dias. Tempo para reencontrar Lindinha e redescobrir sua história.

Saiu no dia 4 de julho de 1982 rumo à Santa Cruz e de lá pegaria alguma condução para Sítio Baixo. Nas poucas lembranças ainda vivas, havia um ônibus que fazia três vezes por dia o percurso entre Santa Cruz e Sítio Baixo. Esqueceu-se completamente do jogo, no dia seguinte, do Brasil pela Copa do Mundo, contra a Itália. Não conseguia mais se concentrar em datas e eventos. Tudo era muito esparso nas suas lembranças.

Ele já estava acostumado ao calor, mesmo no inverno, de Pernambuco. Só não tinha mais clareza de como no sertão isso é muito mais potencializado. Em pouco tempo começou a sentir na pele. O suor começou a escorrer pelo corpo e o cheiro de cachaça e cigarro de palha provocou a mais nauseante sinestesia. As pessoas pareciam estar anestesiadas com estes odores, enquanto ele padecia com o cheiro ruim.

Chegou à noite em Santa Cruz e soube que só no dia seguinte sairia um ônibus. O cobrador já foi logo avisando: quase como certeza perderia o jogo, porque a estrada estava ruim e talvez não chegasse a tempo de ver nada da partida. Carlos Heitor não se importou. Não estava acompanhando muito de perto aquela Copa. Tinha visto poucos jogos, mesmo se empolgando com a Seleção de Telê Santana. A falta de memória, porém, não permitia mais vibrar com futebol como em outras épocas.

Passou boa parte da manhã na estrada e não viu muita reação das pessoas nas ruas. Não associou que isto poderia in-

dicar um péssimo resultado para a Seleção Brasileira. O silêncio era praticamente sepulcral no caminho. Desceu em Sítio Baixo e as ruas estavam desertas. O Bar de Mané das Candongas com suas meninas estranhas era a única coisa que parecia ter vida. Foi até lá, procurando alguma coisa que o levasse a Lindinha.

Quando entrou, ouviu um Fiori Gigliotti com voz embargada declarar: "Fecham-se as cortinas e termina o espetáculo, torcida brasileira. O Brasil está fora da Copa da Espanha. O Brasil perdeu a Copa, mas pior que isso: A Copa perdeu o Brasil e o seu futebol mágico". Sentiu um nó no peito. Seu lado torcedor veio à tona. Lembrou-se da pinga de excelente qualidade que Mané vendia e pediu uma para afogar a mágoa da eliminação. Só não se embriagaria porque pretendia reencontrar Lindinha ainda naquele dia.

Mané o olhou com atenção e disparou:

– Eu te conheço de algum lugar....

Carlos Heitor riu. Disse ser provável conhecê-lo, porque ele possivelmente tinha passado algum tempo por ali. Uma das mocinhas, olhou com mais atenção para ele e teve a certeza. Ele era o professor que tinha sido levado preso quase dez anos atrás.

A fala da menina foi um lampejo na memória prejudicada do professor. Flashbacks de imagens saindo do vilarejo numa viatura voltaram. A cefaleia também. Pediu mais uma cachaça. A dor de cabeça não cessava. Pediu a terceira dose, dessa vez misturada com Cinzano. O sabor agridoce da bebida deu resultado. A dor passou.

Sentou-se numa mesa e tentou descobrir o máximo de si mesmo. As pessoas, a princípio, não acreditavam muito na história que tinha perdido a consciência e teve até quem achou que ele fosse um bandido. Com muito jeito foi explicando sua situação e começaram a compreender sua real situação. Quando mencionou o nome de Lindinha, um misto de emoção e espanto tomou conta de todos. Como alguém com a memória tão prejudicada poderia se lembrar daquela adolescente?

O espanto foi ainda maior quando o professor revelou não se lembrar exatamente do rosto da menina, mas sim da letra, da escrita e da forma como ela falava do mundo e das pessoas. Mesmo sem receber uma carta de Lindinha, as conversas à luz do luar sertanejo eram vivas. As parcas lembranças eram um verdadeiro frescor para sua alma ressecada de ódio e amargura.

Rapidamente disseram que ela tinha ido embora dali para Petrolina. Ia estudar. O professor tinha feito uma revolução na vida dela. Quando Lindinha descobriu a magia das palavras e conseguiu ler, não parou mais. Lia de tudo, se informava a respeito de tudo. Não havia nada que não a interessasse. Queria descobrir o mundo. Carlos Heitor lembrou-se, nesse momento, que esse era o maior desejo dela: conhecer o mundo, pelo menos pelas palavras.

Triste porque não poderia reencontrá-la e quem sabe nunca mais recuperar sua história, perguntou onde poderia passar aquela noite, já que o próximo ônibus para Santa Cruz só sairia depois do almoço do dia seguinte. Mané das Candongas, agora emocionado com o estado do professor, disse que ele poderia ficar na escola. Ele tinha a chave do estabelecimento e as aulas só aconteceriam na semana seguinte.

Dormiu no beliche que tinha sido sua cama por quatro anos. A visão do céu estrelado visto de um buraco no teto era poética. Mais uma vez as lembranças voltaram a povoar a mente de Carlos Heitor. Dessa vez, porém, sem dor, pois a lua e as estrelas traziam imagens suaves à sua mente.

Sonhou com Paulinho. Não lembrava exatamente da feição do amigo, mas tinha certeza de que tinha um amigo para todas as horas. Até onde a memória alcançava, Paulinho era um parceiro, alguém de confiança. De repente, a pergunta: Teria sido o sonho uma espécie de *deja vu* ou o inconsciente já estava pregando peças?

No dia seguinte foi para o bar de Mané das Candongas e ficou até chegar o ônibus. Naquele lugar encontrou várias pessoas que o conheciam e que queriam saber exatamente o que

tinha acontecido para que os policiais viessem prendê-lo há oito anos. Houve até alguém que lembrou sua afiliação ao Partido Comunista e que Aldemário tinha salvo o lugar dele e das suas más influências. Carlos Heitor não entendeu nada. Angustiado, apenas bebeu. No retorno para Jaboatão dos Guararapes, quase não percebeu a viagem, tamanho o estado de embriaguez.

O tempo passou e nada de receber uma carta de Lindinha. Ele não desistia. Continuava escrevendo. O Brasil agora respirava eleições. O Partido Comunista tinha saído da clandestinidade. Miguel Arraes, de volta a Pernambuco, arregimentava a esquerda rumo a novos tempos de democracia. O sonho de eleger um presidente ainda estava distante. De tal forma que para aquela eleição o Congresso - dominado ainda pelos militares e pelo PDS, antiga Arena - aprovou o tal do voto vinculado. Só se podia votar num partido "de cabo a rabo". Liberdade de escolha ainda era rara no Brasil.

A oposição ganhou no país todo. O Congresso Nacional ficou dividido. Se antes a situação nadava de braçada, do ano seguinte em diante as coisas seriam diferentes. João Figueiredo, presidente do Brasil, parecia uma barata tonta. Não conseguia mais administrar nada. A inflação na estratosfera. Os novos tempos e os alucinantes anos 1980 chegando com toda a força. O corpo e a nudez antes reprimidos agora ganhavam os palcos, as revistas e as telas. A liberdade começava novamente a ser sonhada no Brasil.

No cinema, a expressão maior da rebeldia daqueles tempos. Filmes cult, por um lado e de baixa qualidade, por outro, começavam a mostrar cenas explícitas de sexo. Filmes proibidíssimos como O Império dos Sentidos, Calígula e O Último tango em Paris chegavam às salas brasileiras.

A onda libertária era tão grande e o governo estava tão sem rumo que o presidente foi à TV, em rede nacional, convocar as famílias de bem para uma cruzada contra a pornografia. O Brasil da ilha da fantasia, onde os verdadeiros problemas parecem contos de fada, começava a ser mostrado aos brasileiros.

Com a posse dos novos governadores e dos novos deputados, começavam a se articular o processo sucessório do próximo presidente. João Figueiredo dava claros sinais de que ele seria o último militar a governar o Brasil naquele ciclo. Tanta morte e tortura desnecessárias tinham desgastado a imagem do Exército Brasileiro junto a uma parte significativa da população. Ver um presidente, ainda que militar, constantemente com um copo de uísque na mão e dizendo frases como: "Se eu ganhasse um salário mínimo, dava um tiro na minha cabeça" só pioraram esse quadro.

Conforme o ano de 1983 ia avançando, cresciam os boatos que o país poderia voltar a eleger diretamente seu presidente. A eleição para Governador no ano anterior já era um sinal disso. Neste clima, Dante de Oliveira, deputado do MDB mato-grossense apresentou um projeto de Emenda Constitucional prevendo eleições diretas em 1985, quando acabaria o mandato de João Figueiredo.

Como aquela era uma demanda de real interesse popular, coisa rara no Congresso Nacional Brasileiro, o projeto de lei ganhou o apoio do povo. Numa demonstração de civismo poucas vezes vista, milhões e milhões de brasileiros foram às ruas gritar: "Eu quero votar pra Presidente". Aqueles foram dias inesquecíveis na História do Brasil. Uma voz quase uníssona pedindo o direito ao voto, elemento essencial num regime democrático.

Tanta democracia assustou principalmente os militares e os defensores da Ditadura, cada vez em menor número, mas com uma expressiva maioria do Congresso Nacional. De maneira acelerada começaram as mais variadas manobras visando que a proposta de Dante de Oliveira não prosperasse. Falava-se de tudo: de ameaça de morte a apaniguados a corrupção mesmo, em espécie, para manter as coisas no mínimo de normalidade.

Cientes do risco de ver um pleito tão importante frustrado, os políticos e artistas começaram uma sucessão de comícios em várias cidades do Brasil, especialmente as capitais e as cidades de médio e grande porte. Em todos estes lugares,

gente das mais variadas regiões se reunia. O desejo de exercitar a democracia era crescente, e o povo ameaçava sorrir para um tempo de paz chegando.

Quando a caravana chegou a Recife, gente de Pernambuco inteiro foi ao centro da Capital ver Miguel Arraes, Teotônio Vilela, Leonel Brizola, Ulisses Guimarães, Franco Montoro discursar ao som de Fafá de Belém e cantar o Hino Nacional junto com o jogador Sócrates e com o radialista Osmar Santos. Carlos Heitor estava lá.

Desde que ouvira falar na campanha das Diretas-Já, engajou-se em participar daquele movimento reivindicatório. Ainda não era filiado a nenhum partido, mas já sentia a memória voltar a funcionar toda vez que militava politicamente. Numa de suas cartas apaixonadas para Lindinha disse que havia aprendido uma coisa importante: respeitar o militar, não o substantivo, mas o verbo. Não tinha exatamente noção do efeito que essa frase provocaria, mas gostara dela. As não-lembranças deixavam sua alma oca, mas ainda viva.

Um dia antes do megaevento político, Carlos ouviu, pela primeira vez, um programa de uma igreja crente no rádio. Nunca tivera a menor disposição para participar de qualquer culto religioso, mas especialmente naquele dia uma força estranha o levou a ouvir. A primeira sensação foi de estranhamento. Achou que o tal pastor gritava demais. Depois parou e prestou mais atenção não no que o religioso dizia, mas sim na sua voz. Era uma voz conhecida. Só não lembrava de onde.

A cabeça doeu. Orou, mesmo sem ter noção disso. A dor passou. Prestou atenção novamente na voz e ouviu quando um ouvinte chamou o pastor pelo nome: Paulo Renato. A cefaleia ficou insuportável. Aquele nome e aquela voz eram conhecidos. Mas de onde? Enquanto se concentrava tentando se lembrar, a dor de cabeça só piorava.

Adormeceu com o rádio ligado e acordou sem sentir o mal estar com o qual dormira. Na madrugada, com a pilha do aparelho bastante enfraquecida enquanto a voz inconfundível

de Gil Gomes contava, desde São Paulo, as tragédias policiais quase em forma de radionovela. Procurou não pensar mais no tal pastor. Dormiu novamente. Foi despertar quase a ponto de perder a hora para o trabalho. A essa altura já estava trabalhando no Sindicato da Pesca de Jaboatão dos Guararapes.

Á tarde foi para Recife e ficou panfletando enquanto aguardava a hora de começar a grande manifestação cívica. Quando a noite chegou e as primeiras bandas começavam a tocar, Carlos Heitor ouviu uma voz conhecida. Virou para ver quem era e viu um rosto familiar. Olhou e evidentemente não lembrou. O homem passou a encará-lo, também procurando reconhecê-lo. De repente ouviu:

– Celso, é você?

O professor olhou, achou que era um rosto conhecido, sorriu, mas não disse nada. Era uma sensação muito estranha, aquela. Sempre fora um bom fisionomista, mas naquele momento tudo era muito estranho. Por mais esforço que fizesse, a memória não elucidava a dúvida sobre quem era. O homem, no entanto, não se fez de rogado. Abriu um largo sorriso e abraçou Carlos Heitor:

– Claro que é você. Dá cá um abraço, camarada!

E se abraçaram no meio da rua como dois velhos conhecidos. Carlos Heitor ainda não sabia de quem se tratava, mas a palavra camarada tinha soado familiar. A dor de cabeça voltou. Todas as tentativas de lembrança invariavelmente acabavam assim. O estranho percebeu coisas bem erradas com o amigo. Carinhosamente foi tentando descobrir o que tinha acontecido. Era em vão. A memória de Carlos Heitor era um fragmento de lembrança.

Didaticamente e com uma paciência de Jó explicou agora o Pastor Paulo Renato. Ele certamente deveria ter ouvido o programa que fazia no rádio. Todo mundo, ao menos uma vez, na grande Recife tinha ouvido falar no programa. Esse fato sim fez sentido e o professor lembrou.

Com mais calma o estranho se revelou: era Paulinho. O

grande amigo que tinha dividido a experiência de alfabetização como forma de conscientização e liberdade com ele em Sítio Baixo. Nesse momento, as recordações passaram a ser luzes espocando na sua memória. Cada palavra dita pelo pastor tinha o efeito de mais um ponto naquela enorme colcha de retalhos que ele teria de costurar: seu passado, sua história.

Paulo Renato foi percebendo a situação do amigo. Convidou-o para, no dia seguinte, ir à Igreja onde ele pregava e depois do culto comer uma pizza. Carlos Heitor declinou o convite. Não tinha dinheiro sequer para um cafezinho com um estranho, imagine para uma pizza. O pastor insistiu e disse que essa ele pagava. A amizade parecia voltar. Lado a lado ouviram os discursos, depois, e algumas vezes gritaram juntos, abraçados, como nos velhos tempos: "Eu quero votar pra presidente"

Desse dia em diante, Paulinho se tornou muito melhor amigo de Carlos Heitor do que antes. Agora sinceramente convertido, não apenas acreditava como procurava fazer com que o homem pudesse mudar completamente de atitude e ser instrumento vivo das mãos de Deus, na construção de um mundo melhor. Havia aprendido também, com a leitura da Palavra e com o desenvolvimento da sua fé, a importância de liberar perdão. Por isso, perdoava todos os seus agressores do passado e mesmo quando ouvia alguém, num púlpito, dizer que não havia existido Ditadura e tortura no Brasil ele apenas murmurava para si mesmo: "Perdoa, pai, ele não sabe o que diz". Toda essa mudança na vida de Paulo Renato agora seria fundamental para a reconstrução do velho Celso Rafael.

Juntos viram a emenda Dante de Oliveira ser rejeitada e o Brasil viver uma grande frustração coletiva. Juntos viram Tancredo Neves ser eleito pelo Congresso Nacional, e também ser internado às pressas na véspera da posse, até morrer em São Paulo. Viram, unidos também, José Sarney - velha raposa política maranhense que fizera fortuna às custas de suas alianças com os militares - chegar à presidência. Juntos viram o Plano Cruzado se tornar um grande cabo eleitoral para o PMDB e de-

pois viram a inflação chegar a níveis estratosféricos de novo. Juntos viram, para tristeza imensa, Fernando Collor chegar à presidência, derrotando o operário Luís Inácio da Silva, o Lula. Tudo isso deu vida a Carlos Heitor, mas nem com tudo isso sua memória voltou a ser como antes.

CAPÍTULO 13 – Amnésia

A memória de Carlos Heitor era uma página em branco. O ano era 1990 e pouco se lembrava da sua história. Suas recordações haviam chegado à Vila Prudente, em São Paulo, na casa onde passara boa parte da infância. Lembrava-se de detalhes de alguns amigos, mas os nomes não voltavam à sua mente. No máximo, os apelidos que os moleques se davam mutuamente. Isso impossibilitava qualquer contato com eles. As poucas referências eram as partilhadas por Paulinho, mas nem assim conseguia contato com familiares. Tudo, na realidade, era muito vago e impreciso.

Com muito custo, conseguiram o endereço de onde os seus pais moravam, em 1970, e Carlos Heitor escreveu uma longa carta contando parte da sua história. Mais exatamente a parte contada pelo pastor, agora convertido numa espécie de anjo da guarda. Falava também de Lindinha, sua grande paixão. O amigo dissera que o nome da moça era Clarinda. Se quisesse poderia procurá-la por todo o Pernambuco. Seria bem mais fácil que encontrar seus pais em São Paulo.

Ele não quis. Já fazia um bom tempo que a menina deixara Sítio Baixo. Provavelmente, a essa altura, já havia casado e tido muitos filhos. Era melhor deixar as coisas como estavam.

Mesmo assim continuava escrevendo cartas para ela, mesmo sem respostas. Em todas suas missivas para a Caixa Postal 12, Sítio Baixo, falava de suas angústias, da amnésia quase total que dominava sua mente, e principalmente do estranhamento que era se lembrar dela, quase em detalhes, e do sentimento bom e intenso nutrido. Em algumas dessas cartas lamentava-se da falta de respostas e dizia que nunca mais escreveria. Não cumpria sua palavra. Era só alguma coisa muito boa ou extremamente ruim acontecer, pegava caneta, papel e

escrevia longas e apaixonadas cartas para Lindinha.

Para tentar ajudar a recuperar a memória, fazia alguns exercícios de concentração e memorização com o pastor. Ainda não havia descido às águas, mas era um cristão praticante. Lia e meditava na palavra diariamente. Procurava mentalizar versículos. Tentava entender mais e melhor os ensinamentos de Cristo e viver uma vida de jejum e oração.

Não concordava quando via alguns fiéis dizerem que a AIDS era a "peste gay" e sofreu ao ver grandes talentos terem a vida ceifada por essa doença. Entendia que havia excessos entre os jovens e mesmo não tendo muita clareza, considerava os anos 1980 como os mais loucos de toda a sua vida. Só comparáveis com os lindamente insanos anos 1960 do "faça amor não faça guerra", "sexo, drogas e rock and roll", e da conscientização e politização do feminino, do racial, do social.

O pastor tinha arrumado um emprego menos pesado para Carlos Heitor. Agora era porteiro de refinado condomínio residencial em Jaboatão dos Guararapes. Em pouco tempo se tornou querido por todos os moradores e rapidamente virou uma espécie de "professor particular" para as crianças, adolescentes e jovens do prédio. Todos achavam incrível que um homem com tanta cultura, sensibilidade e inteligência fosse incapaz de se lembrar, com clareza, do seu passado. Para muitos, isso era uma espécie de fantasia criada para ninguém conhecer ou ficar se intrometendo em sua vida.

Sua antipatia por Fernando Collor era o contraponto daquele porteiro tão simpático e tão querido. Toda vez que criticava o presidente era visto como petista. Não se importava, gostava daquele rótulo e esperava ver um partido realmente popular chegar ao poder. Aos poucos sua identidade era restaurada, ainda que a memória fosse frágil.

Lia sem parar. De tudo. Era eclético e quase que ao pé da letra sua leitura ia do céu ao inferno. Era capaz de ler um capítulo inteiro do Pentateuco, fazendo anotações e em seguida mergulhar na leitura de O Capital ou O Príncipe, ou mesmo

numa parte nada fácil do Inferno, de Dante Aligheri, conseguido emprestado da biblioteca pública. Nunca lera a Bíblia cristã de "cabo a rabo", mas achava estranho quando "seo" Laércio, um senhor de uns sessenta e cinco anos que morava no prédio e frequentava a Igreja que Toninho pastoreava, dizia: "Quanto mais leio a Bíblia de cabo a rabo, menos eu confio nas igrejas e nas religiões."

Ainda pensava em fazer esse tipo de leitura, mas essa não era sua prioridade. Pensava em encontrar Lindinha e passar, ao menos, uma tarde com ela. Escrevia contando as novidades e as respostas continuavam não chegando. Não desistia. Um dia viria uma resposta e certamente as palavras da adolescente fariam com que os cacos de sua memória fossem juntados. Depois, pensava em fazer uma faculdade, mas rapidamente desistia. Para se matricular precisaria de documentos, declarações, registros. Onde ele encontraria tudo aquilo com aquele branco que havia se tornado suas lembranças?

Passou por outra Copa do Mundo sem grandes emoções. O Brasil havia desaprendido o futebol. A tentativa de fazer do nosso futebol irreverente, moleque, um pouco mais europeu, havia dado em nada. Sebastião Lazaroni era mais um nome folclórico a ocupar o cargo mais alto, dentro de campo, do futebol brasileiro.

Em 1992 ocorreram novas eleições municipais. O Governo Collor agonizava, a oposição crescia, o povo ia às ruas pedir o fim da corrupção. O Brasil parecia amadurecer politicamente. Num dos programas do Horário Eleitoral daquele ano, Carlos Heitor foi atraído por uma candidata a vereadora do PSB, partido que ainda mantinha alguma semelhança com a histórica legenda capitaneada por Miguel Arraes por muitos anos. Olhou com atenção a mulher, o nome não era estranho, mas não conseguiu, ainda fazer a relação entre seus olhos, seu coração e a tal Clarinda do Amaral.

Não esqueceu mais do nome e nem do rosto da candidata. Tentou se lembrar de onde conhecia aquele nome, mas a

memória aprontou das suas, mais uma vez. Pensou em perguntar para Paulinho se o nome dizia alguma coisa, mas desistiu. O amigo não parecia mais interessado em política, apenas aspectos que dissessem respeito às coisas do reino. Era admirável o comprometimento do Pastor Paulo Renato em levar a Palavra a todas as pessoas. Costumava dizer que, no processo político havia muita justiça própria e isso estava em desacordo, especialmente, com o que Cristo havia pregado. Porém, Carlos tinha um sentimento estranho em relação a isto: por mais que respeitasse a atitude do amigo, tinha vontade de que ele falasse mais sobre os dois, sobre tudo o que faziam, o que falavam, o que pensavam quando eram jovens. Quem sabe isso acenderia o pavio das reminiscências que teimava em ficar apagado.

Naquele ano votou na tal Clarinda do Amaral e até ficou triste com a sua não eleição. Talvez aquele episódio fosse mais um para ser esquecido e a candidata fosse apenas uma atração platônica que ele tinha sentido.

O tempo passava. A memória não voltava completamente. Nomes, datas, lugares iam lentamente voltando. Mas nada que pudesse ser tecido num mosaico coerente e coeso. Depois de 3 de agosto de 1993, os lampejos começaram a ser mais constantes e os flashbacks começaram a fazer mais sentido. Na final da Copa de 1994, quando Paolo Rossi errou o pênalti e deu o Tetracampeonato para o Brasil, a infância na Vila Prudente voltou com uma clareza que ele não tinha há duas décadas. E o nome de Decinho, vizinho de casa, foi a primeira coisa que veio à sua boca. Aos poucos, Carlos Heitor começava a reencontrar sua história.

CAPÍTULO 14 – O bom pastor

Voltou para Vila Prudente apenas em 1997. Já tinha recuperado bem a memória da infância e algumas lembranças chegavam até a sua juventude. As cartas maternas agora eram respondidas. Falavam até num tal de e-mail, mas Carlos Heitor não entendia direito, ainda, como funcionavam essas coisas. Preferia a velha e antiga correspondência, a ansiedade por receber uma resposta e quem sabe o perfume preferido da remetente, molhado no papel da carta. Esse último detalhe era um sonho secreto cultivado para o dia mais que especial de quando Clarinda respondesse ao menos uma de suas correspondências.

Ao chegar na rua onde havia passado os oito primeiros anos de sua vida, olhou para cada pedaço, emocionado. Não era mais apenas um retorno ao lugar onde tinha vivido parte da sua vida. Era um primeiro reencontro consigo mesmo. Bem lentamente, os efeitos da profunda amnésia iam acabando.

Os doces anos 1970 começavam a voltar, enquanto os vizinhos mais antigos ainda o olhavam com indignação. A história que havia chegado dava conta que Celso Rafael tinha se envolvido com terroristas, assaltando bancos, matando pessoas. Tudo em defesa do comunismo. Dona Amélia, uma portuguesa de tratos severos, já na casa dos seus oitenta anos, quando viu o rapaz na frente da casa, bateu a porta xingando-o.

Carlos Heitor não entendia muito bem tudo aquilo. Paulinho, que havia se tornado um verdadeiro anjo da guarda do amigo, procurava paulatinamente trabalhar todas as informações cujas quais o professor precisava processar. Esse procedimento estava se revelando positivo. Mesmo assim, a reação de boa parte das pessoas causava estranheza nele.

Quando parou no endereço onde morava Decinho, suas lembranças voltaram ainda mais fortes, e Celso Rafael chorou.

Não havia mais nada residencial ali. A casa do amigo tinha sido demolida e um pequeno comércio de três pavimentos tinha sido construído. A rua onde morara, assim como sua memória, estava em cacos. A rua onde morara, assim como sua memória não era mais a mínima sombra do que tinha sido, um dia.

Andou mais um pouco e não reencontrou nenhum amigo de infância. Uns mortos, outros longe dali. Foi até a casa paterna. Sua família era uma das poucas que resistia ao tempo e ainda permanecia no mesmo endereço. Chegando lá, confrontou a realidade: o pai, inválido devido a um AVC, a mãe tendo que se desdobrar para manter a casa, sozinha, porque não haviam conseguido, ainda, aposentadoria por invalidez para o homem. O segundo irmão morando na Itália se recusava a ajudar. Sempre dava alguma desculpa. O irmão caçula, alcoólatra, não contribuía em nada nas despesas. A única irmã até se fazia presente, mas suas ocupações na igreja só permitiam que suas ajudas fossem financeiras, nunca com presença para aliviar a carga da mãe.

O pai não o reconheceu. O irmão caçula, bêbado, fez festa com ele. A mãe não parava de chorar. A irmã apenas ligou, convidando-o para o culto daquela noite. Esse foi o reencontro de Celso Rafael com a família, coincidentemente no mesmo dia em que fazia vinte e sete anos que havia sido preso.

Ele também estava em São Paulo para um encontro da Igreja. A essa altura já era um membro bastante atuante no Ministério de Paulinho, agora vereador em Jaboatão dos Guararapes. A tal Clarinda do Amaral não havia se candidatado no ano anterior, mas ele não esquecera da sua fisionomia, e acabava sendo mais um vulto na memória de Carlos Heitor.

Nos quatro dias de celebração, sentiu que a memória voltaria completamente. Ainda não seria daquela vez. Nesta ocasião, algumas dúvidas começaram a atormentar sua mente: como lidar com a realidade quando todas as lembranças viessem à tona? Como encarar passado e presente e projetar um futuro? Haveria futuro depois de vivificar novamente o vivido?

Refugiava-se na oração, no jejum, na leitura da Palavra. Se o futuro parecia assustador, relembrar o passado poderia ser pior.

Terminando o congresso, chamou Paulinho num canto e pediu para ficar mais uns dias em São Paulo. Talvez mais um mês. O bom pastor entendeu a situação. Como era uma espécie de advogado e procurador de Carlos Heitor, ficou responsável por avisar o condomínio e a dona da pensão onde ele morava. Carlos Heitor tinha mesmo duas férias vencidas e poderia apenas antecipar uma delas. Isso era o mínimo que poderiam dar a ele, depois de tanta dedicação aos moradores.

Nesses 30 dias, Carlos Heitor viu o pai definhar até a morte. Viu a mãe enfrentar com resignação e fé a adversidade, e aceitar o luto estoicamente. Viu o irmão caçula entrar em coma alcoólico depois do enterro. Por esse processo, conseguiu entender como as mulheres são bem mais fortes que os homens, e escreveu uma carta de doze páginas para Lindinha contando essa história.

Voltou para Jaboatão de avião. Foi a primeira vez que voou. Paulinho resolvera dar a passagem de presente de aniversário. Fazia três anos que eles não comemoravam o aniversário de Carlos Heitor, sempre com algum tipo de evento ou compromisso. O voo abriu novas expectativas. Ver a imensidão de São Paulo e Recife sob outro aspecto, permitiu que entendesse sua existência de um jeito diferente. Talvez precisasse abrir mais seu campo de visão e passar a enxergar melhor outras oportunidades para, de alguma maneira, fazer a memória voltar.

Ao chegar em Recife, e ainda pensando assim, seus olhos o conduziram a uma passageira que embarcava. O coração bateu acelerado. As mãos suaram frias. A boca secou. O corpo indicava que aquela mulher era Clarinda. Não havia dúvidas. Mas houve medo e receio. Perdeu a oportunidade do reencontro. Ocasião talvez definitiva, uma vez que a quantidade de malas que levava dava indicativos que ficaria distante muito tempo.

Contou para Paulinho o acontecido, e o pastor ficou extremamente eufórico. A reação de Carlos Heitor era um sinal

claro de que o corpo estava reagindo positiva e contrariamente à letargia que a memória lhe impusera. Mesmo com a empolgação de Paulinho, a sensação de perda da história não permitia que o professor se alegrasse. Quando, porém, o amigo perguntou se ela estava sozinha e ele confirmou que sim, um alívio percorreu sua alma. Havia uma esperança para, no futuro, os dois se encontrarem e serem, enfim, um do outro.

....

Em 1998, Paulinho se elegeu deputado estadual. Seu trabalho social, de inclusão e redução da miséria deu a ele a alcunha de "O Bom pastor". Como mantinha uma atitude coerente entre o púlpito e o palanque, não teve muitas dificuldades em ter seu trabalho reconhecido nas urnas. Ainda que isso significasse uma vitória e uma bênção celestial havia um pequeno problema: Carlos Heitor.

O amigo o tratara, por conta dos episódios frequentes de amnésia lacunar, praticamente como um inválido. Não por maldade, obviamente. Talvez até por excesso de amor. Agora, no entanto, ele não poderia estar mais por perto. Mesmo Recife sendo do lado, geograficamente falando, as atividades como deputado iam acabar provocando deslocamentos por todo o estado e mesmo as atividades pastorais poderiam ficar prejudicadas. Os almoços às terças e quintas e os jantares às quartas, sextas e domingos após os cultos não seriam mais possíveis.

Foi um período difícil para o pastor. Sentia-se responsável por Carlos Heitor. Porém, um dia chegou e expôs os fatos. Falaram tudo o que sentiam e de como deveria ser a nova realidade. Carlos Heitor entendeu, e viu na atitude do amigo, uma forma de ele buscar sua autonomia. Abraçaram-se e ficou definido que procurariam se ver com frequência.

Por uns dias, Carlos Heitor buscou se manter lúcido, procurando lembrar-se de partes incompletas da sua história, porém, como não conseguia respostas mais positivas, nem lembranças

efetivas, voltou a ser a espécie de andarilho como um dia tinha sido. Mesmo ainda trabalhando no prédio como porteiro e tendo os cultos para ir duas ou três vezes por semana não via sua existência com muito sentido. Quando a angústia apertava, ligava para Paulinho que sempre tinha uma palavra amiga para ele e que lembrava o quanto era precioso aos olhos de Deus.

Por mais que buscasse um significado, especialmente numa vida com Deus, mantinha o desejo de estar com amigos, ter suas namoradas, suas aventuras sexuais. Aventuras sexuais, sim senhor. Ele era um homem de pouco mais de cinquenta anos, mas ainda tinha desejos latentes no seu corpo. Sua vida sexual tinha sido bem monótona durante a maior parte da sua vida. Agora se sentia preso nos novos paradigmas morais que enunciavam para ele, e na ausência completa de lembranças concretas de sua história, apenas os seguia sem questioná-los.

Não poucas vezes desabafou esse desejo sublimado para Lindinha. Conforme envelhecia sentia-se mais ousado. Não havia muito para envergonhar. Mais a mais, a destinatária nunca respondia a carta mesmo. Podia ser ousado o quanto quisesse. Quem sabe tanta ousadia acabasse provocando alguma espécie de reação, como uma resposta a tantas missivas.

No pensionato ouvia os mais jovens falar de internet, celular, mensagem, e-mail e ficava curioso para conhecer tudo isso. Relacionar-se com outras pessoas poderia ser interessante por meio de tais tecnologias. Inclusive para tentar recuperar sua própria memória. Mas não tinha mais idade para esse tipo de aprendizado, pensava.

Como já tinha tido contato com a família, vez ou outra ligava para a mãe para saber notícias de todos. O problema é que a tarifa ficava muito cara e seus vencimentos eram bastante limitados. Por isso, acabava sumindo de novo.

Na Copa da França, a memória de Carlos Heitor deu mais um sinal que estava voltando. No jogo de abertura, ao ouvir a Marselhesa, cantou num francês impecável o hino francês. Sim, ele havia aprendido aquele idioma. Até como forma de contestar

o americanismo, não se apegou ao inglês, preferindo falar o idioma de Sartre, Foucault, Barthes, autores que conhecia bem, e que agora vinham novamente à tona, nas suas lembranças. Nesse dia até discutiu alguns conceitos de Arqueologia do Saber, e sorriu. Seus valores ideológicos e culturais pareciam ressuscitar.

A constatação de uma fluência em outro idioma, e a lembrança de conceitos complexos como a teoria de Foucault fez com que Carlos Heitor visse com outros olhos a si mesmo e a sua capacidade de aprender. Decidiu retomar os estudos, o mais rapidamente possível. Iria, inclusive, aprender informática e lidar com computadores. Já que a Internet estava se consolidando como o grande meio de comunicação e interação do próximo século, por que não se adaptar a ela?

A decisão de voltar a estudar foi recebida com euforia por Paulinho. O pastor disse, inclusive, que estaria disposto a ajudá-lo a chegar num novo curso superior. Lembrou-o que ele tinha estudado Filosofia na faculdade e isso o fazia o intelectual da SAL. O bom pastor só não tinha clareza se ele havia concluído o curso. Mas nada que uma conversa ou uma pesquisa em São Paulo não desse jeito. Mais uma vez, se propôs a comprar passagens aéreas e mandar Carlos Heitor a São Paulo pesquisar e levantar esses aspectos da sua vida.

Carlos Heitor, no entanto, ainda demorou para criar coragem e entrar mais uma vez num avião. Mesmo tendo feito profundas reflexões acerca de como poderia enfrentar sua perda de memória, os momentos de turbulência aérea tinham dado medo. Foi falando, por códigos, que em breve estaria com a mãe e os irmãos, mas não sentia um grande respaldo por parte deles. Até que um dia o caçula revelou que seria bem interessante se os quatro se encontrassem no final do ano. A irmã viria ao Brasil ver a mãe. O professor se empolgou e confirmou sua presença nas festas natalinas.

Conversou com o pastor e, enfim, as passagens foram compradas. Os homens que moravam no pensionato com ele revelaram certa dose de inveja. Como um simples porteiro po-

deria viajar tanto de avião? Carlos Heitor não se importou. Apenas usou uma frase que sempre ouvia: "quem tem padrinho, não morre pagão", mas não revelou de onde vinham os recursos para aquela viagem.

No dia 16 de dezembro de 1998 embarcou rumo a São Paulo. Como era quarta-feira, pensou em passear no dia seguinte pelo centro da Paulicéia Desvairada e ver se se lembraria de algumas coisas do seu passado. Iria passar um mês com a família e nesse tempo teria que, ao menos, dar entrada nos papéis para retomar os estudos.

Desceu em Congonhas já no início da noite. O caçula, com hálito etílico, o esperava. Abraçou-o com amor fraterno e disse que ele precisava maneirar na bebida. O clima ficou tenso, mas rapidamente se desfez. Jantou com todos os irmãos homens e combinaram de, na sexta, os três juntos irem buscar a irmã em Guarulhos.

No dia seguinte saiu cedo de casa. Pegou um ônibus, lotado, e depois um metrô até a estação da Praça da República. As ruas estavam entupidas de gente. Todo o centro de São Paulo parecia uma Rua 25 de Março ampliada. O comércio de Natal estava vendendo como nunca. Desde a entrada do Plano Real, em 1994, o brasileiro parecia ter se tornado um consumidor muito mais voraz.

Cansou de ver aquele festival de consumismo e parou numa lanchonete, próximo da Praça Roosevelt. Fazia anos que não tomava uma cerveja, mas naquele dia sentia a garganta seca e quase pedindo um gole. Não teve coragem, no entanto, de fazer o pedido. Não queria trair Deus com aquela atitude imatura. Pediu um guaraná e rapidamente sua memória registrou que aquele sim era o verdadeiro refrigerante brasileiro e de quem não se envergava diante do Tio Sam. De onde viera aquele pensamento? Nunca gostara muito de Coca-Cola, é verdade. Mas achar que aquilo era uma imposição do governo americano querendo interferir em tudo na nossa vida era um exagero, né? Parou. Refletiu de novo. Talvez não fosse tanto

exagero assim e agora suas lembranças estavam trazendo sua identidade à tona.

Enquanto tomava sua bebida e deliciava um churrasco grego, viu um Cinema que anunciava Filmes, Streap-Teases, e Sexo Explícito ao vivo. Lembrou- se que nunca tinha ido num lugar daqueles. Ouvira o irmão falar de estabelecimentos similares na Rua Aurora, nos anos 1980, mas ele mesmo nunca tivera interesse neste tipo de entretenimento. Esqueceu-se completamente dos valores difundidos na igreja, e decidiu seguir seus instintos. Resolveu ver como era. Atravessou a rua e entrou.

Antes de comprar o bilhete resolveu olhar os cartazes dos filmes. Um em especial chamou sua atenção. Principalmente pela atriz. Não era mais exatamente uma mocinha, como a média de idade das mulheres que atuam nesse tipo de película, mas parecia bem conservada e altamente sensual. Olhou com atenção e teve certeza de que conhecia aquela mulher de algum lugar. O rosto era bastante familiar. Mas decididamente não era de prostíbulos ou aventuras sexuais, porque esse nunca fora seu perfil. Porém, a memória não ajudava a recordar de onde poderia ser aquele rosto.

Assistiu ao primeiro filme e não se excitou em nada. Achou tudo aquilo um festival de vulgaridades. Pensou em ir embora, mas lembrou do verdadeiro inferno que estavam a temperatura e as ruas do comércio de São Paulo. Além do que não teria muito que fazer na casa de sua mãe. Estava enfastiado.

De repente anunciaram o início dos shows de streap-tease e em seguida um filme e um espetáculo ao vivo com Ariadne Mendes, a nova sensação pornô do momento. Novamente forçou a memória tentando associar o nome à figura, pois imaginou que Ariadne Mendes fosse a mulher de meia-idade do cartaz. Mais uma vez a memória não ajudou, e não conseguiu se lembrar de quem poderia ser ou parecer a atriz. Procurou relaxar na poltrona pelas próximas duas, três horas.

Quando o filme começou, a sensação de ter visto a tal Ariadne em algum lugar voltou com força. O relaxamento al-

cançado virou, de repente, tensão. Uma voz parecia berrar na sua mente, a necessidade de se lembrar de onde conhecia a tal moça. A cabeça começou a doer. Saiu. Foi ao bar do cinema e comprou um refrigerante. Bebeu tudo num gole e voltou para sala. No corredor viu uma mulher escultural entrando pelo outro corredor. Olhou com atenção: era a tal Ariadne. Parecia ser mais conhecida ainda. O pior é que a atriz também parou e olhou para ele com atenção. Quem seria?

Excitou-se com o desempenho da tal Ariadne. De repente, no palco, começaram instalar grades, e o som ambiente anunciou o número: a escrava sexual. Carlos Heitor respirou fundo. Ia, enfim, assistir um esquete teatral explícito, como muitos já tinham lhe contado.

Quando trouxeram a atriz esfarrapada, com as mãos algemadas e nua, uma profusão de imagens saltou à cabeça do professor. Aos poucos tudo ia começando a ficar completamente com sentido. Lembrou-se de cada sessão de tortura pela qual havia passado, de cada pancada que havia levado e de cada som que tinha escutado junto com os gritos dos seus companheiros. Conforme o ator que fazia o carcereiro ia possuindo a tal Ariadne, voltavam vivas em suas lembranças, as longas horas de sofrimento e dor que tinha sofrido, especialmente em Recife, vendo Fernanda - sua grande amiga - sendo seviciada, currada, sodomizada, estuprada.

De repente tudo ficou claro. Aquela mulher em cena era Fernanda. Só poderia ser. Tudo apontava para isso. Saiu da sala e nem viu o ator ejacular em Ariadne, como pretendia fazer no começo da sessão. Mais a mais já tinha presenciado coisa tão degradante e violenta sem nenhum retoque artístico. Pensou em ir embora, mas a sensação de amizade e companheirismo que Paulinho, o bom pastor, havia demonstrado agora fazia eco nele. Precisava conversar com aquela atriz. Seria mesmo Fernanda?

Esperou no bar do cinema e quando a atriz passou, enrolada num roupão, bem perto dele, não se conteve e perguntou:

– Fernanda, é você?

Para sua surpresa a atriz parou, encarou, ia dizer um desaforo ou alguma coisa parecida, mas ficou calada por uns trinta segundos. Lágrimas escorreram dos seus olhos e ela, começando entrar em prantos, só teve tempo de dizer:

– Rafa? Você tá vivo? Não acabaram com você?

E se abraçaram num longo abraço. Ali a memória de Carlos Heitor começava a voltar completamente. Ali a sua história começava a dar uma virada.

CAPÍTULO 15 – Virada

Quando os copos se tocaram pela quarta vez na madrugada daquela quinta feira, 17 de dezembro de 1998, uma virada estava começando a acontecer na vida de Celso Rafael. A memória, antes cada vez mais parecida com um fogo fátuo, agora estava bem avivada.

Fernanda contava detalhes das reuniões da SAL, das discussões envolvendo política e filosofia, dos inúmeros porres que tinham tomado debatendo livros. Os olhos do rapaz brilhavam a cada narrativa. Uma sensação de paz invadia aqueles dois corações literalmente torturados.

A atração que nunca tinha sido pouca começou a ficar maior. Em nenhum momento, Celso teve o impulso de refrear aquele sentimento que estava recomeçando. Muitos outros homens, no lugar dele, pensariam três ou quatro vezes para se envolver com uma atriz pornô. Ele não estava realmente interessado nisso. Amava Lindinha platonicamente. A natureza humana cobrava, agora, em outra grande companheira de vida, aquele quinhão carnal sublimado durante anos.

O inevitável aconteceu. Saíram do bar e foram para o apartamento de Fernanda. Amaram-se como dois animais no cio. Algo bem diferente para ambos. Ele, porque há quase uma década não sentia o contato com uma pele de mulher. Ela, porque fazia muito tempo que não se sentia amada verdadeiramente por um homem. Por motivos distintos, a paz vinha na forma mais simples de amor.

No final daquela manhã acordaram com ressaca dupla: alcoólica e de prazer. Almoçaram num restaurante popular e despediram-se com um longo beijo na boca, prometendo mutuamente um reencontro na segunda feira, 21, dia de folga de Fernanda. Dali ele voltou para casa e ela foi para o cinema onde

faria suas três sessões diárias de sexo explícito ao vivo.

Nos dias que antecederam o segundo encontro, muitas coisas foram relembradas e planejadas na cabeça de Celso Rafael. O reencontro com Fernanda e a vazão aos instintos tinham afetado alguma área do cérebro responsável pelas memórias, e pela organização de datas e fatos. Dentre essas coisas arquitetadas, a volta aos estudos era tida como prioridade número um. Não sabia ainda como aconteceria isso, mas certamente seria uma das grandes viradas que daria na sua vida. Porém, o encontro com Fernanda tinha despertado um sentimento novo, muito mais intenso: o desejo. Nem parecia um homem de 53 anos, mas sim um completo adolescente, recém-iniciado em sua vida sexual.

Na tarde de domingo, completamente empolgado com Fernanda, escreveu uma longa carta para Lindinha contando, em detalhes, tudo o que sentia e o que tinha acontecido naquele encontro importante. Mais até. Contou tudo o que lembrava e narrou, praticamente em detalhes, sua história. As lembranças não eram mais um fantasma a povoar a mente de Celso Rafael. Mesmo não as tendo em sua totalidade.

No dia seguinte, Celso e Fernanda se encontraram de novo. Almoçaram juntos. Fizeram compras de natal juntos. Foram para o bar juntos. Ali, a amiga contou - em detalhes - tudo o que tinha passado nos anos seguintes à prisão e às mais variadas violências sexuais a que tinha sido submetida pela repressão. Contou de uma profunda depressão, de um profundo desprezo pelo seu corpo, de um mergulho no inferno com sua autoestima, de pensamentos concretos de suicídio. Tudo isso acabou fazendo com que ela optasse pela pornografia. Uma espécie de purgar os seus próprios pecados. Disse tudo isso e caiu num choro compulsivo.

O amigo acariciou os cabelos de Fernanda. Falou do amor de Deus, contou tudo o que tinha vivido e do inferno que tinha sido sua história sem memória. Não fosse Paulinho mostrar como o Pai se importa com a gente, certamente também

ele teria optado pelo suicídio, comentou. Viram-se no outro. A Ditadura havia os transformado numa espécie de zumbis a vegetar por alguns anos. Mortos, mas com os sinais vitais mantidos. Agora, aquele reencontro parecia indicar uma trégua e ao mesmo tempo um renascimento na vida dos dois.

Depois de mais três ou quatro garrafas de cerveja voltaram para o apartamento de Fernanda e novamente se amaram com paixão. Ambos tinham claro que aquilo não era o início de um relacionamento. Era uma amizade diferente que precisava chegar, naquele momento, às últimas consequências. Ainda assim, Celso convidou Fernanda para passar uns dias com ele em Pernambuco. Para sua surpresa ela aceitou. Confuso, chegou até a pensar que fosse acontecer alguma coisa a mais. Novamente estava enganado.

Em janeiro de 1999 foram juntos para Recife. Celso conseguira um quarto de casal no mesmo pensionato em que morava. Nos primeiros dias pareciam realmente namorados. Paulinho não aprovava a relação quase marital de ambos, mas entendia que um estava fazendo muito bem ao outro. Até aos cultos Celso havia levado Fernanda. Lá chegavam e saiam de mãos dadas.

Porém, na segunda semana, ao passear no centro de Recife à noite depois de um dia romântico em Olinda, a coisa começou a mudar. Passaram perto de uma biblioteca e quando chegaram na frente daquele lugar, a fisionomia de Fernanda mudou. Um choro incontido, um olhar de pânico se apoderou dela. Balbuciava sons, palavras quase inaudíveis, ecos guturais de palavras que pareciam dizer "foi aqui... era aqui.... lembra... foi bem aqui que tudo aconteceu... vamos embora daqui agora, Carlos....".

Dali em diante o passeio acabou. O sorriso de Fernanda sumiu. O tesão virou frigidez. Três dias depois pegou o avião de volta a São Paulo. Nunca mais se tocaram. Falaram-se apenas por e-mail, mensagens de celular, e num tempo depois por Orkut, Facebook e Instagram. Até a véspera de ela ser encon-

trada morta, numa manhã fria de 2016, no seu apartamento em São Paulo.

Desde o dia que Fernanda saiu da capital pernambucana, porém, Celso definiu o que faria da vida. Entraria num curso de direito, faria uma especialização ou pós-graduação em história ou filosofia, iria estudar os Direitos Humanos e os efeitos da Ditadura nas emoções e reações dos seus sobreviventes. Deveria haver muito mais gente em condições similares a dele, e poderia ajudá-los com seu conhecimento.

Foi assim que começou sua nova jornada. Primeiro iniciou as aulas de informática, depois preparatórias para o vestibular. Nesse tempo quase se tornou um recluso. Nem mesmo nos cultos ia com tanta frequência. Nas horas de folga, lia ou estava numa Lan House praticando o que havia aprendido no curso. Neste período passou a digitar as cartas que escrevia para Lindinha. Chorou de emoção quando, pela primeira vez, digitou num teclado de computador suas primeiras palavras que acabaram se tornando sua primeira carta para a adolescente. Nela, apenas as três palavras que haviam marcado o início daquela história.

Em 2000 entrou no Curso de Direito noturno da UFPE e logo se tornou aluno exemplar. Lia tudo que era pedido, mergulhava em pesquisas, trazia trabalhos impecáveis, com discussões profundas. Os companheiros de curso o admiravam cada dia mais, e se emocionavam quando contava parte da sua história. Tudo indicava que Celso Rafael tinha encontrado seu caminho.

Pastor Paulinho olhava cada vez mais com admiração a trajetória do amigo. Em 2002 saíra do prédio e ganhara um emprego de aprendiz num grande escritório de advocacia de Recife. Trabalharia menos ganhando praticamente a mesma coisa. Com a grande chance de poder mergulhar nos estudos.

Toda sua história havia feito com que entendesse bem as pessoas que sabiam superar barreiras. Viu essa semelhança no time de Felipão e teve a certeza de que ele iria conquistar

aquela Copa do Mundo do Japão. Com os amigos, nos poucos jogos em horários nos quais os bares estavam abertos, comentava: se Felipão usar histórias de vida para motivar o grupo ele vira paizão e traz essa Copa. Foi o que aconteceu.

Porém, no meio da euforia do pentacampeonato, a virada parecia ter chegado ao fim. Dores de cabeça terríveis tinham voltado e com elas breves esquecimentos e perda de noção espaço-temporal. Tudo indicava, de repente, que agonia estava voltando.

Nem assim, porém, Celso procurou um médico. Foi se automedicando e controlando à sua maneira os efeitos colaterais do que havia passado na prisão. Naquele ano pensou até em se filiar ao PT, mas ao ver Lula fazendo alianças como Maluf, Sarney, Collor e Renan Calheiros desistiu. Acabou optando pelo PDT de Brizola visto que o PSB, que ele tanto defendera em outras épocas, tinha se descaracterizado ao longo dos anos. Em alguns momentos, o partido de Arraes parecia uma agremiação de direita. Sentia uma dor no peito ao ver os rumos que a esquerda no Brasil tinha tomado para chegar ao poder. Entendia, mas realmente não concordava com essa postura.

Ainda assim ficou bem feliz ao ver Lula chegar à presidência, em 2002. Quem sabe a partir dali a história do Brasil também daria uma virada e tudo pelo qual lutara na sua vida, especialmente uma sociedade mais justa e igualitária se tornasse, enfim, realidade.

CAPÍTULO 16 – Eleições

Durante os dois governos Lula, Celso Rafael viveu dias de paz e prosperidade. Mesmo assim, sua saúde e os esquecimentos momentâneos estavam se tornando mais constantes. Nem mesmo os flashes com os fatos vividos estavam acontecendo, ao contrário da cefaleia. Finalmente havia cedido e procurado um neurologista. Mesmo medicado, as dores não passavam.

Celso Rafael agora era um advogado atuante, principalmente na causa dos Direitos Humanos. Mesmo trabalhando num escritório grande, continuava o mesmo homem simples de sempre. Os poucos recursos extras que conseguira ganhar com a advocacia tinham sido suficientes para comprar uma quitinete em Jaboatão dos Guararapes, apenas. Aos sábados, estava sempre com os pescadores que conhecera nos seus tempos desmemoriados e ficava, entre uma conversa e outra, falando de Deus, política, futebol e gastronomia, suas grandes paixões. Aos domingos ficava em casa, lendo, ou ia a barzinhos nas redondezas encontrar outros conhecidos. Mesmo praticamente abstêmio frequentava esses lugares sem culpas. À noite ia à igreja e professava sua fé. Paulinho, agora deputado federal, já não era mais pastor daquele ministério, mas sempre que possível se fazia presente nos cultos, especialmente para estar com Celso. Quando os encontros aconteciam, sempre terminavam comendo uma pizza, como nos velhos tempos.

Falava com a mãe com frequência até 2004 quando ela morreu, de repente. Isso fez com que perdesse também o contato com os irmãos. Agora, raramente se encontravam e não viam muito mais motivo pra isso. Era triste, mas não tinham construído verdadeiramente um núcleo familiar, mas um amontoado de pessoas com o mesmo sobrenome e o mesmo sangue.

As cartas para Lindinha rareavam, mas não acabavam.

Suas preocupações eram realmente outras. Além do que tinha as coisas do partido para cuidar. Fazia parte do departamento jurídico do PDT estadual e sempre havia alguma espécie de demanda para opinar, debater ou dar entrada nos foros eleitorais.

Estas reuniões começaram a se intensificar a partir de 2010 quando os primeiros passos para construir os relatórios da chamada Comissão da Verdade começaram a ser dados. Celso trabalhou ativamente neles e sentia que poderia colaborar com algo mais. Mas as dores de cabeça constante tinham apagado, novamente, todos os detalhes que haviam sido rememorados, especialmente no encontro com Fernanda, doze anos antes. Agora, aos sessenta e cinco anos era um idoso quase sem lembranças da sua juventude. Seria Alzheimer precoce?

Durante os debates e antes que começassem, efetivamente, os depoimentos, Celso foi sentido necessidade de participar mais ativamente das eleições e do processo eleitoral. Mesmo com a ausência da memória, sentia o peito pulsar diferente quando pensava num embate político. Candidatar-se a um cargo público era quase consequência natural da sua participação na sociedade.

Depois de profundas reflexões e consultas a amigos, quase se candidatou a deputado estadual naquele ano, mas entendeu que não tinha condições físicas e financeiras para rodar o estado pedindo votos. Ainda assim esteve na coordenação da campanha do PDT e numa das reuniões com a executiva do PSB estadual viu chegar rapidamente uma vereadora de Recife, extremamente bonita, e que lhe chamou muito a atenção. Ficou olhando fixamente para ela por uns cinco minutos, tentando se lembrar de onde conhecia aquele rosto, mas isto fez com a cefaleia voltasse. Saiu, foi ao banheiro, tomou uma aspirina e voltou. Quando chegou à sala de reuniões a moça já não estava mais lá. Tinha sido chamada, às pressas, para atender uma eleitora que havia sido vítima de agressão do ex-marido.

Ficou um tempo com aquela mulher na sua cabeça, se esforçando para lembrar de onde conhecia o rosto. Nem mesmo

quando viu o horário eleitoral e viu "Clarinda Amaral - Deputada Estadual - 40120", associou o nome à pessoa. Nem mesmo a conexão Clarinda - Lindinha foi feita. Talvez porque estivesse usando outro sobrenome, agora.

Após o término do período eleitoral, ficou apenas sabendo que a tal Clarinda não tinha sido eleita, mas tinha sido convidada por Dilma Roussef para integrar um importante órgão da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Ficou feliz com a notícia e ainda brincou que um lugar tão tenso como aquele ficaria bem melhor com uma mulher tão linda atendendo a população. Celso Rafael era um sonhador.

Durante todo o processo de levantamento dos dados da Comissão da Verdade sua história foi resgatada, o que rendeu um novo abalo à sua saúde. Relembrar cada fato vivido nos cárceres do DEOPS e depois em Recife, provocou um forte desgaste emocional, e por conta disso, sua aparência já bastante castigada pelo tempo se tornou ainda mais fragilizada. As mãos não tinham mais a firmeza de outrora, mas o raciocínio - quando a cefaleia não aparecia - continuava brilhante. Em 2011 ganhou no STF o direito de receber uma indenização e uma aposentadoria de três salários mínimos mensais como reparação financeira de todo o desgaste físico e emocional que a Ditadura o tinha provocado.

Nos anos seguintes, manteve a rotina e em 2012 se candidatou a vereador. Não foi eleito, e acabou na primeira suplência, mas em 2014 assumiu a cadeira, pois um dos vereadores eleitos acabou se elegendo Deputado Federal. No Legislativo Municipal procurou manter uma luta na defesa dos excluídos e na restauração da dignidade dos direitos humanos. Naquela eleição, pôde ter outro encontro momentâneo com a beldade que havia se convertido numa defensora das mulheres, dos excluídos e das minorias: a tal Clarinda do Amaral. Foi no enterro do Governador Eduardo Campos, candidato à presidente, morto num acidente aéreo durante a campanha. Como havia uma multidão de admiradores, políticos, artistas, não foi possível -

mais uma vez - a aproximação. Mas, novamente teve a certeza de que ele a conhecia de algum lugar e de que suas histórias se cruzavam em algum momento.

Em 2014 escreveu apenas três cartas para Lindinha. O cargo na Câmara, a Copa do Mundo, a morte do Governador e a reeleição de Dilma Roussef roubaram muito a sua atenção e seu tempo. No entanto, em cada uma destas situações, a paixão pela aluna e pela política se imbricavam e davam novas conotações à sua memória ainda fragilizada.

No Legislativo, procurou combater a corrupção municipal e chegou a apresentar algumas denúncias que, se não prosperaram no Judiciário, renderam-lhe várias ameaças físicas. Assistir aos jogos da Copa, ao vivo, era um sonho de menino que Celso Rafael pôde realizar. Inclusive com os irmãos. Aproveitando que o evento era no Brasil e que estava, pela primeira vez na vida, com uma situação financeira razoavelmente equilibrada, convidou-os para ver Estados Unidos e Alemanha com ele, na Arena Pernambuco. O estádio ficava a vinte minutos, de carro, da sua casa. Foi um momento de congraçamento familiar. O último, diga-se de passagem.

Com os irmãos foi em algumas festas juninas e celebrou a vida numa alegria poucas vezes vista. Depois de despedir-se deles no Aeroporto de Boa Viagem apenas concentrou-se nas eleições. Nem mesmo o vexame dos 7x1 para a Alemanha o tirou desse propósito. Abatido, envergonhado como todo brasileiro, procurou não esmorecer diante da goleada sofrida. Ao contrário, foi uma das poucas vozes a defender Felipão. Dizia, com frequência: "ninguém desaprende de uma hora para outra. Um técnico que revolucionou o Futebol em Portugal e deu o Penta para o Brasil não pode ser chamado de burro de uma hora pra outra. Aconteceu alguma coisa que nunca iremos saber".

Com a reeleição de Dilma, voltou para seu trabalho na Câmara. Nem com toda a seriedade demonstrada nos dois anos que ali atuou, conseguiu a reeleição em 2016. Abateu-se. Nem se empolgou muito com a eleição estadual em 2018. Concen-

trou suas forças na vã tentativa de não deixar Jair Bolsonaro virar presidente. Sabia o que poderia advir dali. Os discursos do então candidato ecoavam, traziam à vida ideais de opressão, exclusão, mentiras, preconceito e censura. Uma horda estava sendo levantada em torno de um discurso de moralidade administrativa. Um homem que após vinte e oito anos no Congresso Nacional tinha uma herança de apenas dois projetos apresentados e suspeitas graves de enriquecimento ilícito pessoal e familiar, agora havia se tornado paladino da probidade e da competência administrativa. Era preciso combater esse câncer que estava sendo gestado, com aparência messiânica. Tivesse prestado mais atenção, veria que a candidata a vice-governadora era Clarinda, a bela deputada do PSB, agora uma senhora não menos bonita.

Com a avalanche conservadora que assolou o país por meio das urnas democráticas, abateu-se. Aposentou-se pelo INSS, aos 73 anos de idade, com um salário mínimo e meio. Com os três salários que recebia de indenização conseguiu ter uma renda razoável para um idoso solitário e sem descendentes. Mesmo as idas aos cultos rarearam-se. Quando a cefaleia não era constante, ignorava as diretrizes da sua religião e bebia sem culpa umas cervejas e umas cachacinhas artesanais.

A idade avançada fazia com que Celso transitasse sempre pelos mesmos lugares. Era bastante conhecido em determinada região de Jaboatão dos Guararapes. Alguns mais antigos ainda o chamavam de seu Marcos, numa referência aos primeiros anos dele na cidade. Acompanhava a política pela TV, Internet e Jornais.

Foi pela TV que soube da cassação do Governador por problemas na Campanha e a assunção de Clarinda Amaral ao cargo de governadora, em 2019. Como não tinha muito mais o que fazer, resolveu investigar por conta própria a vida da agora governadora e encontrou, enfim, as confirmações que tanto buscava. Clarinda Amaral era, de fato, a sua Lindinha, a mulher que havia descoberto a magia das palavras com ele e

para quem tinha escrito cartas durante quase cinquenta anos, mas que nunca havia respondido.

Escreveu mais duas ou três cartas longas para ela. Dessa vez endereçada à sede do Governo do Estado, ao Palácio Campo das Princesas. Recebeu, nessa ocasião, três respostas da assessoria, confirmando o recebimento das missivas e que, assim que possível, a governadora daria um retorno para suas solicitações. Ele riu. Não havia solicitado nada. Ou melhor, havia pedido apenas resposta para aquelas milhares de cartas que tinha escrito.

Esqueceu a burocracia e procurou tocar sua vida, sem grandes perspectivas de futuro. O tempo avançava e os sinais de cansaço de tudo começavam a se tornar mais evidentes. Tudo era monotonia. Não havia novidades. O Brasil continuava preso a um presidente megalomaníaco que teimava em vender tudo. Pernambuco não conseguia crescer porque o governo federal retaliava quem não dera votos a ele. Jaboatão dos Guararapes, como boa parte do Nordeste, parecia acompanhar esta estagnação.

Nem procurou acompanhar mais as notícias que envolviam os documentos da Comissão da Verdade. E foi com grande surpresa que, em fevereiro de 2020 recebeu o convite para a sessão que tornaria público os documentos daquele período negro de nossa história. Depois de um embate intenso com o Governo Federal que teimava em postergar e até mesmo estimulava a queima daqueles arquivos, Clarinda Amaral fizera prevalecer a sua vontade e o povo de Pernambuco poderia, enfim, conhecer um pouco melhor a história do Brasil.

O COVID acabou antecipando o encontro, visto que, na semana seguinte o Estado entraria em quarentena. Assim, no dia 21 de março de 2020 pôs sua melhor roupa e com uma emoção poucas vezes vista antes, chamou um Uber para o levar até a solenidade. Seria mais uma oportunidade de estar perto de Clarinda Amaral, a sua Lindinha, e talvez conversar com ela.

Enquanto esperava o carro, a cefaleia voltou com força.

Pensou em desistir. Desistiu de desistir. Talvez fosse essa a última chance de reencontrar seu passado. Sorrindo, entrou no carro e foi até a Assembleia Legislativa do Estado onde seria realizada a cerimônia.

CAPÍTULO 17 – Quase memória

Ao adentrar no gabinete da governadora, Clarinda o fez se sentir à vontade e sem dizer uma palavra, foi até um armário próximo e tirou uma caixa de médio porte. Sorrindo disse:

– Enfim acho que vou poder falar sobre isso aqui.

Ao abrir a caixa, Clarinda tirou dela centenas de cartas. Os olhos de Carlos Heitor encheram de lágrimas. O tempo não havia roubado a essência da sua Lindinha, e ela era realmente a governadora do seu estado, agora.

Caprichosamente, Clarinda colocou os pacotes sobre a ampla mesa, dividindo-os em cinco blocos. Todos, rigorosamente todos, traziam anotações dela em seus envelopes. Em alguns, havia algumas coisas escritas em códigos, sugerindo o que ela pensou dizer numa eventual resposta. Levantou os olhos e encarando Carlos Heitor disse:

– Você não quer ver isso?

As forças pareciam faltar. A memória, sempre querendo pregar peças, parecia estar agora reencontrando seu caminho. Tudo voltava à tona. Celso e Lindinha tinham sim escrito uma história emocionante. Algo bem distanciado do clima tenso e de terror vividos nos anos 1970 e que cinquenta anos depois alguns defendiam sua volta ou minimizavam seus efeitos, achando extremamente necessário aquilo.

A Ditadura, a "necessidade" de eliminar a "praga" comunista e manter a boa família católica e tradicional brasileira haviam completamente negado a possibilidade de Celso e Lindinha viverem uma história de amor, como a de todo e qualquer jovem. Ele era uma espécie de peste a ser eliminada, e por isso não tinha direito de sonhar ou amar, ou pior ainda: envolver-se com meninas de boas famílias, como era o caso de Lindinha.

O fato de Celso conhecer alguns rapazes que lutavam

contra um discurso e uma prática monológica, contra um governo que silenciava pensamentos contrários e embalsamava mentes reflexivas, rotulando-as como perigosas e subversivas, havia feito dele um instrumento perigoso e/ou fonte de informações preciosas que poderiam colocar um ponto final nessa ameaça terrível que assolava o solo brasileiro. O problema era que ele só foi conhecer mesmo a realidade, cuja qual seus amigos lutavam contra, já na prisão, passando por uma série de espancamentos, humilhações e privações. Até mesmo sua consciência política de hoje tinha vindo depois de tudo aquilo.

O melhor de tudo isso, porém, era que o sentimento bom, quando une duas pessoas, raramente se apaga. Arrefece, talvez. Entre Carlos Heitor e Clarinda aquele sentimento nunca havia mudado. Os quase quatros anos de convivência na aridez do sertão haviam deixado uma brisa suave de amor na alma. Sublimaram este sentimento, é verdade, mas sabiam exatamente o que sentiam um pelo outro.

Com as mãos suando frio, Carlos foi, vagarosamente, à mesa da governadora onde repousavam aquelas centenas de envelope manuscritos. Quando chegou perto da caixa e daqueles papéis amarelados, o choro se tornou convulsivo. Estava reencontrando sua história.

Todas aquelas cartas diziam muito da sua vida. Elas talvez representassem os anos mais confusos, mais tensos, mas nelas estavam os registros que ainda tinham dado a ele um mínimo de alívio e felicidade - se é que poderia chamar assim - aqueles anos terríveis que tinha vivido.

Pegou as mais amareladas em suas mãos. Abriu uma delas. Novo choro. Nela estava apenas escrito apenas as três palavras, como Carlos Heitor um dia tinha ensinado que faria a diferença, agora faziam o maior sentido. Em apenas três palavras ele havia conseguido sintetizar várias vezes o que sentira por Clarinda. Naquele momento, diante dela, poderia dizer exatamente isso.

Clarinda, percebendo como Carlos Heitor estava reagin-

do, resolveu ajudá-lo. Tomou mais uma vez a frente e perguntou:

– Você tem ideia do quanto significou para mim ler essas três palavras a primeira vez na minha vida? Tem ideia de quanto significa para alguém aprender a ler, e as primeiras coisas não serem seu nome, ou nome do pai, mas simplesmente três pequenas palavras que são gatilhos para tanto sentimento bom?

Com os olhos cheios de lágrima, Celso respondeu:

– Me perdoa?

Clarinda, em lágrimas como há muito não se via, sorriu e respondeu:

– Perdoar do que? De ter me ensinado a importância do amor? De ter me dado consciência política? De ter me mostrado como o mundo pode ser um lugar melhor? De ter feito de mim uma profissional que ensinou um monte de meninas como eu a pensar, a refletir, a se posicionar e não mais ser brinquedinho numa sociedade machista, exclusivista, sectária? Acho que realmente isso não precisa de perdão, Carlos.

Sabe, Carlos, eu já perdoei quase tudo nessa vida. Agora, te vendo aqui na minha frente, acho que consigo liberar o resto do perdão que faltava. Durante anos fiquei sem falar com Marinho, meu irmão, por causa daquela carta enviada para o CCC que acabou resultando na sua prisão. Quando li o seu desespero nessas cartas sanfonadas, vi o tamanho do mal que Aldemário tinha feito na sua vida, e, confesso até cheguei a odiá-lo. O tempo, porém, me fez superar isso. Hoje a gente é quase amigo, mas não se odeia mais. Você nunca me prejudicou. Você me deu asas. Você me ensinou a voar. Você foi a mola propulsora a essa transformação que aconteceu na minha vida. Da retirante sem futuro à governadora do meu estado. Tem ideia do quanto eu cresci, graças a você também, Carlos Heitor? Hoje ainda vou agradecer muito a Deus a oportunidade de estar contando tudo isso para você, te vendo vivo, inteiro, aqui na minha frente. Muitas vezes tuas cartas tinham me dado exatamente a certeza do contrário.

Celso, que vinha conseguindo controlar sua emoção, chorou de novo. As palavras da governadora o emocionaram profundamente. Como em flashbacks, trechos de cada pedaço da sua vida iam se mostrando. Balbuciando, apenas conseguiu dizer:

– Santa Cruz.

Foi a vez de Clarinda chorar. As palavras Santa Cruz a conduziram àquela seca, àquele sofrimento que tão bem conhecera na sua infância e na sua adolescência. Lembrou-se da enorme coleção de bonecas de espiga de milho que tinha e que davam o mínimo de fantasia e sanidade num mundo tão hostil. Lembrou-se do dia em que aquele homem chegou, em meio a uma nuvem de vento e poeira para mudar sua vida.

Com a voz embargada, a agora governadora falou da emoção quando soube que dois jovens, que estavam estudando para ser padres, iam passar um tempo ali, ensinando o povo a ler e a escrever. Celso riu. Mesmo sem se lembrar de detalhes, sabia que a história dos seminaristas tinham sido a maior mentira vivida por ele e Paulinho. Resolveu contar, agora, à Clarinda a verdade.

– A gente nunca foi seminarista. Na realidade até a gente ficar escondido naquele seminário, Paulinho nunca tinha lido nada de Deus.

A governadora riu. Ela já sabia daquilo. Na busca feita atrás de informações sobre Carlos Heitor, tinha descoberto a realidade dos dois. As cartas insinuavam isso. Depois, ouviu dizer que eram guerrilheiros que foram parar no Sertão como fuga da repressão. Carlos Heitor não gostou do termo guerrilheiros, mas concordou com o resto.

A memória voltava. A imagem de Clarinda, adolescente, aos 15 anos, saindo daquela casa de pau a pique com um brilho diferente no olhar e um sorriso contagiante, surgiu com clareza nas lembranças de Carlos Heitor. Naquela fase da vida, aos 75 anos, não tinha mais sentido conter as emoções. Aliás, já às havia sublimado muito, pelos mais variados motivos. Se as

reminiscências do passado eram bastante obscuras e indefinidas, a certeza do que ele sentira por Clarinda desde o primeiro encontro era absoluta. Quase sem receio perguntou:

– Governadora, já ouviu falar de amor à primeira vista?

– Oxente, Celso. E quem não?

– Acredita nisso?

– Sei não se acredito, Celso. Às vezes penso que sim. Outras acho que é leseira da minha cabeça.

– Pois eu te amei desde que te vi.

Visivelmente emocionada com a sinceridade de Celso, Clarinda resolveu contar sua versão da história. Falou abertamente, e pela primeira vez, da sensação boa sentida quando conseguiu juntar aquelas três palavras e entender aquele enunciado. As palavras, pela primeira vez, transcendiam ao significado imaginado nas rádios-novelas. Não, aquele não era um amor ágape, desinteressado ou uma admiração de um professor por uma aluna. Certamente era uma coisa bem maior.

Concordando, Celso falou da angústia pela qual passava toda a vez que ia para Recife, especialmente passear por determinados lugares. Depois da reação extremada de Fernanda, e como o seu sentimento só piorou.

Outras vezes imaginava ser preso ou sequestrado sem nenhum motivo aparente. Diante de tanta opressão mental, agarrava-se às lembranças de sua Lindinha, mesmo que isso alterasse, um pouco, sua respiração. Será que aquela falta de ar seria, de fato, o tal amor que as novelas da rádio falavam?

Clarinda não respondeu. Preferiu retomar suas lembranças mais puras, e nem por isso menos vivas. Lembrou das noites de luar no sertão. Olhou bem para Celso e com um sorriso malicioso no rosto disse que ele poderia ter sido mais ousado. Ela não ia se importar de ser abraçada com furor e até despertada para seus desejos mais íntimos e desconhecidos até então.

Celso riu. Lindinha era um mundo para ele. Um mundo no qual não ousaria violentar. Um mundo perfeito. Ao seu lado sentia-se uma espécie de Pequeno Príncipe. Não ousaria mes-

mo fazer qualquer coisa que quebrasse esse paradigma. Com ela, sexo realmente só após o casamento.

Clarinda sentiu-se lisonjeada com a postura de Celso. Agora, em tempos pós-modernos nos quais até as verdades são relativas, saber que foi cortejada como uma dama do século XII trouxe um alento à sua alma. Os homens com quem se relacionara não tinham esse tipo de sensibilidade. Não eram machistas incorrigíveis, nem violentadores, mas também não tinham esse tato no tratar com o feminino. De repente soubera, décadas depois, que alguém literalmente a cortejara.

Abriu outra caixa e, dessa vez, gargalhou. Com calma tirou uma bolsinha surrada, de couro, e em seguida, com dificuldade, abriu o fecho. Era aquela bolsa que um dia o pai dera num natal e onde estavam as primeiras cartas. Sua inocência era tanta que imaginava encontrar com ele, usando aquela bolsinha e, de repente, tirá-las todas de dentro e jogar nas suas mãos, atirando-se em ato contínuo. Tirou uma e leu:

"Lindinha. Desculpe te chamar assim, mas tomei a liberdade de te dizer certas coisas que não tenho coragem. Imagino que quando ler essa carta você vai ficar bem zangada comigo. Tudo bem. Meu tempo aqui em Sítio Baixo está acabando. Emocionei-me desde o primeiro dia que te vi. Te amei desde então. Quando vi você escrever a primeira palavra, não consegui esconder minha alegria. Chorei de felicidade aquela noite. Obrigado por me fazer um homem novo e feliz."

Olhou com carinho para Celso. O silêncio, naquele momento, falava muito mais do que qualquer palavra. Na sua idade, não podia mais deixar passar qualquer possibilidade de viver o amor. Aproximou-se dela no afã do tão sonhado primeiro beijo, mas a governadora se afastou a tempo de evitar o encontro dos dois lábios. Havia ainda muita coisa a ser dita e vista naquele reencontro. Pegou uma outra carta e leu, olhou, pensou e perguntou:

– E esse nome, Carlos Heitor, tu tirou de onde? Tem alguma coisa a ver com o Cony?

Celso assentiu e explicou. Desde o encontro com o Pastor Paulinho, em 1983, ele não usara mais esse pseudônimo. Nem mesmo no dia em que bebera, na mesma mesa, com o cronista homenageado com o nome de guerra, em 1990, usou Carlos Heitor. Preferiu falar de si com o nome do cantor da jovem guarda. Naquele dia, aliás, ao lembrar-se do músico apiedou-se do estado de embriaguez com que vira o verdadeiro Marcos Roberto, um mês antes, resultado da profunda depressão que já estava.

– Oxe que tanta informação assim tá me deixando meio lesada, Celso. Afinal quantos nomes falsos você teve? Você também já foi Marcos Roberto?

– Sim, por um tempinho fui sim. Era assim que me chamavam quando eu não lembrava de nada da minha vida.

– Não lembrava de nada, como? Perguntou assustada, Clarinda.

– Nada. Só de você e ainda assim muito mal. Até fui te procurar em Sítio Baixo, mesmo sem saber como você era, mas não sabia exatamente o que iria encontrar.

– Foi pra Sítio Baixo atrás de mim, quando?

– Em 1982, mas você não morava lá.

– 82 foi o ano que saí de Sítio Baixo para iniciar o ginásio em Santa Cruz.

– É... Mané das Candongas me contou.

– Você teve com ele?

– Uma tarde inteira. Foi uma das melhores coisas que me aconteceu. Foi bem no dia que o Brasil perdeu para Itália. Quase cheguei a tempo de assistir ao jogo na mercearia dele.

– Lembro desse dia. Chorei. Vi muita criança sofrendo com a eliminação do Brasil. Foi quando decidi que ia ser professora e fazer da educação a forma de resgatar a autoestima e a cidadania da minha cidade, da minha região. Era a forma de agradecer a quem tinha feito a coisa mais linda na minha vida: me ensinar a ler. Lembra quem foi essa pessoa, Celso?

Celso Riu e respondeu monossilabicamente:

– Eu.

– Pois é. Com quinze anos resolvi que ia mudar minha história, meu país. Nem sabia ler direito, mas tinha essa vontade na alma. Quando, lendo suas cartas cifradas, entendi o que os militares tinham feito com gente como você, Celso essa minha decisão ficou ainda mais viva, sabia?

Celso sorriu, transbordando as emoções mais variadas. Desde aquele desencontro no Aeroporto em Recife, em 1998, acalentara o sonho de estar sozinho com Lindinha e de repente estavam ali, juntos. A vida tinha dado uma oportunidade de ouro para reconstruírem e começar sua história. Ou o termo mais apropriado seria recomeçar? Faltava, ainda, coragem. O professor era definitivamente um fleumático.

A governadora foi até outro balcão e abriu uma porta. Havia mais outras centenas de cartas. Encarou-o e perguntou:

– Sabe o que é isso?

– Sei não.

– Venha aqui, olhe você mesmo. Acho que a gente precisa mesmo conversar sobre isso.

Titubeante, Celso foi até as cartas e olhou-as com atenção. A cada envelope que pegava o peito apertava, a cabeça doía, a felicidade voltava. Clarinda havia sim, respondido todas as cartas, porém nenhuma delas havia chegado ao seu destinatário. Por uma brincadeira do destino, havia confundido o número da caixa postal de Celso e ao invés de colocar o número 15, sempre colocava a Caixa postal 17. Esse endereço postal não tinha locatário, de forma que as cartas foram se acumulando ali até que alguém o locasse e encontrasse várias cartas depositadas. Só depois é que ela começou a receber tudo de volta. No entanto, havia guardado cada uma delas. Sabia que, de alguma forma, um dia chegariam ao seu destinatário. A vida dava realmente voltas, e um reencontro era possível, mesmo sendo muito improvável.

– Eu nunca pensei que essas cartas existissem, Lindinha.

– Sempre existiram, Celso. Sempre senti algo muito espe-

cial por você. Acho mesmo que era amor. Mesmo quando li isso.

Pegou uma carta grande e mostrou para ele. Era a carta na qual relatava, empolgado, o encontro com Fernanda.

– Teve ciúme, é?

– Acho que sim.

Celso se sentiu vitorioso, e abriu a boca, dando um risinho. Em algum momento da história, Clarinda tinha mostrado reciprocidade a tudo que sentira ao longo da vida. Fernanda provocara o sentimento mais nocivo e ao mesmo tempo mais humano na agora Governadora.

Leu mais algumas cartas, sempre se emocionando. Clarinda respirava aliviada. O reencontro com o homem que havia lhe dado a capacidade de ler, de pensar, de poder fazer a diferença na vida das pessoas fazia com que ela pudesse se sentir de bem com a vida. Especialmente naqueles dias terríveis em que se recobrava do luto da perda do esposo e da completa ingovernabilidade que o Governo Federal havia deixado o Estado de Pernambuco, numa espécie de retaliação por não ter dado a vitória ao presidente eleito.

Ela preferiu não falar nada disso com Celso. O momento era de ternura, apenas. Enquanto ele lia algumas cartas e enxugava as lágrimas, Clarinda escreveu um rápido bilhete com o papel timbrado do Gabinete do Governador e colocou num envelope azul.

Entre lágrimas, Celso Rafael parou de ler as cartas, olhou para Clarinda e disse:

– Acho que vou precisar de mais uma vida para ler tudo isso.

– E você terá meu querido, você terá. O amor, assim, como as palavras nos devolve a vida. O amor, assim como a magia das palavras, nos destrava sentimentos e nos faz renovados. Aquela menina sem perspectiva nenhuma de futuro chegou até aqui por causa de duas coisas: amor e palavras. Nessas duas coisas você estava presente, Celso Rafael Esteves. Mais que isso. Não fosse sua disposição de me ensinar a reconhecer

e amar as palavras e se não fosse esse amor desmedido seu, certamente minha vida seria bem diferente. Talvez uma vida triste, como a de muitas meninas e mulheres lá do Sítio Baixo. Você mudou minha história.

– Não sei se foi bem eu ou Deus.

– Talvez os dois. Talvez o amor Dele tenha movido o seu amor.

Os olhares se encontraram mais de perto. A respiração começou a ser dividida. Os corações começaram a bater mais acelerados. As bocas, enfim, se uniram no tão sonhado e desejado beijo. Toda uma história estava sendo remida e redimida. Se fosse possível uma pausa no tempo, o momento era aquele.

De repente batem à porta. Parecia ser urgente. Clarinda abre e uma criança corre abraçá-la. Era sua neta, perguntando se a avó a levaria para passear no fim de semana. Ela pegou a menina no colo e disse que não, porque o estado entraria em quarentena e todos deveriam ficar em casa, mas ela podia pedir para os pais para passar o tempo de pandemia com a vovó, no Palácio das Princesas. A criança deu um grito de euforia. Depois, sem jeito, Clarinda mostrou a menina para Celso e disse

– Esse é um amigo especial da vovó. Ele praticamente salvou a vida da vovó.

A criança arregalou os olhos e disse:

– Uau eu sempre quis conhecer um super-homem. Só não imaginava que super-herói também ficasse velhinho.

Riram bastante. Trocaram mais algumas palavras e, de repente, Celso viu que o sol se despedia naquele dia de outono quente pernambucano. Olhou para o relógio e disse que precisava ir. Clarinda ainda tentou segurá-lo mais um pouco, mas ele insistiu que precisava ir. Ficaram de se encontrar o mais rápido possível, assim que passasse o período de quarentena. Contrariando a recomendação da OMS, porque naquele momento nem uma Assembleia Geral da ONU poderia impedir, abraçaram-se com a gama mais variada de sentimentos. Quando ia saindo, a governadora o deteve:

– Celso, meu querido, me perdoe por não ter oferecido uma carona antes. Vou pedir pro meu motorista te levar. É o mínimo que eu posso fazer por você depois dessa tarde incrível.

– Não precisa, Lindinha.

– Eu insisto. Até porque para você levar todas essas cartas vai realmente precisar de um carro.

Em seguida, ela chamou o motorista, abraçou Celso e sussurrou no seu ouvido o quanto o amava e que mesmo em tempos difíceis como os atuais seria bom estarem juntos e próximos. Talvez até viverem uma história de amor. Da pandemia surgiria uma nova sociedade, quem sabe muito melhor. Nesse novo lugar, os dois teriam seu espaço.

No caminho para casa, vendo o lindo entardecer, Celso percebeu o envelope azul no seu paletó e abriu. Nele estava escrito:

"Celso, meu amor. Todas as cartas que eu te escrevi e todas as cartas que ainda te escreverei não serão capazes de expressar tudo o que você fez por mim. Nunca ninguém me amou de tal forma a ponto de primeiro me ensinar a ler o que é o amor para depois senti-lo. Ver você em contato com todas as cartas desajeitadas que te escrevi, se emocionando como um garoto, me faz ter a certeza de quanto especial você foi e você é para mim. Ainda bem que com toda a tortura e toda a violência que a Ditadura lhe impôs, você não perdeu a doçura e a atenção daquele professor que me fez ler e escrever as primeiras palavras. Obrigada por mudar minha história. Obrigada por fazer a diferença na minha vida. Com amor, eu".

Sorriu. Aquelas três palavras voltavam a fazer sentido. O amor vencera o ódio. A esperança vencera o desânimo. A fé restabelecera a verdade, a paixão e a liberdade. Quem sabe a história do país ainda fosse completamente mudada com todos esses elementos: amor, educação, palavras. Três palavras poderosas. Tanto quanto Ditadura nunca mais ou não vamos esquecer. Respirou fundo e olhando o pôr do sol, sentiu tudo de bom voltar à sua alma e, pensando na sua história e em Lin-

dinha, apenas repetiu as três palavras que tanto marcaram sua existência e transformaram a vida de Clarinda: “Com amor, eu.”

Eduardo Baccarin-Costa
2018 – 2020.

Miolo impresso em papel avena 80g, na cor preta e capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores.
Fonte: Família Figtree.

[ROMANCE]

SINOPSE

Em meio à escuridão da ditadura, uma história de amor e resistência nasce através de cartas não respondidas. Carlos Heitor e Clarinda Amaral, separados pelo regime, mantêm viva a chama da esperança e da liberdade por meio de palavras. Através de décadas de luta, tortura, e silêncio forçado, a palavra se torna o refúgio e a arma contra a opressão. De Clarinda, a educadora que descobre o poder transformador da alfabetização, a Carlos, o apaixonado que grita sua verdade em cartas, até a redescoberta da democracia. Este livro é um testemunho emocionante da força humana.

O AUTOR

Eduardo Baccarin-Costa é professor, poeta, escritor. Tem 13 livros publicados. Venceu o Concurso da Editora Leia Livros na categoria romance com: "O solitário do 406" (2018), "Um som diferente" (2019), "Liberdade condicional" (2020) e "O homem do tempo" (2021). Venceu o Concurso Outras Palavras da Secretaria de Cultura do Paraná na categoria romance com "Apenas três palavras" (2020). Foi segundo colocado no Prêmio Uirapuru de Literatura (2021), na categoria Texto Dramático com a versão para o teatro do romance "Liberdade condicional". Ocupa a cadeira 39 da Academia de Letras de Londrina

Avalie nosso projeto.

ISBN 978-65-5422-106-1

LEI PAULO GUSTAVO
A LEI ALDIR BLANC PARANÁ
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO